

30 A 31
JUL
2024

ANAIS DE EVENTO

FELIS IN RECIFE

SIMPÓSIO DE MEDICINA FELINA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S612a Simpósio de Medicina Felina (1 : 2024 : Recife, PE).
Anais do Felis in Recife: anais [do] 1. Simpósio de Medicina Felina, 30 a 31 de julho de 2024, Recife, PE [recurso eletrônico] / Daniela Maria Bastos de Souza ... [et al.]. (organizadoras). – 1. ed. - Recife: UFRPE, Departamento de Medicina Veterinária, 2024.
114 p.
Publicado na revista Medicina Veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como suplemento n. 1.
Inclui bibliografia.
1. Medicina veterinária de pequenos animais 2. Gatos 3. Cirurgia veterinária 4. Patologia clínica veterinária 5. Medicina integrativa 6. Assistência médico-social I. Souza, Daniela Maria Bastos de, org. II. Título

CDD 636.8089



EDITORIAL

O **Grupo de Estudos em Medicina Felina (GEFel - UFRPE)**, coordenado pelas professoras Daniela Maria Bastos de Souza, Lilian Sabrina Silvestre de Andrade e Roseana Tereza Diniz de Moura, realizou com entusiasmo o primeiro simpósio de 2024, o **FELIS IN RECIFE - Simpósio de Medicina Felina - 1ª edição**. Pensado com dedicação para profissionais e estudantes da área, o evento contou com a colaboração de outros grupos de estudos da universidade: Grupo de Estudos de Clínica Médica de Animais de Companhia (GEPet - UFRPE), Grupo de Estudos em Bioética, Bem Estar animal e Manejo da Dor (Proética- UFRPE), Grupo de Estudos em Farmacologia Veterinária (GEFaV - UFRPE) e o Grupo de Estudos em Patologia Clínica Veterinária (GEPaC - UFRPE). O simpósio, focado em Medicina Felina, incluiu submissões de trabalhos científicos, apresentações de banners e minicursos. Realizado nos dias 30 e 31 de julho, no anfiteatro do CEGOE da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE - SEDE), o evento reuniu cerca de 200 participantes, promovendo a interação entre discentes e profissionais, além de facilitar o intercâmbio entre diversas instituições, empresas, profissionais e alunos.

Além de disseminar conhecimento atualizado, promover debates científicos e incentivar o *networking*, o evento teve como objetivo arrecadar doações para o hospital veterinário escola da universidade, aprimorando o atendimento à comunidade e enriquecendo as aulas práticas.

Os anais deste evento são um compilado de **50 trabalhos aprovados**, incluindo revisões de literatura e relatos de caso nas mais diversas áreas da medicina felina. Essencial para qualquer apaixonado por cuidar dos nossos queridos gatinhos através da arte da medicina.

Aos autores e à comissão científica, expressamos nossos sinceros agradecimentos pelo interesse, dedicação e confiança depositados no nosso evento, assim como pelo engajamento na produção científica! Agradecemos também aos palestrantes, que acreditaram no projeto desde o início, nos honrando com sua presença e compromisso em compartilhar conhecimento em prol do bem-estar animal. Nossos agradecimentos se estendem aos generosos patrocinadores, cujo apoio foi essencial para a realização do evento e para a divulgação de opções inovadoras na terapêutica felina. À professora Daniela Maria Bastos de Souza, agradecemos profundamente pela confiança em nossa equipe, pelo apoio às nossas ideias e por estar ao nosso lado durante todo o processo! A cada ouvinte e membro da comissão organizadora. Sem vocês não teríamos conseguido tornar esse evento um sucesso, memorável e enriquecedor.



REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO





COORDENAÇÃO

Daniela Maria Bastos de Souza

Leticia Grazielle da Conceição Amorim

Maria Luiza de Andrade Rêgo

Sophia Omena Ribeiro

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carolina Jones Ferreira Lima da Silva

Daniela Maria Bastos de Souza

Esdras Cabral de Melo Júnior

Francisco de Assis Leite Souza

Hélida Maria de Lima Maranhão Brasileiro

Lílian Sabrina Silvestre de Andrade

Maíra Maria Meira das Chagas

Myllena Jeronimo Angelo da Silva

José Anderson da Silva Rocha

EDITORAÇÃO

Daniela Maria Bastos de Souza

Emily Tamiris Lins da Silva

Maria Luiza de Andrade Rêgo

Odeilza de Nascimento Trajano

Sophia Omena Ribeiro

COMISSÃO ORGANIZADORA

GEPaC

Livia Cavalcanti de Menezes Ferreira
Lucas Macena Sobral
Maria Luiza Batalha
Millena Mirna Neves de Carvalho
Nathalia Augusta do vale Bezerra
Rayanne D'arc Marinho Ramos
Rebecca Gatis Galvão

GEFaV

Ana Beatriz Magalhães de A. Monteiro
Beatriz Barbosa Gonçalves
Edson Rogério da Silva
Lucas Henry Fernandes e Silva
Maria Fernanda Maia de Santana

Proética

Alex Rodrigues Dos Santos Valença
Bárbara Galdino Ribeiro dos Santos
Briana Talita de Araujo Lima
Mariah de Moraes Lemos
Rebeca Aguiar Duarte

GEPet

Iasmyn Gabriella Lima da Silva
Malu Sampaio Sá
Milene Iara Fagundes da Silva

GEFel

Alexandre Parreira de Araujo
Aline Gabrielly Thorpe Bispo
Ana Cláudia da Silva Jardelino Jordão
Ana Vitória Ferreira da Silva
Bianca dos Santos Cunha de Santana
Charles Demetrius G. da Silva Júnior
Débora de Lima Araújo
Emily Tamiris Lins da Silva
Fernanda Aguiar Pacheco dos Santos
Gabriela Veloso Machado
Leticia Grazielle da Conceição Amorim
Luiza Pessoa Cavalcanti Felix
Luzanira Maria Tavares Pessoa
Maria Carolina Oliveira Lima
Maria Luiza de Andrade Rêgo
Marília Cabral da Silva
Maryanna Luiza Pereira Marinho
Mayra Regina de Oliveira Ramos
Millena Mirna Neves de Carvalho
Odeilza do Nascimento Trajano
Sophia Omena Ribeiro
Tayra Alves Neves Araujo
Thaynná Camila Moraes A.G. da Silva
Weruska Manuela Bezerra da Silva

SUMÁRIO

MEDICINA VETERINÁRIA COMPORTAMENTAL DE FELINOS DOMÉSTICOS

ASPECTOS PSICONEUROENDÓCRINOS DA SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA	9
SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA	11
RONRONANDO PARA A RECUPERAÇÃO: BEM-ESTAR E MANEJO AMBIENTAL DE GATOS DOMÉSTICOS EM INTERNAMENTO	14
ALOPECIA PSICOGÊNICA FELINA - REVISÃO DE LITERATURA	16
ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL PARA O BEM-ESTAR DE FELINOS EM ABRIGOS	18
ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO CAT FRIENDLY E SUA IMPORTÂNCIA NA DIMINUIÇÃO DO ESTRESSE ASSOCIADO AO MANEJO	20
ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL COMO FORMA PROPORCIONAR BEM-ESTAR PARA GATOS DOMÉSTICOS	22
O MANEJO CAT FRIENDLY COMO FATOR LIMITANTE PARA O APARECIMENTO DE ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS RELACIONADAS AO ESTRESSE AGUDO EM GATOS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	24
ALOTRIOFAGIA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA	26
SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS DOMÉSTICOS - REVISÃO	28

MEDICINA INTEGRATIVA DE FELINOS DOMÉSTICOS

AGULHAS PARA BEM-ESTAR: ACUPUNTURA COMO ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA MEDICINA FELINA	30
O USO DO CANABIDIOL NO TRATAMENTO DA DOENÇA INTESTINAL	

INFLAMATÓRIA EM FELINOS	32
-------------------------	----

ONCOLOGIA DE FELINOS DOMÉSTICOS

USO DE ELETROQUIMIOTERAPIA PARA O TRATAMENTO DE CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM FELINO	35
LINFOMA ALIMENTAR EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA	37
CAUDECTOMIA EM DECORRÊNCIA SÍNDROME PARANEOPLÁSICA EM FELINO - RELATO DE CASO	39
LINFOMA MEDIASTINAL EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA	41

INFECTOLOGIA, PARASITOLOGIA E MICROBIOLOGIA DE FELINOS DOMÉSTICOS

RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA EM ESCHERICHIA COLI ISOLADAS DE FELINOS COM CISTITE RECORRENTE	43
LEPTOSPIROSE EM FELINOS DOMÉSTICOS - REVISÃO	45
ISOLAMENTO BACTERIOLÓGICO DE <i>Staphylococcus</i> spp. e <i>Proteus</i> sp. EM AMOSTRAS DE FELINO E ANÁLISE DO PERFIL DE RESISTÊNCIA A ANTIMICROBIANOS (TSA)	47
<i>LYNXACARUS RADOVSKYI</i> : FATORES PREDISPONENTES E PROFILAXIA PARASITÁRIA	49
COMPREENDENDO A PERITONITE INFECCIOSA FELINA (PIF): AVANÇOS E DESAFIOS RECENTES – REVISÃO DE LITERATURA	52
BLASTOMICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA	54

IMAGINOLOGIA DE FELINOS DOMÉSTICOS

UTILIZAÇÃO DA ULTRASSONOGRAFIA PARA O AUXÍLIO DIAGNÓSTICO DA PLATINOSOMOSE SPP EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA	56
ACOMPANHAMENTO RADIOGRÁFICO DE MEGACÓLON ASSOCIADO A FECALOMA EM FELINO - RELATO DE CASO	58

CLÍNICA CIRÚRGICA E ANESTESIOLOGIA DE FELINOS DOMÉSTICOS

PARTICULARIDADES DA ANESTESIOLOGIA EM FELINOS	60
DESVENDANDO O PÓS-OPERATÓRIO DO BYPASS URETERAL EM FELINOS	62
PROTOCOLO ANESTÉSICO UTILIZADO EM NODULECTOMIA EM FELIS CATUS: RELATO DE CASO	64
USO DA DEXMEDETOMIDINA EM MEDICAÇÕES PRÉ-ANESTÉSICAS (MPA) DE FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA	66
EFEITOS ADVERSOS E PARTICULARIDADES DA GABAPENTINA EM GATOS: UMA ANÁLISE ABRANGENTE	68
PRINCÍPIOS DA FARMACOLOGIA NO PROCESSO ANESTÉSICO EM GATOS	70
BLOQUEIO AURICULOTEMPORAL E AURICULAR CAUDAL PARA CONCHECTOMIA E ELETROQUIMIOTERAPIA EM REGIÃO AURICULAR EM GATA: RELATO DE CASO	72

CLÍNICA MÉDICA DE FELINOS DOMÉSTICOS

UROLITÍASE EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA	74
HIPOPLASIA CEREBELAR EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA	76
TRÍADE FELINA	78
ÓBITO DECORRENTE DE COMPLICAÇÕES NA OBSTRUÇÃO URINÁRIA	80
PARTICULARIDADES TERAPÊUTICAS DOS FELINOS: UMA ANÁLISE FISIOPHARMACOLÓGICA SOBRE OS PRINCIPAIS MEDICAMENTOS POTENCIALMENTE TÓXICOS	82
PRINCIPAIS AGENTES TÓXICOS RESPONSÁVEIS POR INTOXICAÇÃO E SEUS SINAIS EM GATOS	84
CISTITE PSEUDOMEMBRANOSA EM FELIS CATUS - REVISÃO DE LITERATURA	87

OBESIDADE FELINA: O PAPEL DA NUTRIÇÃO NA MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE ANIMAIS IDOSOS	89
CUIDADOS PREVENTIVOS NA OBESIDADE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA	91
PORENCEFALIA EM FELINOS – REVISÃO DE LITERATURA	93
NEUROPATIA DIABÉTICA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA	95
SÍNDROME DA HIPERESTESIA FELINA	97
INTUSSUSCEPÇÃO EM FELINO – RELATO DE CASO	99
IMPORTÂNCIA DO CUIDADO PALIATIVO EM FELINO COM FIV E FELV-RELATO DE CASO	101
HIPERTIREOIDISMO EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.	103
CUIDADOS NEONATAIS EM FELINOS DOMÉSTICOS	105
COMPLEXO DE GENGIVO-ESTOMATITE FELINA: RELATO DE CASO	107
CARDIOMIOPATIA DILATADA FELINA	109
MANEJO NUTRICIONAL DE GATOS DIABÉTICOS	111

ASPECTOS PSICONEUROENDÓCRINOS DA SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Psychoneuroendocrine aspects of pandora syndrome in felines: literature review)

Samuel Pereira da Silva¹; Roberta Chagas de Albuquerque¹; Daniela de Barros Ferreira¹;
Sophia Araújo Davies¹; Stephanie Caroline Gueiros Silva²

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau;

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau.

*E-mail para correspondência: samuelpereiramedvet@gmail.com

RESUMO

A Síndrome de Pandora é uma condição multifacetada que envolve uma interação complexa entre componentes psicológicos, neurológicos e endócrinos que afeta o trato urinário inferior dos felinos. As principais manifestações clínicas são polaciúria, disúria, estrangúria e hematúria, que são frequentemente acompanhadas por sinais de estresse e ansiedade nos animais afetados. Este trabalho tem como principal objetivo apresentar uma revisão bibliográfica dos aspectos psiconeuroendócrinos da Síndrome de Pandora em felinos. No contexto psiconeuroendócrino desta doença, vários mecanismos fisiopatológicos estão envolvidos. Inicialmente, ocorre uma alteração na integridade do uroepitélio vesical, resultando na redução de glicosaminoglicanos (GAGs), importantes na proteção da mucosa vesical contra substâncias tóxicas urinárias. A redução desses glicosaminoglicanos expõe os nervos sensitivos presentes na submucosa vesical. A partir desse ponto, desencadeia-se uma cascata de eventos neurogênicos, onde a estimulação das fibras nervosas e sensitivas resulta na liberação de neurotransmissores, como a substância P, que desempenham um papel essencial na percepção da dor e na modulação da resposta inflamatória. Além disso, os íons cálcio e potássio, que são componentes normais da urina, podem ativar diretamente as fibras nervosas e sensitivas em uma vesícula urinária comprometida pela falta de GAGs. A inflamação neurogênica resultante dessa interação entre o uroepitélio vesical comprometido e os nervos sensitivos desencadeia uma série de respostas fisiológicas, incluindo vasodilatação intramural, edema da submucosa e aumento da permeabilidade vascular. Essas alterações contribuem para a perpetuação do quadro clínico da Síndrome de Pandora, estimulando a cronicidade da condição. No âmbito endócrino, a Síndrome de Pandora está intimamente ligada a alterações hormonais, particularmente no contexto do eixo hipotálamo-hipofisário-adrenal (HPA). O estresse crônico desempenha um papel central na fisiopatologia dessa síndrome, uma vez que a liberação prolongada de hormônios do estresse, como o cortisol, pode desencadear uma resposta inflamatória exacerbada, contribuindo para a perpetuação dos sintomas. No diagnóstico da Síndrome de Pandora, é de extrema importância uma abordagem multidisciplinar que inclua avaliação clínica, exames laboratoriais e de imagem, além de

uma anamnese detalhada para identificar os possíveis fatores estressores na vida do felino. O tratamento visa reduzir a gravidade dos sintomas e prevenir recidivas, incluindo medidas como redução do estresse ambiental, modificação da dieta e terapia farmacológica para controlar a dor e a inflamação e, em casos graves, a acupuntura é uma opção terapêutica complementar para avaliar os sintomas e reduzir a resposta ao estresse. No entanto, a cooperação do tutor é fundamental para o sucesso do tratamento, uma vez que a síndrome de pandora é uma condição recorrente e sem cura definitiva. Em suma, o conhecimento aprofundado dos aspectos psiconeuroendócrinos da Síndrome de Pandora em felinos é fundamental para o estabelecimento de estratégias eficazes de diagnóstico e tratamento, visando melhorar a qualidade de vida desses animais por essa condição recorrente.

Palavras-chave: Cistite; Felino; Neurogênico; Patologia.

Referências bibliográficas:

CHEW, D.J.; BUFFINGTON, C.A. Pandora syndrome: updates on idiopathic/interstitial cystitis in cats (FIC). **Proceedings of American Animal Hospital Association**, 2016.

CUNHA-MESTRE, E.Z.F; DE SOUZA-MESTRE, R.A.M; GENARO-DOUTOR, G. Síndrome de pandora: qualidade de vida em ambiente doméstico e a saúde mental dos gatos Pandora's syndrome: quality of life in the domestic environment and the mental health of cats. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 90531-90539, 2021.

LIMA, G.R.F. et al. Síndrome de Pandora: Fisiopatogenia e Terapêutica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. e58810716953-e58810716953, 2021.

TEIXEIRA, K.C; VIEIRA, M.Z; TORRES, M.L.M. Síndrome de Pandora: aspectos psiconeuroendócrinos. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 17, n. 1, p. 16-19, 2019.

TONY BUFFINGTON, C. A.; WESTROPP, J.L.; CHEW, D.J. From FUS to Pandora syndrome: where are we, how did we get here, and where to now? **Journal of feline medicine and surgery**, v. 16, n. 5, p. 385-394, 2014.

SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Pandora's syndrome in felines: a literature review)

Náthaly Larissa Oliveira do Nascimento^{1*}, Ana Beatriz da Silveira Freitas, Luana de Pádua França¹, Sophia Oliveira Dantas¹, Malu Sampaio Sá¹, Iasmyn Gabriella Lima da Silva¹, Diana Guiomar Ferreira de Sena¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: nathalylarissa10@gmail.com

RESUMO

Os felinos, originários de regiões desérticas, se adaptaram aos ambientes internos, entretanto estão mais suscetíveis ao desenvolvimento de doenças do trato urinário e comportamentais, como a Síndrome de Pandora (SP). Este termo referente à mitologia grega é proposto para descrever uma condição complexa que abrange uma série de distúrbios que vão além do trato urinário; uma ansioptia, resultante da resposta ao estresse, que inclui desordens psicológicas e endócrinas. Este estudo visa compreender melhor a SP em felinos, abordando seus aspectos físicos e psicológicos, destacando sua importância como uma ansioptia, objetivando melhorar seu diagnóstico e tratamento. A metodologia empregada envolveu pesquisa em bases de dados científicos como SCIELO e Google Acadêmico, além de consulta a periódicos pertinentes. Os felinos domésticos, especialmente os adultos e majoritariamente machos domiciliados, são os mais suscetíveis, especialmente se apresentarem obesidade e se alimentarem exclusivamente de ração seca. Além disso, o uso inadequado da caixa de areia e a presença de contactantes também aumentam o risco. Esses animais frequentemente desenvolvem a doença quando expostos a fatores estressantes, como viagens, mudanças ambientais, na dieta, na caixa de areia e no manejo doméstico. A síndrome é caracterizada por sinais clínicos inespecíficos, incluindo, hematúria, estrangúria, polaciúria, periúria e vocalização durante o ato miccional, com grandes chances de apresentarem obstrução. Além disso, podem ocorrer alterações comportamentais, vômitos, anorexia, diminuição da ingestão de água, depressão e alopecia ventral abdominal e inguinal bilateral devido à autolimpeza crônica da dor abdominal. A compreensão incompleta da etiologia e da patogenia da SP representam um obstáculo, mas atualmente, acredita-se que a sensibilização da vesícula urinária em felinos começa com uma anormalidade do sistema nervoso simpático e do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, resultando no aumento da produção de catecolaminas. Isso leva a alterações na permeabilidade do urotélio, diminuindo a camada protetora de glicosaminoglicanos. A inflamação neurogênica permite o contato do uroepitélio com componentes da urina, desencadeando dor e espasmos vesicais. Esse processo inflamatório, juntamente com mediadores inflamatórios e degranulação de mastócitos, leva ao espessamento da parede da vesícula urinária, mantendo-se mesmo quando o animal não apresenta sinais clínicos, o que

sustenta as características crônicas da doença. O diagnóstico requer uma análise minuciosa do histórico e exame físico, uma vez que os sinais clínicos são inespecíficos. A anamnese deve enfatizar os sinais urinários, fatores estressantes e condições ambientais. São recomendados exames complementares, como urinálise e urocultura, além de exames de imagem para descartar patologias semelhantes. A SP, é uma condição sem cura devido à sua natureza psicogênica, a qual exige um tratamento permanente, que pode ser feito através de analgesia, medicações anti espasmódicas, manejo de estresse, aumento da ingestão hídrica e proteção do uroepitêlio, podendo-se obter uma boa resposta clínica. Tratamentos alternativos, como o uso de feromônios sintéticos e acupuntura também têm sido eficazes na redução do estresse. Sendo assim, pelo fato da SP ser uma doença subdiagnosticada, é essencial que o médico veterinário possua conhecimento clínico da doença, facilitando seu diagnóstico, além de atuar como um mediador de informações aos tutores, culminando num entendimento e tratamento adequado.

Palavras-chave: Cistite intersticial; Comportamento animal; Estresse; Trato urinário.

Referências bibliográficas:

ALHO, A. M.; PONTES, J. P.; POMBA, C. Epidemiologia, Diagnóstico e Terapêutica da Cistite Idiopática Felina. REDVET. **Revista Electrónica de Veterinaria**, v. 17, n. 11, p. 1-13, 2016.

BUFFINGTON, C.A.T. Idiopathic Cystitis in Domestic Cats—Beyond the Lower Urinary Tract. **Journal of Veterinary Internal Medicine**. v.25, n.4, p.784-796,2011.

BUFFINGTON, C.A.T.; WESTROPP, L.J.; CHEW, J.D. From FUS to Pandora syndrome: where are we, how did we get here, and where to now? **Journal of Feline and Medicine Surgery**. v.16, n.15, p.385-394, 2014.

LIMA, Glenda Roberta Freire; ARAËJO, Vitória Maria Jorge de; FERREIRA, Laís Dantas; ANASTÁCIO, Francisco Douglas Lima; ALCÂNTARA, Leticia Moura; SOUSA, Anna Flávia Barbosa; CARNEIRO, Nathália Ferreira; RODRIGUES, Victor Hugo Vieira. Síndrome de Pandora: fisiopatogenia e terapêutica. **Research, Society and Development**, [S.L.], v. 10, n. 7, p. 1-8, 23 jun. 2021. Research, Society and Development.

LUZ, A.C.G. **Síndrome de Pandora e caminhos para investigação clínica**, 2019, Monografia (Graduação), Instituto de Saúde e Produção Animal, Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém.

MÜLLER, Rodrigo Alfredo Martins; RORIG, Maria Cecilia de Lima; SCHLINDWEIN, Julia Luiza; MÜLLER, Renato Antônio Martins. SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS: revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e**

Educação, [S.L.], v. 9, n. 8, p. 2410-2425, 22 set. 2023. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

TEIXEIRA, K. C.; VIEIRA, M. Z.; TORRES, M. L. M. Síndrome de Pandora: aspectos psiconeuroendócrinos / Pandora's syndrome: psyoneuroendocrine aspects. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP** / Journal of Continuing Education in Animal Science of CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 17, n. 1, p. 16-19, 2019.



RONRONANDO PARA A RECUPERAÇÃO: BEM-ESTAR E MANEJO AMBIENTAL DE GATOS DOMÉSTICOS EM INTERNAMENTO

(Purring to recovery: welfare and environmental management of domestic cats in hospitalization)

Maria Cecília Cabral Marinho de Brito^{1*}, Bárbara Galdino Ribeiro dos Santos¹, Ana Paula Monteiro Tenório¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: cecilia.marinho@ufrpe.br

RESUMO

O *Welfare Quality*, evolução do conceito de bem-estar animal (BEA) baseado no "Relatório Brambell" e na criação do *Farm Animal Welfare Advisory Committee*, ampliou e aprofundou a compreensão do BEA. Seus princípios fundamentais, como boa alimentação, habitação, saúde e comportamento adequado, representam a expressão mais atualizada do BEA, fornecendo uma estrutura abrangente para sua avaliação e aprimoramento. A garantia de que esses princípios sejam atendidos é um imperativo ético e profissional para todos os envolvidos no cuidado de gatos internados. Isso pode ser viabilizado através de metodologias de manejo adequadas, visando a minimização do impacto negativo do internamento na saúde física e mental dos gatos. Os felinos domésticos submetidos ao alto estresse da hospitalização frequentemente apresentam um comportamento retrativo, que inibe comportamentos naturais, como comer, autocuidados, sono e eliminação de resíduos. O manejo ambiental e mudanças na estrutura hospitalar podem ser utilizados como formas de promover maior adaptação e diminuição desse estresse e ansiedade. Isto posto, o ambiente físico do internamento deve ao máximo atender às necessidades do gato para otimizar seu bem-estar. Assim, precisa ser tranquilo e exclusivo, separado de áreas onde há passagem de outros pacientes, e com controle eficaz de ruídos e odores. Feromônios felinos sintéticos em difusores ou sprays auxiliam na composição de um ambiente olfativo mais tranquilizante, além de promover a dissipação dos feromônios naturais dos pacientes previamente presentes. A ala de internação é frequentemente caracterizada por uma intensa atividade da equipe veterinária; para minimizar a visualização dessa movimentação, pode-se ainda cobrir a baia do animal com uma toalha. As baias no internamento de felinos frequentemente apresentam dimensões inadequadas, limitando a expressão de comportamentos naturais como alongamento, autocuidado e exercício. É essencial que essas áreas sejam suficientemente amplas para favorecer tais atividades. Deve-se ainda estabelecer uma distinção entre as áreas designadas para alimentação, eliminações e descanso. O enriquecimento ambiental é também necessário, fornecendo oportunidades para esconderijo e empoleiramento. O esconderijo é uma estratégia significativa para mitigar o estresse decorrente da exposição a ambientes desconhecidos, bem como áreas elevadas. Isso contribui para que o animal possa monitorar o que acontece à sua volta e

sentir-se mais em controle do seu meio. Recomenda-se ainda o uso de aquecedores na cama para assegurar o conforto térmico dos pacientes. Ademais, é importante que as atividades de limpeza, alimentação e atenção, incluindo visitas para interação social por parte da equipe veterinária e dos tutores do animal, sejam conduzidas de forma regular e previsível. Além de promover o bem-estar por meio de manejo ambiental e mudanças na estrutura hospitalar, outras medidas podem ser adotadas para aliviar o estresse e a ansiedade em gatos internados, como aromaterapia e musicoterapia. Posto isso, ao seguir essas diretrizes de manejo ambiental e implementação de medidas adicionais para promover o bem-estar integral de felinos hospitalizados, é possível criar um ambiente que não apenas reduza o estresse e a ansiedade, mas também promova uma recuperação mais rápida e completa desses animais.

Palavras-chave: felinos, internação, estresse, cat friendly.

Referências bibliográficas:

RODAN, I. **Compreensão e Manuseio Amigoso dos Gatos.** In: LITTLE, S. E . **O Gato - Medicina Interna.** 1. ed. Rio de Janeiro: ROCA. p. 01-25, 2016.

ELLIS, J. J. *et al.* **Environmental enrichment choices of shelter cats.** Behavioural processes, v. 141, p. 291-296, 2017.

OLIVEIRA, C. F.; NOTOMI, M. K. **Bem-estar animal aplicado à clínica médica de cães e gatos domésticos.** Ciência Animal, v. 33, n. 3, p. 98 a 113, 2023.

TAYLOR, S. *et al.* **2022 ISFM/AAFP cat friendly veterinary environment guidelines.** Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 24, n. 11, p. 1133-1163, 2022.

ALOPECIA PSICOGÊNICA FELINA - REVISÃO DE LITERATURA

(Feline psychogenic alopecia - literature review)

Sophia Oliveira Dantas^{1*}, Luana de Pádua França¹, Maria Eduarda da Silva¹, Ana Clara Mendes Ribeiro Bernardo¹, Nathaly Larissa Oliveira do Nascimento¹, Ana Cláudia da Silva Jardelino Jordão¹, Diana Guiomar Ferreira de Sena¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: sophia.dantas@ufrpe.br

RESUMO

A alopecia psicogênica felina é um distúrbio comportamental no qual o animal apresenta o hábito compulsivo de *self-grooming*, ou seja, o comportamento de autolimpeza, apresentando áreas alopécicas, podendo se apresentar de forma focal, multifocal ou generalizada em decorrência a estímulos estressantes, condições que provocam ansiedade ou tédio. Esse trabalho tem como objetivo, avaliar as alterações clínicas e comportamentais da alopecia psicogênica em felinos. Esse distúrbio decorre de alterações neuro-hormonais, logo, situações como a introdução de um novo animal ou crianças ao ambiente, mudança de manejo, ambientais ou repentinas, assim como situações estressantes, podem desencadear esse comportamento. Os principais sinais clínicos incluem alopecia, eritema e inflamação secundária devido a feridas abertas por meio do excesso de lambedura. Porém, é importante diferenciar a alopecia psicogênica felina de dermatopatias como dermatofitoses e alergias por meio de exames complementares. A metodologia empregada foi baseada em banco de dados como google scholar, scielo e em periódicos relevantes. O tratamento desse distúrbio consiste na identificação e eliminação das causas subjacentes do estresse ou ansiedade do felino, de forma a promover um ambiente estável, redução de estímulos estressantes e introdução de atividades estimulantes. Além da terapia comportamental, tratamento com a utilização de florais, acupuntura e terapia neural podem ser adotadas. Porém, em casos de felinos que continuam apresentando esse tipo de comportamento mesmo após o tratamento convencional, o uso de medicamentos pode-se tornar uma alternativa viável a depender do quadro de saúde do animal, como o uso de fármacos antidepressivos, corticosteróides, ansiolíticos e anticonvulsivantes. Além disso, pode ser necessário tratar as áreas afetadas da pele com pomadas ou medicamentos prescritos pelo médico veterinário para promover a cicatrização e prevenir infecções secundárias. A prevenção da alopecia psicogênica nesses animais vai consistir em manter um ambiente calmo, com estímulos adequados, evitando-se situações de estresse e ansiedade. Além disso, aconselha-se evitar o ato de escovação do animal para não reforçar o estímulo à lambedura. A observação regular do comportamento e da saúde do felino também é fundamental para detectar sinais precoces desse distúrbio e intervir rapidamente. Conclui-se que apesar de ser uma patologia atípica e se tratar muitas vezes de um

diagnóstico por exclusão, pode ser tratada ao identificar os estímulos que estão provocando esse comportamento, logo, com o tratamento adequado e cuidados contínuos, muitos felinos podem se recuperar completamente do quadro e ter uma boa qualidade de vida.

Palavras-chave: Ansiedade, Comportamento, Estresse, Gatos.

Referências bibliográficas:

ALEXANDRE, Ana Sofia Da Silva. Alopecia psicogênica felina. 2019. Dissertação.

BARBOSA, Aline Soares; DEL NERO, Bruna; AMBROSIO, Carlos Eduardo. Terapia homeopática em dermatopatias de gatos – revisão de literatura. Acta Veterinaria Brasilica, v. 7, n. 1, p. 29-37, 2013.

CARLOTA, Isabela Krubniki Martins; et al. Dermatite psicogênica em felinos: relato de caso. Revista Scientia Rural, ISSN 2178-3608, v. 1, 2020.

DE ARAÚJO, Ivany Raquell Martins; et al. Dermatite psicogênica em felinos.

FASSINA, Helvana. Tratamento da alopecia psicogênica felina com a utilização da terapia floral de Bach: relato de caso. Medvep, Revista Científica de Medicina Veterinária, Pequenos Animais e Animais de Estimação, v. 12, n. 42, p. 62-74, 2014.

GONÇALVES, Bruna Aparecida Lima; VIANNA, Leonardo Rocha; ANDRADE, Camila de Castro. Alopecia psicogênica em gato tratada através da terapia neural: relato de caso. Pubvet, v. 13, p. 162, 2019.

SOUSA, Marlos Gonçalves; et al. Uso da fluoxetina no tratamento da tricotilomania felina. Ciência Rural, v. 34, p. 917-920, 2004.

ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL PARA O BEM-ESTAR DE FELINOS EM ABRIGOS

(Environmental enrichment for the welfare of felines in shelters)

Maria Luiza Didier Marques^{1*}, Luiza Mousinho da Silveira Oliveira Gomes¹, Ana Paula Monteiro Tenório¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: luiza.didier@ufrpe.br

RESUMO

O ingresso de gatos em abrigos é um evento estressante, devido a repentina mudança de ambiente, experiências desconhecidas, cheiros e sons estranhos combinados com a presença de pessoas e animais não familiares, desencadeando sentimentos de medo, ansiedade e frustração. As restrições no espaço físico e a convivência com um grande número de animais, potencialmente de diferentes espécies, resultam em estresse e afetam negativamente a saúde e o comportamento dos felinos domésticos. O período de adaptação de gatos no abrigo está associado ao estresse agudo, caracterizado pela liberação de catecolaminas, que aumentam a frequência cardíaca e respiratória, bem como a pressão arterial, influenciando as respostas comportamentais. Já no estresse prolongado, os gatos podem desenvolver problemas comportamentais crônicos, tornando-se difíceis de lidar durante sua permanência no abrigo. Além de afetar a saúde emocional e o bem-estar, o estresse e os estados emocionais negativos estão intimamente relacionados à baixa da imunidade, podendo impactar significativamente a saúde física. Atualmente, o bem-estar animal abrange três dimensões principais: comportamento natural, saúde física e experiência subjetiva, para a avaliação e garantia do bem-estar dos animais. As Cinco Liberdades oferecem uma estrutura abrangente, abordando suas necessidades nutricionais, de conforto, assistência médica, comportamentais e seu estado emocional. Nos abrigos, avaliar o bem-estar dos animais pode ser desafiador, pois muitas vezes os felinos não possuem informações básicas, como histórico e comportamento normal. O enriquecimento ambiental pode ser definido como qualquer adição ao ambiente de um animal que resulte num aumento na qualidade do espaço e numa subsequente melhoria do bem-estar do animal. Assim o seu uso pode reduzir ou eliminar o stress associado, podendo ser dividido em sensorial, estrutural, social e cognitivo. O Enriquecimento Estrutural refere-se a todos os aspectos arquitetônicos do ambiente de um animal, incluindo espaço, materiais, móveis e a organização desses componentes (oportunidades de esconderijo, superfícies para arranhar e poleiros). Já o enriquecimento cognitivo proporciona aos animais oportunidades para resolver problemas e oferece algum grau de controle sobre o seu ambiente (brinquedos, treinamento). Os enriquecimentos estrutural e cognitivo são fundamentais para o bem-estar dos gatos em abrigos, destacando-se a importância de oferecer

oportunidades de esconderijo, poleiros e brinquedos. Ellis *et al.* (2022) destacam que a preferência dos gatos por se esconderem em caixas ressalta sua importância para o bem-estar em abrigos, sugerindo que deveria ser considerada uma necessidade básica do ambiente, enfatizando a importância de garantir que os felinos tenham acesso adequado a lugares de esconderijo, essenciais para seu bem-estar emocional. Apesar de reconhecermos que os abrigos nem sempre podem oferecer condições ideais aos felinos domésticos sob seus cuidados, é crucial buscar meios para garantir seu máximo bem-estar, até que sejam adotados. A redução do stress não apenas melhora o comportamento dos gatos no abrigo, como também reduz a incidência e a gravidade de doenças, facilitando seu manejo, cuidado e adoção. Por esse motivo, o enriquecimento ambiental surge como uma estratégia fundamental para promover o bem-estar dos felinos em abrigos, oferecendo estímulos sensoriais, estruturais, sociais e cognitivos.

Palavras-chave: estresse, gatos, Cinco Liberdades.

Referências bibliográficas:

BRAASTAD, B. O.; MCBRIDE, A.; NEWBERRY, R. C. **The cat: Behaviour and welfare**. 2. ed. Wallingford, England: CABI Publishing, 2022.

DEAN, R.; ROBERTS, M.; STAVISKY, J. **BSAVA manual of canine and feline shelter medicine: Principles of health and welfare in a multi-animal environment**. Quedgeley, Gloucs, UK: British Small Animal Veterinary Association, 2018.

DIGANGI, B. A. *et al.* **Animal behavior for shelter veterinarians and staff**. 2. ed. Hoboken, NJ, USA: Wiley-Blackwell, 2022.

ELLIS, J. J. *et al.* **Environmental enrichment choices of shelter cats**. Behavioural processes, v. 141, p. 291-296, 2017.

ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO *CAT FRIENDLY* E SUA IMPORTÂNCIA NA DIMINUIÇÃO DO ESTRESSE ASSOCIADO AO MANEJO

(Cat friendly retainment strategies and their importance in reducing handling associated stress)

Bárbara Galdino Ribeiro dos Santos^{1*}, Maria Cecília Cabral Marinho de Brito¹, Ana Paula Monteiro Tenório¹, Maria Luiza Didier Marques¹, Luiza Mousinho da Silveira Oliveira Gomes¹, Luana Barbosa Santos¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: barbara.galdino@ufrpe.br

RESUMO

O presente trabalho, construído através de revisão bibliográfica a partir de pesquisa nas plataformas Google Acadêmico e Open Science Research, objetiva oferecer orientações para tornar a experiência do gato e seus tutores na clínica veterinária menos traumática, assegurando um atendimento de qualidade adaptado às suas necessidades específicas. Para tanto, o programa *Cat Friendly Practice* oferece diretrizes de manejo que qualificam pessoas e espaços para garantir uma conjuntura ajustada para recepção e tratamento dos felinos domésticos, possibilitando uma experiência que respeite seu comportamento natural e diminua o estresse decorrente deste. Dentro da prática clínica, nota-se a contenção como recorrentemente estressante, exigindo maior cuidado para assegurar a integridade dos animais manipulados. Portanto, preconiza-se a mínima contenção possível no exame físico dos gatos, permitindo que encontre uma posição confortável para si, evitando comportamentos de luta e fuga. Assim, métodos antiquados, como pregueamento de nuca, mostram-se altamente contraproducentes, considerando que num primeiro momento parecem eficientes, enquanto criam um espectro negativo associado à experiência no imaginário do animal manipulado. Logo, é necessário que se dedique a devida atenção à percepção sensorial felina não só no espaço em que estão inseridos para exame como também tudo que precede a chegada à clínica, incluindo transporte, pois será englobado na percepção final acerca do tratamento veterinário. A comunicação tátil também pode ser utilizada pelo médico veterinário para induzir relaxamento. A massagem de áreas estratégicas e aplicação de técnicas como a acupressão, que consiste na aplicação de pressão com os três dedos centrais sobre a região superior da cabeça, enquanto o primeiro e o quinto dedo controlam a posição da cabeça do felino, constituem métodos mais razoáveis de manejo. Conjuntamente, a oferta de petiscos e outras ferramentas para reforço positivo no momento do manuseio, como brinquedos e objetos de afeição trazidos do ambiente do animal viabilizam um contexto mais profícuo para a examinação. Durante o exame, recomenda-se iniciar pelas áreas menos suscetíveis a estresse e permitir que o gato escolha sua posição, finalizando com áreas onde tende a evitar toque. Comportamentos desejáveis

devem ser recompensados com reforço positivo, sendo também crucial registrar no prontuário quais técnicas são mais eficazes para futuras consultas, visando reduzir o estresse para todos envolvidos. A utilização da toalha pode ser valiosa na contenção, oferecendo versatilidade e permitindo diversas manobras. Exemplo conhecido é o "método do burrito", no qual o gato é envolvido e tem suas patas contidas após uma sequência de movimentos, garantindo uma avaliação segura da região craniana e cavidade oral. Este método também pode ser útil na administração de medicamentos e coleta de sangue nos membros pélvicos. Além disso, a toalha pode ser utilizada para cobrir a cabeça do felino, eliminando estímulos visuais e reduzindo possíveis fontes de estresse, bem como para isolar áreas específicas do corpo, facilitando o acesso. Outra estratégia é o emprego de feromônios sintéticos ou sprays homeopáticos para reduzir a irritabilidade. A partir dessas concepções é possível conduzir a prática clínica de maneira condizente com o comportamento da espécie, tornando-a menos desgastante até em momentos que podem constituir situações estressantes.

Palavras-chave: gatos, bem-estar, manuseio, comportamento.

Referências bibliográficas:

ANDRE, A. R.; RODRIGUES, F. M. **Manejo cat friendly: Revisão Integrativa.**In: Andrade, Jaily Kerller Batista (Org.). Estudos e tendências atuais em Ciências Ambientais e Agrárias. Campina Grande: Licuri, p. 130-141, 2023.

OTTOBELI, B. A., *et al.* **Manual ilustrado sobre manejo semiológico felino.** Open Science Research VI - ISBN 978-65-5360-212-0, V. 6, Editora Científica Digital, 2022.

RODAN, I., *et al.* 2022 AAFP/ISFM Cat Friendly Veterinary Interaction Guidelines: Approach and Handling Techniques. **Journal of Feline Medicine and Surgery.** V. 24, is. 11, p. 1093-1132, 2022.

RODAN, I. **Compreensão e Manuseio Amistoso dos Gatos.** In: LITTLE, S. E. O Gato - Medicina Interna. 1. ed. Rio de Janeiro: ROCA, p. 01-25, 2016.

ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL COMO FORMA PROPORCIONAR BEM-ESTAR PARA GATOS DOMÉSTICOS

(Environmental enrichment how to provide well-being for domestic cats)

Priscila Antão dos Santos^{1*}, Maria Clara Moura Oliveira de Souza¹, Pedro Henrique Luiz dos Santos¹, Júlio Cezar dos Santos Nascimento¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: priscilantao@hotmail.com

RESUMO

Os gatos domésticos (*Felis silvestris catus*) são descendentes *Felis silvestres lybica* e permaneceu com algumas características dos seus ancestrais, mas uma delas chama atenção que são os problemas comportamentais como agressividade felina. Na literatura, não há uma concordância quanto uma lista classificatória sobre agressividade felina, mas elas podem surgir por vários motivos, tais como: agressividade por medo e ansiedade, por dor ou desconforto, por redirecionada, pelo território, entre gatos e principalmente por estresse. Esta última, pode ser minimizada através do enriquecimento ambiental doméstico, vindo como uma alternativa para aumentar a interação do felino com o espaço para praticar suas habilidades e características naturais e assim diminuir o estresse e consequentemente a agressividade. O objetivo foi realizar uma revisão narrativa da literatura para demonstrar como o enriquecimento ambiental doméstico pode diminuir o estresse e agressividade dos felinos. Foram selecionados estudos publicados entre 2018 a 2023, na base de dados online: Periódico Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico. Para busca das referências foram utilizados os descritores em cruzamento com o operador booleano and, da seguinte forma: Agressivo, Comportamento, Enriquecimento, Felinos as respectivas palavras em inglês Aggressive, Behavior, Enrichment, Cats. Conforme definido na década de 70, o bem-estar animal está associado tanto à saúde física quanto mental do animal em relação com o meio que vive. O enriquecimento ambiental vem como uma prática para melhorar a integração e adequação animal com o ambiente, levando a benefícios como a manutenção da saúde, bem-estar e melhora na qualidade de vida dos felinos. Trabalho realizado com a utilização de objetos inanimados na criação de gatos domésticos com limitação de espaço na moradia, demonstrou que o animal teve opções de apresentar seu comportamento natural, além de melhora da qualidade de vida, visto que não desenvolveu comportamentos indesejáveis em sua criação. O enriquecimento ambiental pode ser feito através de criação de esconderijos e tocas, utilização de prateleiras e espaços elevados, estimulação de uma alimentação interativa, oferecer brinquedos e fazer uma rotatividade com eles, dentre outros. Ambientes “pobres” em recursos ou restritos tendem a trazer alterações comportamentais e com isso trazer impactos negativos sobre o bem-estar de

gatos domésticos. A literatura cita que o enriquecimento ambiental pode ser feito com caixas de papelão, brinquedos, arranhadores confeccionados com materiais de baixo custo, no qual os gatos possam interagir e que tragam bem-estar ao animal. De acordo com estudos, o ambiente adequado pode promover um elevado bem-estar em relação ao estado físico e mental por auxiliar o animal a expressar seus instintos naturais. Como consideração final, o enriquecimento ambiental para gatos domésticos faz-se necessário para que os animais exerçam seu comportamento natural e com isso tragam um bem-estar a ele proporcionando uma vida mais adequada.

Palavras-chave: Agressividade, Estresse, Felinos, Saúde.

Referências bibliográficas:

ALAMINO, AMFG & GENARO, G. (2021). Bem-Estar Felino: Estratégias utilizando objetos animados para seu incremento / Bem-Estar Felino: Estratégias Utilizando Objetos Animados para Aumentar o Bem-Estar Felino. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, 7 (6), 55970–55975. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-146>

De ARAÚJO, ALFB, & GENARO, G. (2021). Práticas envolvendo objetos inanimados e suas influências sobre o bem-estar felino. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, 7 (11), 104686–104691. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n11-204>

DEPORTER, T. L., & ELZERMAN, A. L. (2019). Common feline problem behaviors: Destructive scratching. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, 21(3), 235 – 243. <https://doi.org/10.1177/1098612X19831205>

SCHÄFER, RG.; ROMANI, AF.; MEIRELLES-BARTOLI, RB.; RAMOS, DG DE S.; AMARAL, AVC do. Principais mudanças comportamentais em gatos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, <https://doi.org/10.1177/1098612X19831205>

O MANEJO CAT FRIENDLY COMO FATOR LIMITANTE PARA O APARECIMENTO DE ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS RELACIONADAS AO ESTRESSE AGUDO EM GATOS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

(The cat friendly practice as a limiting fator to the appearance of hematological changes related to acute stress in cats: bibliographic review)

Sophia Araújo Davies^{1*}; Daniela de Barros Ferreira¹; Samuel Pereira da Silva¹; Roberta Chagas de Albuquerque¹; Allison Alves de Macêdo²

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau;

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau.

*E-mail para correspondência: sophiaaraujodavies@gmail.com

RESUMO

Na colheita de sangue a principal reação dos felinos é o estabelecimento de um estresse agudo que pode repercutir em alterações hematológicas. Com isso, recomenda-se o manejo “cat friendly” cujo objetivo é descrever como os ambientes/profissionais podem se adequar para minimizar o estresse nesses pacientes. Há diversas formas de atingir tal objetivo: reduzindo a interação com outros animais, adaptando ambientes como consultórios e salas de espera, entre outras. A exposição a agentes estressores agudos como dor ou medo pode levar o gato a quadros de agressividade/fuga, e até mesmo ao aumento da pressão sanguínea. Essa ação hormonal ocorre minutos após o estímulo primário, devido ao efeito das catecolaminas, durando 20-30 minutos o que é suficiente para tornar o evento algo negativo. Para torná-lo positivo, pode-se modificar o ambiente de consulta, adicionando um arranhador, petiscos e um local seguro em que ele possa se esconder. Outro fator relevante é a redução do estresse antes da chegada ao veterinário, para isso, pode-se deixar permanentemente uma caixa de transporte em casa para que o animal se acostume com a sensação, bem como utilizar feromônios sintéticos. Levando em consideração o momento da colheita, é importante utilizar os equipamentos adequados, como: agulhas de menor calibre ou *scalp* e toalhas de contenção. Assim, o objetivo desse trabalho é descrever as alterações observadas nos resultados hematológicos em felinos sob ação do estresse agudo e como o manejo cat friendly pode trazer benefícios não só ao animal, mas também aos resultados. Nessa revisão foram usados como referências artigos publicados em revistas nacionais e internacionais de 2010 a 2023 no site de busca Google Acadêmico. As palavras chaves para a busca foram: hemograma, felinos e manejo. O estresse agudo causa alterações nas concentrações das células sanguíneas, como uma diminuição do CHCM e um aumento de hematócrito e eritrócitos. A trombocitose discreta pode aparecer devido à uma contração esplênica levando à uma mobilização celular pela adrenalina fazendo recirculação de eritrócitos e plaquetas. A principal alteração ocorre nos leucócitos,

apresentando leucocitose por neutrofilia, eosinofilia e linfocitose, sendo esse quadro denominado leucocitose fisiológica – podendo ser explicado pela ação do sistema nervoso autônomo estimulando a secreção das catecolaminas (epinefrina e norepinefrina) que vão causar o deslocamento do *pool* marginal para a circulação geral, o que aumenta a quantidade total de leucócitos. Em gatos reativos pode-se considerar utilizar protocolos sedativos, para proteção do animal e da equipe veterinária, já que neles se torna desafiador realizar um manejo adequado. Há relatos de interferência do estresse nos resultados hematológicos, como uma neutrofilia duas vezes acima do valor de referência. A norepinefrina e a epinefrina estimulam a glicogenólise e gliconeogênese hepática, sendo que a norepinefrina tem o efeito adicional de aumentar a oferta de glicerol para o fígado via lipólise. A partir da prática *cat friendly* torna-se possível reduzir o estresse provocado nos felinos no momento da colheita, fazendo com que a prevalência de alterações hematológicas seja minimizada. Gatos são animais sensíveis e propícios ao estresse, porém isso não isenta a necessidade de fazer *check-ups* regulares nesses animais.

Palavras-chave: Felinos, Colheita de sangue, Bem-estar, Leucocitose Fisiológica.

Referências bibliográficas:

FAM, A. L. P. D; ROCHA, R. M. V. M; PIMPÃO, C. T; CRUZ, M. A. **Alterações no leucograma de felinos domésticos (*Felis catus*) decorrentes de estresse agudo e crônico.** Revista Acadêmica Ciência Animal, v. 8 n. 3 (2010). Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/cienciaanimal/article/view/10898>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

NASCIMENTO, A. T. D. B; PEDROSA, P. L; NASCIMENTO, D. A; VALE, I. S; VENTURA, B. P; MOREIRA L. P; VIEIRA, J. A. B; OLIVEIRA, L. L; BARIONI G; APTEKMANN, K. P. **Estresse em gatos: Revisão.** Revista Pubvet, v. 16 n. 12 (2022). Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/2963>. Acesso em: 11 de abril de 2024.

PERRETI, L. **Alterações Hematológicas Causadas pelo Estresse em Felinos: Revisão de Literatura.** Repositório Digital da UFRGS, (2021). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232917>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

TAYLOR, S; DENIS, K. S; COLLINS, S; DOWGRAY, N; ELLIS, S. L. H; HEATH, S; RODAN, I; RYAN, L. 2022 ISFM/AAFP **Cat Friendly Veterinary Environment Guidelines.** *Journal of Feline Medicine and Surgery* (2022). Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1098612X221128763>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

ALOTRIOFAGIA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Allotryophagy in cats: a review)

Ana Cláudia da Silva Jardelino Jordão^{1*}, Ian Felipe Alves Costa¹, Luana de Pádua França¹,
Milene Iara Fagundes da Silva¹, Nathaly Larissa Oliveira do Nascimento¹, Sophia Oliveira
Dantas¹, Diana Guiomar Ferreira de Sena²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

²Residente - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: anaclaudia.jordao@ufrpe.br

RESUMO

A alotriofagia (síndrome de pica ou picacismo) é um distúrbio comportamental oral repetitivo caracterizado pelo consumo compulsivo de diversas substâncias por um período acima de 30 dias. Dentre esses materiais podem ser encontrados tecidos, plásticos, barbantes, papel, papelão, plantas e borrachas. Estudos sugerem que a alotriofagia pode ser decorrente de uma condição comportamental ou decorrente de alterações sistêmicas, como anemia. Nos gatos domésticos domiciliados essa síndrome é também caracterizada como um Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) secundário à ansiedade. Possui caráter crônico e viciante, devido à liberação de endorfinas no hábito da mastigação, podendo evoluir para complicações e casos cirúrgicos, quando ocorre a ingestão de substâncias tóxicas ou corpos estranhos lineares, por exemplo. Existem inúmeros relatos na literatura científica sobre essa alteração em cães, cavalos e coelhos, mas em relação aos gatos, os dados são escassos. Sendo assim, o presente trabalho objetivou realizar uma revisão de literatura dos artigos científicos mais relevantes dos últimos cinco anos, utilizando as plataformas de pesquisa Google Acadêmico e livros por meio dos buscadores “Alotriofagia em gatos, Síndrome de Pica em gatos e Picacismo em gatos”. A deficiência nutricional, da piruvato quinase, anemia, distúrbios neurológicos ou até mesmo o estresse, tédio e/ou a falta de convívio social também são citados como causadores do picacismo. Como sinais clínicos podem-se ter alterações gastrointestinais, diarreia, vômitos em jato, desidratação, prostração e dor. Exames complementares como radiografia, ultrassonografia e endoscopia podem ser úteis para descartar diagnósticos diferenciais, assim como excluir doenças sistêmicas. A implementação do enriquecimento ambiental é de suma importância e deve ser realizada por meio de um ou mais elementos, introduzidos com o propósito de melhorar o bem-estar físico e psicológico do animal. Pacientes diagnosticados e que não estão sob controle não devem frequentar ambientes que contenham itens potencialmente ingeríveis, prevenindo, assim, complicações gastrintestinais. A punição do animal não representa uma abordagem terapêutica adequada, pois tal medida tende a aumentar os níveis de estresse e ansiedade, contribuindo para o surgimento de novos episódios. O tratamento visa principalmente reduzir os gatilhos de estresse e ansiedade, visando uma melhoria na

qualidade de vida. Para pacientes que necessitam de medicação a fluoxetina na dosagem de 0,5 a 1,5 mg/kg, a cada 24 horas, tem sido a droga de eleição, devido a sua capacidade de inibir seletivamente a recaptção de serotonina nos neurônios pré-sinápticos, garantido um alto potencial ansiolítico e antidepressivo. Os efeitos terapêuticos começam a se manifestar entre três e quatro semanas após o início do tratamento e devem ser mantidos por um período mínimo de seis meses, e o processo de desmame deve ser conduzido de forma gradual. Diante da complexidade e abrangência da alotriofagia, é crucial adotar uma abordagem ampla no tratamento desses casos. Portanto, a compreensão dos potenciais gatilhos emocionais e fisiológicos subjacentes é fundamental para uma intervenção eficaz.

Palavras-chave: Comportamento felino, Distúrbio alimentar, Estresse, Manejo, Picacismo.

Referências bibliográficas:

COSTA, F. V. A.; MARTINS, C. S. **Manual de Clínica Médica Felina**. 1ª edição. Santana de Parnaíba, SP: Manole, p. 912, 2023.

FARIAS, L. F. de et al. **Caracterização de compulsões orais em gatos domésticos**. 2019.

RAMOS, D. et al. Feline behaviour problems in Brazil: a review of 155 referral cases. **Veterinary Record**, v. 186, n. 16, p. e9-e9, 2020.

WILLIAMS, D. E.; MCADAM, D. Assessment, behavioral treatment, and prevention of pica: Clinical guidelines and recommendations for practitioners. **Research in Developmental Disabilities**, v. 33, n. 6, p. 2050–2057, 2012.

SÍNDROME DE PANDORA EM FELINOS DOMÉSTICOS - REVISÃO

(Pandora syndrome in domestic cats - review)

Alexandre Parreira de Araujo¹; Mayra Regina de Oliveira Ramos¹; Luiza Pessoa Cavalcanti Felix¹, Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Professor Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: alexandre.parreira@ufrpe.br

RESUMO

A síndrome de pandora trata-se de uma afecção multifatorial complexa que envolvem diversos fatores e manifesta-se através de um conjunto de processos fisiopatológicos resultantes da Cistite intersticial felina (CIF), caracterizada não só por problemas no trato urinário inferior, como também por aspectos psicológicos, muitas vezes desencadeados pelo estresse. O presente trabalho tem o intuito de expor informações acerca da fisiopatologia da doença voltada ao sistema nervoso e endócrino, bem como sua relação com o manejo e bem-estar animal. Para o seu desenvolvimento, foram utilizados artigos publicados em revistas acadêmicas na área da Medicina Veterinária, encontrados por meio de buscas no Google Acadêmico com a seguinte descrição: “Síndrome de Pandora em Felinos”. A Cistite intersticial felina afeta a vesícula urinária, o sistema nervoso central e o eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal, sendo uma afecção de caráter psiconeuroendócrino, inflamatório e não infeccioso. A síndrome de Pandora está intimamente ligada não apenas à genética do animal, mas também ao seu estilo de vida, que abrange questões ambientais e de manejo. Na maioria dos casos, os afetados são animais do sexo masculino, com idade variando entre 2 e 6 anos, que apresentam características de obesidade e sedentarismo. Embora esse perfil seja prevalente, é importante ressaltar que essa condição pode afetar felinos de ambos os sexos e de todas as idades. A CIF provoca uma inflamação neurogênica, causada pela diminuição de glicosaminoglicanos no uroepitélio vesical, permitindo o contato de substâncias tóxicas presentes na urina com os nervos, elas estimulam os neurônios sensoriais, transmitindo impulso nervoso para o sistema nervoso central e causando dor, esse estímulo leva à liberação de neurotransmissores que potencializam a inflamação. A dor e o estresse geram estímulos para a liberação do cortisol, pelo eixo hipotalâmico-hipofisário da adrenal, e de neurotransmissores como as catecolaminas. Já o processo inflamatório ocorre pela estimulação das fibras C aferentes que liberam neuropeptídeos e desencadeiam o processo inflamatório da vesícula urinária. A inflamação causa processos fisiológicos como a vasodilatação e aumento da permeabilidade vascular, edema da submucosa e a degranulação dos mastócitos. A degranulação dos mastócitos libera mediadores químicos inflamatórios, que promovem a estimulação contínua e exagerada dos neurônios sensoriais justificando o caráter crônico

da síndrome. A inespecificidade dos sinais clínicos torna o diagnóstico bastante complexo, uma vez que apresenta sinais que podem ser apresentados outras desordens do trato urinário. O diagnóstico envolve uma anamnese detalhada que inclui principalmente situações estressantes, podendo ser resultantes de questões como o manejo e estilo de vida, citados anteriormente. Por tratar-se de uma afecção diretamente interligada com a condição psicológica do animal, um manejo contínuo relacionado ao bem-estar animal é de extrema importância, aliado à terapêutica orientada pelo profissional que pode incluir o uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antidepressivos, que vai variar de acordo com o quadro clínico e a conduta médica. Mesmo possuindo terapias medicamentosas, o manejo alimentar, enriquecimento ambiental e medidas que refletem na redução do estresse acabam sendo indispensáveis para a melhora do quadro clínico e para que não haja recidiva, o que é comum para esta afecção.

Palavras-chave: Pandora; Manejo; Bem-Estar.

Referências bibliográficas:

TEIXEIRA, K. C.; VIEIRA, M. Z.; TORRES, M. L. M. Síndrome de Pandora: aspectos psiconeuroendócrinos. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, [s.l.], v. 17, p. 16-19, mai. 2019.

LIMA, G. R. F. et al. Síndrome de Pandora: Fisiopatogenia e Terapêutica. *Research, Society and Development*, [s.l.], v. 10, p. e58810716953–e58810716953, jun. 2021.

ALFREDO, R. et al. Síndrome de pandora em felinos: Revisão de literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [s.l.], v. 9, p. 2410–2425, set. 2023.

CUNHA, E. Z. F.; DE SOUZA, R. A. M.; GENARO, G. Pandora's syndrome: quality of life in the domestic environment and the mental health of cats. *Brazilian Journal of Development*, [s.l.], v. 7, p. 90531–90539, set. 2021.

OLIVEIRA, F.; OLIVEIRA, L.; SILVA, B. Pandora's syndrome: emphasis on multimodal environmental modification therapy (MEMO): literature review. *Sinapse múltipla*, [s.l.], v.10, p. 178-180, jul. 2021.

AGULHAS PARA BEM-ESTAR: ACUPUNTURA COMO ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA MEDICINA FELINA

(Wellness needles: acupuncture as a therapeutic approach in feline medicine)

Luana Barbosa Santos^{1*}, Bárbara Galdino Ribeiro dos Santos¹, Maria Cecília Cabral Marinho de Brito¹, Maria Luiza Didier Marques¹, Ana Paula Monteiro Tenório¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: luana.barbosas@ufrpe.br

RESUMO

A acupuntura é uma técnica da medicina tradicional chinesa que se baseia na estimulação de pontos específicos da pele com objetivo de promover regulação do equilíbrio do organismo, de forma a melhorar a circulação sanguínea, gerando aumento de imunidade e assim, trazendo um bem estar físico e mental. Esses pontos são considerados acessos de energia e sua manipulação permite restaurar a homeostase, uma vez que os canais de energia (*Qi*) circulante, chamados de meridianos, são conectados. A pesquisa foi realizada através do google acadêmico e scielo de livros, artigos científicos e revistas para realização deste. O *Qi* é um fluxo de energia que circula por todo o organismo sendo distribuído de maneira superficial no corpo, tornando os felinos relativamente sensíveis aos estímulos do agulhamento usual, nas regiões características de localização dos acupontos. A sensibilidade local é alta devido às características fisiológicas do animal: terminações nervosas nociceptoras extremamente superficiais e fluxo capilar abundante. Respeitando os limites do animal, a acupuntura em gatos é extremamente benéfica, promovendo sensação de conforto e segurança nesses animais que nem sempre aceitam sua manipulação. Em suma, os pacientes relaxam durante a sessão por resultado da produção de neurotransmissores que ocorre durante e imediatamente após a acupuntura, fazendo com que a maioria dos pacientes veterinários não queira escapar ou morder. Com o paciente relaxado, por sua aceitação à terapia, é comum a utilização da acupressão, estímulo através da compressão dos dedos na pele, podendo ser realizada diretamente nos acupontos almejados sob forma de massagem com manipulação leve, favorecendo o relaxamento do paciente. Dessa forma, para o sucesso terapêutico em felinos faz-se necessário a colaboração do paciente através de um manejo sem estresse, por meio de uma abordagem cat friendly, em que ele se mantenha confortável de forma a permitir sua manipulação. Um dos maiores desafios da clínica médica felina é a identificação assertiva da presença de dor, já que em sua evolução predatorial, gatos não evidenciam sua vulnerabilidade através de um quadro sintomatológico usual. Porém, em animais cuja necessidade de analgesia torna-se evidenciada, seja através da mudança do comportamento natural ou através de reflexos de preservação quando manipulados, a acupuntura tem sido utilizada com sucesso. A terapia analgésica farmacológica em gatos pode ser dificultada, assim, terapias

diferenciadas são aliadas ao veterinário. As evidências de que a acupuntura promove a homeostasia, minimiza o estresse e modula a liberação de mediadores do processo inflamatório e da dor, sugerem que a utilização da acupuntura como complemento ao tratamento da doença idiopática do trato urinário inferior dos felinos possa aliviar o sofrimento do doente e minimizar a possibilidade de recidivas da sintomatologia. Por esse motivo, a terapia através da acupuntura surge como uma alternativa no tratamento de diversas enfermidades e sendo ferramenta essencial para abordagem cat friendly principalmente pois, além de proporcionar melhoria na sintomatologia do animal, reduz o estresse.

Palavras-chave: estresse, agulha, *Qi*, energia.

Referências bibliográficas:

DE LUCENA, R. C.; DE LIMA, E. R. **Uso da acupuntura como ferramenta à terapia na medicina de felinos / Use of acupuncture as a tool for therapy in feline medicine.** Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 4031–4041, 2021.

GIOVANINNI, Luciano Henrique; PIAI, Viviane dos Santos. **O uso da acupuntura no auxílio à terapia da doença idiopática do trato urinário inferior dos felinos.** Ciência Rural, v. 40, p. 712-717, 2010.

JERICÓ, Márcia Marques; NETO, João Pedro de Andrade; KOGIKA, Márcia Mery. **Tratado de medicina interna de cães e gatos.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2023. v. 1.

SCARLETT, J.M.; DONOGHUE. **Associations between body condition and disease in cats.** J. Am Vet Med Assoc, v. 212, n.11, p. 1725-1731, 1998.

O USO DO CANABIDIOL NO TRATAMENTO DA DOENÇA INTESTINAL INFLAMATÓRIA EM FELINOS

(The usage of cannabidiol in the treatment of inflammatory bowel disease in felines)

Maria Clara Breda Dias^{1*}, Charles Demetrius Gonçalo da Silva Júnior¹, Ana Vitória Ferreira da Silva¹, Bianca dos Santos Cunha de Santana¹, Tayra Alves Neves Araujo¹, Thaynná Camila Morais Amaral Gonçalves da Silva¹, Daniela Maria Bastos de Souza¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: clarabreda03@gmail.com

RESUMO

A Doença Intestinal Inflamatória (DII) é um grupo de enteropatias crônicas e imunomediadas de tratamento dificultoso. A principal estratégia terapêutica é a mudança dietética para reduzir ou eliminar a exposição a algum ingrediente ao qual o animal seja sensível. Também é comumente empregado antiinflamatórios corticosteróides, que devem ter sua dose reduzida aos poucos até serem retirados completamente. Porém, em muitos casos, ao se reduzir ou retirar o corticóide, os sinais clínicos podem retornar, o que demandaria um tratamento prolongado. Desta forma, os endocanabinóides surgem como uma alternativa terapêutica com menores efeitos adversos e maior sucesso na remissão dos sinais clínicos. Este resumo tem como objetivo abordar o mecanismo de ação dos endocanabinóides e sua aplicação no tratamento da DII em felinos. O desenvolvimento do trabalho foi obtido a partir de pesquisas de artigos publicados sobre o tema, nas plataformas do Google Acadêmico e PubMed. Além disso, também foram consultados livros na área da medicina felina. O sistema endocanabinóide, recentemente descoberto, pode ser definido como um conjunto de receptores celulares e sinais químicos, presentes em todo o organismo. Esse sistema, está relacionado à homeostasia de algumas funções do organismo, como a regulação do sono, temperatura, processos inflamatórios e imune. A ativação desse sistema ocorre a partir de moléculas produzidas pelo corpo denominadas endocanabinóides, estruturalmente semelhantes às moléculas encontradas na Cannabis sativa. Os principais receptores desse sistema são o receptor canabinóide tipo 1 (CB1) e receptor canabinóide tipo 2 (CB2), sendo os receptores CB1 controladores da atividade de outros receptores cerebrais por meio de feedback imediato, desencadeando a elevação ou retardo de sistemas que necessitam de ajuste, como a resposta de medo ou fome. Os receptores CB2, são prevalentes no sistema imune, controlando sua resposta em inflamações intestinais, dor e desconforto abdominal. Estudos já evidenciaram a importância desses receptores na DII. Em uma pesquisa realizada com camundongos

knockout para CB1 e CB2 foi observada uma maior susceptibilidade à colite induzida, sugerindo um papel protetor desses receptores contra a inflamação crônica. Estudos in vitro também evidenciaram que antagonistas do CB1 viabilizam a resolução de feridas do epitélio do cólon em humanos, promovendo uma melhor cicatrização em pacientes com DII. Além disso, a hipermotilidade intestinal devido a administração de lipopolissacarídeos em roedores é abolida pelo CB2, sugerindo que o agonismo do CB2 inibe a motilidade intestinal em condições fisiopatológicas enquanto o CB1 reduz a contratilidade do músculo liso principalmente em um ambiente fisiológico. Desta forma, há estudos que comprovam a aplicabilidade e eficiência do canabidiol, substância extraída da *Cannabis sativa*, em quadros de DII. Apesar das evidências sugerirem um papel fundamental dos endocanabinoides nas funções gastrointestinais, a literatura ainda é escassa quanto ao uso de canabidiol em felinos, sendo necessárias mais pesquisas acerca deste assunto, visto que a DII é uma patologia desafiadora tanto para clínicos quanto para tutores, demandando mais alternativas terapêuticas eficientes.

Palavras-chave: *Cannabis sativa*, sistema endocanabinoide, gatos domésticos.

Referências bibliográficas:

BICHARD, S. J.; SHERDING, R. G. **Manual Saunders: clínica de pequenos animais.** São Paulo: Roca, 2008.

BRUTLAG, A.; HOMMERDING, H. Toxicology of marijuana, synthetic cannabinoids, and cannabidiol in dogs and cats. *Veterinary Clinics: Small Animal Practice*, [s.l.], v. 48, p. 1087-1102, 2018.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C.; COTE, E. **Textbook of Veterinary Internal Medicine.** Amsterdam: Elsevier Health Sciences, 2017.

HORNBY, P. J. ; PROUTY, S. M. Involvement of cannabinoid receptors in gut motility and visceral perception. *British Journal of Pharmacology*, [s.l.], v. 141, p. 1335-1345, abril 2004.

LIGRESTI, A.; PETROCELLIS, L.; MARZO, V. From phytocannabinoids to cannabinoid receptors and endocannabinoids: Pleiotropic physiological and pathological roles through complex pharmacology. *Physiological Reviews*, [s.l.], v. 96, p. 1593-1659, 2016.

PESCE, M. et al. Endocannabinoid-related compounds in gastrointestinal diseases. *Journal of Cellular and Molecular Medicine*, [s.l.], v. 22, p. 706-715, 2017.

SILVER, R.J. The endocannabinoid system of animals. *Animals*, [s.l.], v. 9, p. 2-15, set 2017.

STANZANI, A.; et al. Localization of cannabinoid and cannabinoid related receptors in the cat gastrointestinal tract. *Histochem Cell Biology*, [s.l.], v. 153, p. 339-356, mai. 2020.

TILLEY, L. P.; SMITH JUNIOR, F. W. K. **Consulta veterinária em 5 minutos: espécie canina e felina.** São Paulo: Manole, 2014.

USO DE ELETROQUIMIOTERAPIA PARA O TRATAMENTO DE CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM FELINO

(Use of electrochemotherapy as squamous cell carcinoma treatment in feline)

Ian Felipe A.Costa^{1*}, Milene Iara Fagundes¹, Ana Cláudia Jordão¹, Lílian Sabrina S. de Andrade², Joaquim Evêncio Neto², Soke.G.C.Houkonnou³, Hígor Barreto Rodrigues³

¹Discente da Graduação de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Docente da Graduação de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

³Pós-graduando da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

*E-mail para correspondência: ian.costa@ufrpe.br

RESUMO

O desenvolvimento de neoplasias malignas tem aumentado nos últimos anos, tornando-se pauta de preocupação recorrente na medicina veterinária. Diante da crescente incidência, fatores como o aumento da expectativa de vida e longevidade dos animais de companhia estão diretamente relacionados com o surgimento das formações cancerígenas. O carcinoma de células escamosas é uma neoplasia cutânea de grande relevância, uma vez que, além de ser um tumor maligno que acomete o epitélio, acomete uma grande diversidade de espécies, sendo responsável por grande parte dos tumores de pele em felinos. A exposição incessante à radiação ultravioleta é um dos fatores que contribui para o desenvolvimento neoplásico. Gatos com áreas de pelagem branca são os mais propensos, sendo plano nasal, pálpebras e aurículas as regiões mais recorrentes para a manifestação do tumor. Objetivou-se relatar um caso de um felino, fêmea, sem raça definida, pesando 3,1kg, de pelagem preta com extremidades brancas, atendido no Hospital Veterinário Universitário (HVU) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O animal apresentava lesões ulceradas em orelha esquerda, em plano nasal, comissura lacrimal e pálpebra. Segundo relato da tutora, a paciente já havia realizado conchectomia na orelha direita, porém devido a contínua exposição solar por conta da área domiciliar se tratar de um sítio, a paciente evoluiu para o surgimento de novas lesões cancerígenas. Após confirmado o diagnóstico de carcinoma de células escamosas por punção aspirativa por agulha fina (PAAF), foi estabelecido como tratamento a utilização de eletroquimioterapia (EQT) e conchectomia da orelha acometida. A EQT foi realizada utilizando o eletroporador VETCP 125, após administração prévia de bleomicina na dose de 15 UI/m², sendo a eletroporação realizada em espelho nasal e em região de pálpebras inferiores e comissura lacrimal. A paciente foi reavaliada, observando-se após 30 dias que as lesões haviam involuído porém com áreas friáveis em pálpebra inferior e espelho nasal, sendo indicada nova intervenção. Após 15 dias de evolução pós procedimento as lesões apresentaram sinais de reepitelização, demonstrando que a eletroquimioterapia foi eficaz no controle do CCE, causando remissão das células tumorais e melhoria na qualidade de vida da paciente relatada.

Palavras-chave: Pele, tumor, gato, eletroporação.



LINFOMA ALIMENTAR EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Alimentary lymphoma in felines: literature review)

Maria Eduarda da Silva^{1*}, Ana Clara Mendes Ribeiro Bernardo¹, Luana de Pádua França¹, Sophia Oliveira Dantas¹, Isabela Gilena Lins dos Santos²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Médica veterinária autônoma, Recife-PE;

*E-mail para correspondência: dduds81@gmail.com

RESUMO

Linfomas são neoplasias caracterizadas pela proliferação de linfócitos malignos, originados principalmente de órgãos linfóides, como medula óssea, baço e linfonodos. Apesar da origem principal, essas células podem se desenvolver em qualquer órgão do corpo devido à migração contínua dos linfócitos pelos tecidos. Entre as classificações do linfoma com base na localização anatômica, o alimentar ou gastrointestinal é a forma mais comum em felinos, seguido pelo mediastinal e multicêntrico. Este tipo acomete com frequência o intestino, afetando principalmente jejuno, íleo e duodeno, além de estômago e fígado, sendo caracterizado pela infiltração de linfócitos neoplásicos que podem envolver linfonodos mesentéricos. Assim, objetiva-se analisar a ocorrência do linfoma alimentar em felinos, enfatizando aspectos epidemiológicos, histopatológicos, clínicos e terapêuticos dessa neoplasia, tendo em base trabalhos científicos publicados na área de oncologia veterinária. O linfoma é uma doença multifatorial, onde fatores como o vírus da imunodeficiência felina (FIV), vírus da leucemia felina (FELV), doença inflamatória intestinal (DII), disbiose, dieta inadequada e idade avançada podem contribuir para o seu desenvolvimento. Histopatologicamente, o linfoma alimentar é dividido em diferentes graus da neoplasia, sendo: linfocítico, com células pequenas e bem diferenciadas; linfoblástico, com células grandes, pouco diferenciadas e o mais agressivo; e linfoma granular de grandes células, caracterizado pela presença de linfócitos T natural killer, com presença de grânulos intracitoplasmáticos. Os sinais clínicos são inespecíficos e de caráter crônico, incluindo perda de peso, êmese, diarreia, anorexia, hiporexia, hematoquesia e tenesmo, sendo importante o diagnóstico diferencial para outras doenças gastrointestinais de felinos, como DII, ou outras doenças de sintomatologia semelhante, como doença renal crônica, hipertireoidismo e tríade felina. Para o diagnóstico, exames complementares são indispensáveis para o estadiamento clínico, onde os principais compreendem hemograma, testes de função hepática e renal, dosagem de cobalamina e folato, radiografia, ultrassonografia e sorologia para FIV e FELV. Diminuição dos níveis séricos de cobalamina e folato podem indicar má absorção intestinal, considerando a absorção desses componentes no intestino delgado, local frequentemente afetado por esse tipo de neoplasia. Na ultrassonografia, o linfoma intestinal pode aparecer de forma solitária ou difusa pelo

intestino, com comprometimento ou não de linfonodos, podendo ser confundido com DII. A endoscopia e/ou colonoscopia são indicadas, porém limitam-se em relação ao tamanho da amostra e avaliação de mucosa e submucosa, portanto, frequentemente é necessário biópsia por laparotomia, coletando amostras de várias porções do trato gastrointestinal, além de fígado, baço e linfonodos. Ademais, a imunohistoquímica é utilizada quando a histopatologia foi inconclusiva, permitindo distinguir a neoplasia de DII, além de diferenciar os subtipos do linfoma alimentar. O tratamento de eleição é a quimioterapia, podendo haver indicação cirúrgica em casos de obstrução gastrointestinal. Protocolos quimioterápicos recomendados incluem a associação de clorambucil e prednisolona para linfomas de baixo grau, enquanto para linfomas de alto grau, doxorrubicina, ciclofosfamida, vincristina, lomustina e prednisolona são recomendados, de uso isolado ou em associação. Por fim, sabe-se que o linfoma alimentar é uma doença frequente na medicina felina, diminuindo a sobrevida dos animais afetados, tornando-se fundamental diagnósticos diferenciais e exames complementares para o bom estadiamento e prognóstico do paciente.

Palavras-chave: Neoplasia, linfócitos, gastrointestinal, histopatologia.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, G.B. et al. Linfoma alimentar de pequenas células em felinos: Relato de caso. **Pubvet**, v. 18, n. 03, p. e1568, 2024. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/3546>. Acesso em: 6 maio. 2024.

AZEVEDO, I. N. D.; FERREIRA, C. D. B.; VASCONCELOS, J. S. L. D.; COSTA, M. B. M. V.; NUNES, Y. F. Alterações Clínicas e Laboratoriais em Gatos Acometidos por Linfoma Alimentar. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 3, p. 31, 2021. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rem/article/view/1845>. Acesso em: 6 maio. 2024.

DALECK, Carlos Roberto; NARDI, Andriago Barboza. **Oncologia em cães e gatos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. 766 p. ISBN 9788527729918.

NOGUEIRA, M. M.; MELO, M. M. Linfoma alimentar linfocítico felino - Uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, p. 1-15, 30 set. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55083>. Acesso em: 6 maio 2024.

PAULIN, M.V., COURONNÉ, L., BEGUIN, J. *et al.* Feline low-grade alimentary lymphoma: an emerging entity and a potential animal model for human disease. **BMC Vet Res** 14, 306 (2018). Disponível em: <https://bmcvetres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12917-018-1635-5>. Acesso em: 8 maio. 2024.



CAUDECTOMIA EM DECORRÊNCIA SÍNDROME PARANEOPLÁSICA EM FELINO - RELATO DE CASO

(Caudectomy as a result of paraneoplastic syndrome in a feline - case report)

Ketly Caroline Albano Silva^{1*}, Emily Tamiris Lins da Silva¹, Stephany Santos Silva¹,
Ediclesio Andrade Martir¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: ketly.albano@ufrpe.br

RESUMO

As síndromes paraneoplásicas correspondem ao conjunto de sintomas e sinais que se desenvolvem longe da neoplasia primária, sendo causadas por substâncias humorais produzidas pelo tumor ou por células normais estimuladas por células neoplásicas. Sua ocorrência pode ser antes do desenvolvimento da neoplasia primária, durante a manifestação ou após o tratamento instituído. Dentre os transtornos cutâneos paraneoplásicos capazes de acometer os gatos podem ser citadas a alopecia paraneoplásica felina, dermatite esfoliativa, dermatofibrose nodular, pênfigo vulgar e a dermatite necrótica superficial. Objetivou-se relatar um caso de caudectomia em felino, realizada em decorrência da necrose de cauda por síndrome paraneoplásica secundária a um colangiocarcinoma. Sabe-se, que tal órgão pertence ao sistema fagocitário mononuclear, sendo um importante sítio de linfócitos NK, além das células de Kupffer. Dessa forma, em um processo patológico pode ser observada a diminuição da imunidade do animal, predispondo a infecções, podendo evoluir para septicemia e até mesmo necrose. O gato, um animal da raça Pelo Curto Brasileiro, de 11 anos, cujo tutor procurou assistência veterinária, estava apresentando uma lesão em cauda, com prurido, crescimento lento e evolução de 2 meses. Ainda, já havia sido realizado tratamento tópico, que não apresentou eficácia. Solicitou-se então citologia local, ultrassonografia e exame bioquímico. Pela citologia foi diagnosticado processo inflamatório piogranulomatoso e nos achados ultrassonográficos linfadenomegalia (linfonodos celiaco e mesentérico) e hepatomegalia com alteração na ecotextura do lobo hepático esquerdo. No exame bioquímico observou-se um aumento significativo da enzima hepato-específica AST, indicadora de lesão em hepatócitos, corroborando assim para a hipótese de imunossupressão por comprometimento do parênquima hepático, podendo justificar as manifestações clínicas apresentadas. Posteriormente foi realizado o encaminhamento cirúrgico para biópsia incisional em fígado, ceco e na lesão em cauda. Obteve-se o diagnóstico histopatológico de colangiocarcinoma, o tumor hepatobiliar mais comum em felinos, colite ulcerativa focal associada a placa de Peyer e dermatite granulomatosa, respectivamente. Através da tomografia evidenciaram-se lesões sugestivas de neoplasia hepática. Subsequentemente, ao ser encaminhado para laparotomia exploratória e colecistectomia, visualizou-se

comprometimento hepático completo, tornando a colecistectomia inviável. Ademais, foi realizada a avaliação pelo cirurgião da lesão em cauda, onde notou-se presença de necrose, desta forma optou-se pela realização de caudectomia e biópsia incisional. Para o procedimento cirúrgico inicialmente posicionou-se um torniquete na base da cauda a fim de diminuir o sangramento. Foi então realizada com bisturi uma dupla incisão em V na pele de forma distal ao local desejado para a transecção intervertebral. Efetuou-se então a divulsão dos tecidos com o auxílio da tesoura de Metzenbaum e pinça anatômica, seguida da ligadura das veias e artérias caudais mediais e caudais laterais com o uso de poliglactina 2-0. A transecção intervertebral foi feita com auxílio do bisturi, entre C3 e C4. Realizou-se então a hemostasia com pinças hemostáticas e ligaduras com poliglactina 2-0. A síntese da pele seguiu o padrão isolado simples com nylon 3-0. Ademais, foi coletado material de uma massa observada próxima à veia caudal bilateral direita para biópsia. O animal apresentou notória melhora após a realização da caudectomia, sendo possível atestar a eficácia terapêutica do procedimento cirúrgico.

Palavras-chave: Neoplasia, gato, cirurgia, necrose.

Referências bibliográficas:

- ABBAS, Abul K. *et al.* **Imunologia Celular e Molecular**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.
- COSTA, L. C. R. da. Síndromes paraneoplásicas em cães e gatos. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, [S. l.], v. 2, p. 68, set. 2021.
- DALEK, Carlos Roberto; NARDI, Andriago Barboza de. **Oncologia em cães e gatos**. Rio de Janeiro: Roca, 2016.
- FERREIRA, Marília Gpa. *et al.* Síndromes paraneoplásicas em cães e gatos: revisão de literatura - parte 2. *Investigação*, [S.l.], v. 17, p. 35-42, fev. 2018.
- LEAL, Diana Rosa Baptista da Silva. **Síndromes paraneoplásicas cutâneas no cão e no gato: revisão bibliográfica e estudo de casos**. 2009. 111 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.
- OLIVEIRA, K. M. *et al.* Principais Síndromes Paraneoplásicas em Cães e Gatos. *Enciclopédia Biosfera*, [S. l.], v. 9, p. 16, dez. 2013.
- FREITAS, Rosemar de Almeida *et al.* Colangiocarcinoma primário com metástase em duodeno e baço em felino com vírus da leucemia felina: Relato de caso. [S.l.], v. 13, p.1-6, jul. 2019.

LINFOMA MEDIASTINAL EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA

(Mediastinal lymphoma in felines - literature review)

Emily Tamiris Lins da Silva^{1*}, Leticia Grazielle da Conceição Amorim¹, Odeilza do Nascimento Trajano¹, Lílian Sabrina Silvestre de Andrade¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: emily.tamiris@ufrpe.br.

RESUMO

O presente trabalho visa expor informações acerca da etiologia, patogenia, diagnóstico e tratamento de linfoma mediastinal em felinos domésticos. Para tal, foram selecionados pelo título, trabalhos disponíveis no Google Academy e Pubmed, usando os descritores linfoma, mediastinal e felino e a versão em inglês lymphoma, mediastinal e feline, utilizando filtros de artigos publicados nos últimos 10 anos. Os linfossarcomas ou linfomas malignos, são neoplasias de origem hematopoiética que podem ser de linfócitos B ou T, originários principalmente de órgãos linfóides, como linfonodos, baço e medula óssea. De acordo com sua localização anatômica, bem como dos tecidos afetados, podem ser classificados em linfoma mediastinal, alimentar, multicêntrica, nodal (cutânea) e extranodal, em felinos a classificação inclui o linfoma renal, nasal e em sistema nervoso. O linfoma mediastinal tem grande incidência na medicina felina, acometendo principalmente animais jovens, da raça siamesa ou de raças orientais, sendo uma doença majoritariamente de linfócitos T. Apesar do desconhecimento etiológico, um dos fatores predisponentes para o desenvolvimento dessa neoplasia em gatos, é o vírus da leucemia felina (FeLV), que sabe-se ter relação direta com a tumorigênese. No caso do vírus da imunodeficiência felina (FIV), a associação se dá de forma indireta, por meio da imunossupressão como fator de risco. Os órgãos envolvidos são os linfonodos mediastinais, e/ou o timo, podendo acometer estruturas adjacentes como linfonodos esternais, devido isso os sinais clínicos incluem dispneia, taquipneia, efusão pleural além da manifestação inespecífica (síndrome paraneoplásica), como perda de peso, anorexia e hipercalcemia, tendo prognóstico desfavorável. Ao exame físico, o mediastino pode apresentar-se não compressível a palpação e durante a auscultação da região, pode ser possível identificar som maciço, característico de efusão pleural. Os métodos de diagnósticos que podem ser utilizados são a aspiração por agulha fina da massa mediastinal, análise citológica do líquido pleural, análise histológica do tumor, radiografia de tórax para detecção de linfadenomegalia mediastinal, hemograma, exames bioquímicos e em alguns casos ultrassonografia torácica. Em alguns casos, devido à elevada presença de linfócitos pequenos e médios, há dificuldade na diferenciação com casos de timoma, fazendo-se necessário o uso da citometria de fluxo como ferramenta para o diagnóstico. Quando os linfomas mediastinais causam efusão pleural, pode-se incluir como diagnóstico diferencial outras neoplasias

como o timoma e mesotelioma, insuficiência cardíaca, quilo, hemo ou piotórax. Dentre os principais protocolos quimioterápicos utilizados no tratamento de linfoma mediastinal, o que apresenta melhores resultados em relação a taxa de resposta, período livre de doença e sobrevida do animal é o protocolo COP, este utiliza a combinação dos fármacos como ciclofosfamida, vincristina e prednisona. Diante do exposto, é de suma importância o acompanhamento de pacientes que possuem fatores de risco para o desenvolvimento de linfomas, bem como dos sinais clínicos sugestivos e meios de diagnóstico para estabelecer o melhor tratamento para felinos acometidos com essa afecção.

Palavras-chave: Neoplasia, linfócito, gatos.

Referências bibliográficas:

BERNARDI, Serena, et al. Flow Cytometric Analysis of Mediastinal Masses in Cats: A retrospective study. *Frontiers in Veterinary Science*, [S.l.], vol. 7, p. 1-8, ago. 2020.

DALEK, Carlos Roberto; NARDI, Andriago Barboza de. **Oncologia em cães e gatos**. Rio de Janeiro: Roca, 2016.

FABRIZIO, Francesca, et al. Feline mediastinal lymphoma: a retrospective study of signalment, retroviral status, response to chemotherapy and prognostic indicators. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, [S.l.], vol. 16, p. 637-644, dez. 2013.

LITTLE, S. **O Gato: Medicina Interna**. Rio de Janeiro: Editora Roca, 2016.

MASSOLA, Taynara Buratti, MACHADO, Thais Aparecida, ALONSO, Gabriele, ZILLOTTO, Liane. Linfoma mediastinal em felino: relato de caso. *Pubvet*, [S.l.], v.16, p.1-7, out. 2022.

SGARIONI, Annelise Zabel. **Linfoma mediastinal em um felino: relato de caso**. 2019. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA EM *ESCHERICHIA COLI* ISOLADAS DE FELINOS COM CISTITE RECORRENTE

(*Antimicrobial resistance in Escherichia Coli isolated from felines with recurrent cystitis*)

Rafaela Silva Santos^{1*}; Alice Gusmão Araújo¹; Geovania Gonçalves de Souza¹; Larissa Cordeiro Santos¹; Emmylly Victória Gomes de Lima¹; Erika Fernanda Torres Samico-Fernandes¹; Pollyanne Raysa Fernandes de Oliveira¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: rafa.enssaude@gmail.com

RESUMO

Escherichia coli é uma bactéria Gram-negativa oportunista que está presente nos casos de infecções de cistites recorrentes em felinos. *E. coli* uropatogênica (ECUP) emergiu como uma das principais preocupações em diversas espécies, incluindo a felina, devido à sua importância zoonótica e sua capacidade de desenvolver resistência a uma gama de antibióticos utilizados na rotina clínica. Dada à importância desse patógeno, objetivou-se realizar uma revisão de literatura sobre a detecção de resistência aos antimicrobianos em *E. coli* isoladas de pacientes felinos com infecção urinária, a fim de conhecer mecanismos de diagnóstico necessários para difundir estratégias eficazes de tratamento e controle. Foram selecionados 7 artigos publicados entre 2014 e 2023, nas bases de dados PubMed, Scielo e Scopus, que apresentaram resultados relevantes sobre o tema proposto, tendo como critérios de inclusão artigos regionais e internacionais. Na análise, não houve correlação dos isolados resistentes a antimicrobianos com a presença de genes associados à virulência, porém foi encontrado em vários isolados o gene CTX-M associado a genes multirresistentes produtores de b-lactamases de espectro estendido (ESBL) que teve um aumento significativo da sua prevalência ao longo de um período de 10 anos e pode abrigar genes de resistência para outras classes de antibióticos, como fluoroquinolonas e aminoglicosídeos. A resistência a múltiplos medicamentos esteve presente em 90% das infecções bacterianas produtoras de ESBL em um dos estudos. Em estudos moleculares de um dos artigos, foi amplificado em todas as cepas de *E. coli* genes aadA1 e blaTEM que codificam resistência a quinolonas (qnrS), fosfotransferases de macrólidos (mphA), estreptomicina (aadA1) e lactamase (blaTEM). A ECUP normalmente desenvolve resistência a macrólidos como a eritromicina e a azitromicina. Nos testes de susceptibilidade, a maior parte dos isolados dos artigos foram suscetíveis a pelo menos um antibiótico coincidindo resistência antimicrobiana ao ácido nalidíxico, ampicilina, tetraciclina, azitromicina, cotrimoxazol, estreptomicina e ciprofloxacina. Em um dos trabalhos teve 100% dos isolados resistente à doxiciclina; em outro, a maioria dos isolados foram resistentes a fluoroquinolonas como enrofloxacina, marbofloxacina e orbifloxacina. Os isolados foram sensíveis a imipenem, meropenem, nitrofurantoína e gentamicina. A

coletiva desses resultados aprimora a discussão sobre a emergência e disseminação da resistência antimicrobiana a diferentes antibióticos em cistites recorrentes de felinos e alerta o uso indiscriminado de antibióticos. As abordagens terapêuticas devem ser adaptadas nesses casos promovendo estratégias de controle de infecções, uso racional de antimicrobianos e vigilância antimicrobiana para mitigar esse problema crescente e garantir a eficácia contínua dos tratamentos na medicina veterinária.

Palavras-chave: *E. coli*, Beta-lactamases, Resistência bacteriana, Infecções do trato urinário.

Referências bibliográficas:

Ashraf, A. Abd El Tawab. *et al.* Characterization of some antimicrobial genes of *Escherichia coli* recovered from pet animals and human with urinary tract infections. Benha Veterinary Medical Journal, n. 43, 2022.

Carvalho, Vania M. *et al.* Infecções do trato urinário (ITU) de cães e gatos: etiologia e resistência aos antimicrobianos. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 34, n. 1, p. 62-70, 2014.

Jańczak D. *et al.* Multidrug resistance of *Escherichia coli* isolated from the urinary bladder of dogs and cats with suspected urinary tract infections. Ann Agric Environ Med. 2023.

Koontz C. W. *et al.* Antimicrobial susceptibility patterns from urinary isolates obtained from cats (2013-2020). J Vet Intern Med. v. 37, p. 1077–1087, 2023.

Liu X. *et al.* Multilocus Sequence Typing and Virulence Profiles in Uropathogenic *Escherichia coli* Isolated from Cats in the United States. PLoS ONE, v. 10, n. 11, 2015.

Nebbia P. *et al.* Genetic and phenotypic characterisation of *Escherichia coli* producing cefotaximase-type extended-spectrum β -lactamases: first evidence of the ST131 clone in cats with urinary infections in Italy. Journal of Feline Medicine and Surgery, Marzo 12, 2014.

Woerde D. J. *et al.* Characteristics of Extended-Spectrum β -Lactamase Producing Enterobacterales Isolated from Dogs and Cats, 2011–2021. Vet. Sci. v. 10, n. 178, 2023.

LEPTOSPIROSE EM FELINOS DOMÉSTICOS - REVISÃO

(*Leptospirosis in domestic felines*)

Sophia Omena Ribeiro^{1*}, Aline Gabrielly Thorpe Bispo¹, Bianca dos Santos Cunha de Santana¹, Leticia Grazielle da Conceição Amorim¹, Ana Vitória Ferreira da Silva¹, Maria Luiza de Andrade Rêgo¹, Daniela Maria Bastos de Souza¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: sophia.omenar@ufrpe.br

RESUMO

A leptospirose é causada por diferentes espécies de bactérias do gênero *Leptospira sp.*, pertencente à ordem Spirochaetales e família Leptospiraceae. Em animais domésticos, as espécies mais conhecidas são *L. interrogans*, *L. kirschneri*, *L. noguchi*, *L. borgpetersenii* e *L. santarosai*. Quanto à classificação sorológica, a partir das características dos carboidratos presentes na membrana, subdividem-se diferentes sorogrupos, conjunto de sorovares que apresentam reatividade cruzada em teste sorológico. No Brasil, os sorovares mais frequentes têm sido Icterohaemorrhagiae, Copenhageni, Canicola, Pyrogenes, Hardjo, Castellonis e Ballum. Vale salientar que a ocorrência dessa doença na espécie felina apresenta caráter incomum, porém em testes sorológicos é comprovada a presença do patógeno nessa espécie. O presente trabalho visa expor informações acerca da etiologia, patogenia, transmissão e diagnóstico da leptospirose em felinos domésticos. Para tal, foram selecionados pelo título, trabalhos disponíveis no Google Acadêmico, usando o descritor Leptospirose e felinos domésticos sem filtros. A prevalência da doença não está diretamente ligada a nenhum fator, mas ao comportamento do animal semi domiciliado, contato com animais infectados, hábitos de caça e água contaminada. Sendo assim, a transmissão ocorre via oral, devido ao hábito de caça à presas como roedores, contato da pele, água contaminada ou contato com urina de animais portadores. São caracterizados como hospedeiros acidentais, podendo portar sorovares da fauna selvagem ou doméstica, como no caso da propagação das sorovares Icterohaemorrhagiae e Ballum. Ademais, a prevalência de anticorpos em gatos doentes e saudáveis não possuem uma discrepância grande, devido à infecção subclínica. Além disso, sabe-se que em felinos errantes, há a maior sobrevivência da bactéria no tecido renal, possuindo maior risco de infecção. Sendo assim, sabe-se que gatos assintomáticos podem eliminar, por leptospiúria, por duas a oito semanas, contribuindo com a contaminação ambiental e propagação para humanos. Quadros sintomáticos são mais raros e a infecção, em sua maioria, é geralmente subclínica, mas podem apresentar febre, alteração ocular, anorexia, hepatite e consequências renais, como a nefrite intersticial. Quanto aos achados em exames complementares, pode apresentar azotemia, linfopenia, neutrofilia e nefromegalia. O diagnóstico deve analisar o histórico do paciente e sua criação em adição à exames complementares supracitados, além

da utilização de testes sorológicos, apesar de poder não ter um título sorológico detectável, ou PCR (Reação em Cadeia da Polimerase) quantitativo da urina, entretanto pode não demonstrar o sorovar infectante, SAM (Soroaglutinação Microscópica), ELISA (Ensaio de Imunoadsorção Enzimática), exame histopatológico do tecido renal ou cultura e isolamento do patógeno, utilizando a urina, sangue, fluido cerebrospinal e tecidos obtidos no *post mortem* do felino. Por não haver vacinas para felinos, a forma de prevenção é evitando o contato com roedores e água parada e restringir o acesso a ambientes externos, visto que felinos possuem hábitos de caça, junto a isso, tratar os sinais e sintomas apresentados com uso de antibioticoterapia. Portanto, é notório o papel de disseminação ambiental dos felinos, devido à eliminação da bactéria via urina e também a importância do conhecimento clínico, a fim de considerá-la como diagnóstico diferencial, tendo em vista sua relevância no contexto da Saúde Única.

Palavras-chave: *Leptospira* sp., Leptospiúria, Sorovares.

Referências bibliográficas:

AZÓCAR-AEDO, L.; SMITS, H.; MONTI, G. **Leptospirosis in dogs and cats: epidemiology, clinical disease, zoonotic implications and prevention.** Archivos de medicina veterinaria, v. 46, n. 3, p. 337–348, 2014.

MITTESTAINER, J. C.; et al. **Estudo soropidemiológico da infecção por *Leptospira* spp. em gatos.** Veterinária e Zootecnia, Botucatu, v. 22, n. 3, p. 465–470, 2022.

MURILLO, Andrea et al. **Leptospirosis in cats: Current literature review to guide diagnosis and management.** Journal of feline medicine and surgery, v. 22, n. 3, p. 216-228, 2020.

RIBEIRO, T. M. P. et al. **Infecção por *Leptospira* spp. em Gatos (*Felis silvestris catus*). Uma Revisão.** Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal, v. 12, n. 1, p. 101–119, 30 mar. 2018;

ISOLAMENTO BACTERIOLÓGICO DE *Staphylococcus* spp. e *Proteus* sp. EM AMOSTRAS DE FELINO E ANÁLISE DO PERFIL DE RESISTÊNCIA A ANTIMICROBIANOS (TSA)

(Bacteriological isolation of Staphylococcus Spp. and Proteus Sp. in feline samples and analysis of the antimicrobial resistance profile TSA)

Geovania Gonçalves de Souza¹; Alice Gusmão Araújo¹; Larissa Cordeiro Santos¹; Rafaela Silva Santos¹; Emmylly Victória Gomes de Lima¹; Erika Fernanda Torres Samico Fernandes¹; Pollyanne Raysa Fernandes de Oliveira¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

*E-mail para correspondência: geovania.gsouza@ufrpe.br

RELATO

As infecções do trato urinário (ITUs) de etiologia bacteriana são causas comuns de enfermidades em felinos, acometendo todas as raças, sexo e idades. Nesse sentido, é imprescindível que médicos veterinários adquiram conhecimento acerca do potencial patogênico dos agentes etiológicos envolvidos através das análises laboratoriais, possibilitando assim a adoção de medidas terapêuticas adequadas. O objetivo deste trabalho foi relatar a presença de bactérias isoladas a partir de amostras biológicas de um felino, e avaliar o perfil de resistência através do Teste de Susceptibilidade aos Antimicrobianos (TSA) comumente utilizados na rotina clínica. Uma investigação foi realizada no Laboratório de Doenças Infectocontagiosas (LDIC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com o propósito de averiguar solicitações e laudos bacteriológicos de felinos no ano de 2023. Durante este período, foram recebidas no laboratório cinco amostras de urina oriundas de um felino, macho, SRD, seis anos de idade com suspeita clínica de cistite bacteriana. Todas as amostras foram processadas no LDIC, inoculadas em Ágar Cled e Ágar MacConkey, incubadas a 37°C por 24 a 48 horas e submetidas a caracterização morfotintorial, caracterização do perfil bioquímico e Teste de Sensibilidade aos Antimicrobianos (TSA) através do método de disco-difusão em Ágar Mueller Hinton. A primeira amostra, processada no mês de maio, revelou o crescimento de *Staphylococcus* spp. resistente à penicilina e cefoxitina, enquanto a segunda amostra, processada em junho, revelou o crescimento de *Proteus* sp. resistente à sulfametoxazol + trimetoprim, gentamicina e tetraciclina. Em seguida, em uma amostra do mês de agosto, novamente foi isolado *Staphylococcus* spp., este com resistência à penicilina, gentamicina, cefoxitina, amicacina e tetraciclina. Por fim, uma última amostra, processada em outubro, também revelou o crescimento de *Staphylococcus* spp., neste caso resistente à penicilina e sulfametoxazol + trimetoprim. Assim, dos três antibiogramas realizados para os isolados de *Staphylococcus* spp., observou-se resistência à cefoxitina em dois deles (2/3) 66,67%, sendo este o antibiótico mais recorrente nas análises de resistência. Quadros como este

podem ocorrer devido ao uso inadequado dos antibióticos ou quando o animal é submetido a diversos tratamentos anteriores para controle de uma infecção, conseqüentemente desenvolvendo resistência a várias classes de antibióticos e limitando as opções terapêuticas disponíveis. Estes resultados destacam a importância dos testes de sensibilidade aos antibióticos como uma ferramenta laboratorial valiosa para a clínica veterinária, proporcionando assim um diagnóstico preciso na detecção da resistência dos principais agentes bacterianos frente às ITUs, auxiliando no monitoramento contínuo da saúde dos animais.

Palavras-chave: cistite bacteriana felina, diagnóstico microbiológico, microrganismos resistentes.

***Lynxacarus radovskyi*: FATORES PREDISPONENTES E PROFILAXIA PARASITÁRIA**

(Lynxacarus radovskyi: predisposing and prophylactic factors)

Maria Luiza de Andrade Rêgo¹, Millena Mirna Neves de Carvalho¹, Sophia Omena Ribeiro¹, Beatriz Ferreira Viana¹, Julia Senna de Azevedo¹, Odeilza do Nascimento Trajano¹, Vanessa Maranhão Soares²

¹ Discente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

² Médica Veterinária Autônoma, especialista em análises clínicas veterinárias, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: marialaregocurriculo@gmail.com

RESUMO

Lynxacarus é um ácaro pilícola comum em climas tropicais, apresentando grande frequência na dermatologia felina em Recife - capital de Pernambuco, Brasil, sendo encontrado em cerca de 76% das amostras de uma população de 335 gatos estudada na cidade em 2003. A infestação, geralmente, é assintomática, mas o ácaro é macroscopicamente evidenciado com frequência pelo aspecto “sal e pimenta”. Contudo, pode causar alopecia autoinduzidas, prurido e outros sinais atrelados a uma reação de hipersensibilidade. Ademais, configura uma antropozoonose acariana de baixa importância, podendo causar dermatite papular em humanos suscetíveis. Por afetar o bem-estar do animal, e devido ao seu caráter epidemiológico, esse parasito merece atenção. Desta forma, o presente trabalho visa elucidar os fatores predisponentes no contágio pelo ácaro, além dos meios de atingir uma profilaxia exitosa e consequente mitigação da disseminação. Para tal, foram selecionados pelo título, trabalhos disponíveis na Biblioteca Virtual de Saúde, usando o descritor *Lynxacarus*. Sua presença não está diretamente ligada ao sexo, idade ou raça, mas sim ao contato com outros animais e fômites introduzidos, além do acesso à áreas externas. Nesse sentido, são necessárias medidas de controle e profilaxia parasitária. O tratamento é realizado pelo período de um mês com os medicamentos tópicos fipronil spray, sarolaner ou fluralaner transdermal, podendo estar associados à moxidectina, em dose única; ou ainda ivermectina subcutânea na dose de 0,3mg/kg com intervalo de reaplicação de duas semanas. Mesmo os tutores alegando que o animal não tenha acesso à rua, e por isso decidem não realizar o tratamento, os fômites são fontes de contágio, pois o agente é carregado por objetos e hospedeiros acidentais que tenham contato com gatos positivos. Quando a profilaxia é praticada, majoritariamente, não segue as instruções ideais de frequência, nem mesmo é direcionada aos parasitos potenciais ou diagnosticados no animal, realizado através da visualização do ácaro no pelo em exames como tricograma, parasitológico de pele ou ainda no parasitológico de fezes (flutuação), em virtude da ingestão do parasito durante o hábito de higienização dos felinos. Apesar do ciclo deste ácaro ocorrer inteiramente no animal, é de suma importância

a limpeza do ambiente e objetos o qual o felino tenha contato visto que em todos os estágios do ciclo evolutivo do parasito (ovo, larva, ninfa e adulto) foi comprovado a sua sobrevivência fora do hospedeiro. Ademais, há preocupação quanto à exportação parasitária, contribuindo para a adaptação deste à zonas climáticas até então livres dele, o que ressalta a importância de medidas controle fronteira de inspeção e rastreamento sanitários, visto que muitos países praticam apenas a inspeção visual, e um protocolo genérico para endo e ectoparasitas. Conclui-se, portanto, que os cuidados profiláticos em áreas endêmicas devem ser reforçados pelos médicos veterinários, sendo esses o uso preventivo de ectoparasiticidas, telas em janelas e outras medidas para promover a privação de acesso a rua, higienização regular do ambiente e utensílios do felino e a realização periódica de exames laboratoriais, especialmente, nos pacientes que convivem em ambientes com múltiplos animais. Esses hábitos evitam a disseminação e perpetuação do parasito.

Palavras-chave: Ácaros, dermatologia, felino.

Referências bibliográficas:

HAN, Hock Siew; NOLI, Chiara; CENA, Tiziana. Eficácia e duração de ação do fluralaner oral e moxidectina/imidacloprida para unção punctiforme em gatos infestados com *Lynxacarus radovskyi*. **Dermatologia veterinária**, v. 27, n. 6, p. 474-e127, 2016.

JAFFÉ, Ellen et al. Infestação por *Lynxacarus radovskyi* em cães e gatos domésticos na cidade de Niterói (RJ): relato de caso. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 12, n. 1-3, 2005.

KETZIS, Jennifer K.; DUNDAS, James; SHELL, Linda G. *Lynxacarus radovskyi* mites in feral cats: a study of diagnostic methods, preferential body locations, co-infestations and prevalence. **Veterinary Dermatology**, v. 27, n. 5, p. 425-e108, 2016.

KETZIS, Jennifer et al. Importation of cats and risk of parasite spread: a Caribbean perspective and case study from St Kitts. **Parasites & Vectors**, v. 13, p. 1-8, 2020.

MILLEY, Catherine et al. Comparison of parasitic mite retrieval methods in a population of community cats. *Journal of feline medicine and surgery*, v. 19, n. 6, p. 657-664, 2017.

ROCHA, Camilla M. et al. Association between infestation by *Lynxacarus radovskyi* (Acari: Lystrophoridae) and the occurrence of Feline Eosinophilic Granuloma Complex. **Journal of parasitic diseases**, v.43, n.4, p.726-729, 2019.

ROMEIRO, Edenilze T. et al. Infestação por *Lynxacarus radovskyi* (Tenorio, 1974) em gatos domésticos procedentes da região metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 16, p. 159-162, 2007.

ROMEIRO, Edenilze Teles; ALVES, Leucio Câmara; FAUSTINO, Maria Aparecida Gloria. Estudos preliminares para a avaliação da capacidade de sobrevivência do ácaro *Lynxacarus radovskyi* (Tenorio, 1974) fora do hospedeiro. **Ciência Animal Brasileira/Brazilian Animal Science**, v. 11, n. 3, p. 629-636, 2010.

WYROSDICK, Heidi M. et al. Parasite prevalence survey in shelter cats in Citrus County, Florida. **Veterinary Parasitology: Regional Studies and Reports**, v. 10, p. 20-24, 2017.

COMPREENDENDO A PERITONITE INFECCIOSA FELINA (PIF): AVANÇOS E DESAFIOS RECENTES – REVISÃO DE LITERATURA

(Understanding feline infectious peritonitis (PIF): recent advances and challenges - literature review)

Nathália dos Santos Cunha¹, Jéssica Vasconcelos Bastos¹, Marcus Polo Regis Soares Filho³, Maria Isabel Pessôa Vieira¹, Emanuela Posztbiegel¹, Luiza Vasconcelos da Luz², Jadson Queirós Alves Júnior³

¹Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, Recife, PE;

²Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

³Médico veterinário.

*E-mail para correspondência: nathy.cunha@hotmail.com

RESUMO

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença viral devastadora que acomete gatos globalmente, causada pelo coronavírus felino (FCoV). Embora muitos felinos infectados permanecem assintomáticos ou apresentam apenas sinais clínicos leves, a infecção por FCoV pode evoluir para PIF em alguns casos, resultando em uma condição fatal. Com o objetivo de fornecer uma visão abrangente da peritonite infecciosa felina (PIF), foram pesquisadas referências científicas relevantes ao tema na plataforma Google Acadêmico, nas línguas portuguesa e inglesa, abordando desde a etiologia e manifestações clínicas até as estratégias de diagnóstico, tratamento e prevenção da PIF. A PIF pode se manifestar em duas formas principais: efusiva e não efusiva. Na forma efusiva, ocorre o acúmulo de líquido na cavidade abdominal ou torácica, resultando em sinais como distensão abdominal e dispneia. Na forma não efusiva, os sinais clínicos são mais variados e incluem caquexia, letargia, febre intermitente e manifestações neurológicas. O diagnóstico da PIF pode ser desafiador devido à sua ampla gama de sinais clínicos e à ausência de um teste definitivo. Normalmente, são necessários vários exames, como análise do líquido cavitário, testes sorológicos e PCR (reação em cadeia da polimerase), para confirmar a suspeita clínica. Infelizmente, não existe tratamento curativo para a PIF, sendo o manejo voltado principalmente para o alívio dos sinais clínicos e o suporte ao paciente. A profilaxia da PIF também é um desafio, devido à alta contagiosidade do FCoV, que é comum em ambientes com múltiplos gatos, como abrigos e criadouros. O FCoV é transmitido principalmente pelo contato direto com fezes ou secreções respiratórias de gatos infectados, bem como pelo ambiente contaminado onde os gatos vivem. Estratégias preventivas incluem a manutenção de boas condições de higiene, e o isolamento de gatos infectados. Apesar dos desafios diagnósticos, terapêuticos e profiláticos, pesquisas recentes têm proporcionado avanços na compreensão da PIF e suas formas de tratamento. Estudos sobre a patogênese do FCoV e a resposta imunológica do hospedeiro têm revelado potenciais alvos

terapêuticos e estratégias de prevenção. Em síntese, a PIF é uma doença complexa que exige uma abordagem multidisciplinar para diagnóstico, tratamento e profilaxia. O aumento da conscientização sobre a doença, juntamente com o apoio contínuo à pesquisa, é crucial para melhorar o manejo e o prognóstico dos gatos afetados.

Palavras-chave: infecção, vacinação, epidemiologia, imunidade, vacinação.

Referências bibliográficas:

CHANG, H. W.; DE GROOT, R. J.; EGBERINK, H. F.; ROTTIER, P. J. M. **Feline infectious peritonitis: insights into feline coronavirus pathobiogenesis and epidemiology based on genetic analysis of the viral 3c gene.** Journal of General Virology, v. 91, n. 2, p. 415-420, 2010. Disponível em: <https://www.microbiologyresearch.org/docserver/fulltext/jgv/91/2/415.pdf?expires=1713225542&id=id&accname=guest&checksum=1A61D4997637070B597CFCEEFE7D2FD5>.

Acesso em: 15 abr. 2024.

JAIMES, J. A.; WHITTAKER, G. R. **Feline coronavirus: Insights into viral pathogenesis based on the spike protein structure and function.** Veterinary Microbiology, v. 517, p. 108-121, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7112122/pdf/main.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

KIPAR, A.; MELI, M. L. **Feline infectious peritonitis: still an enigma?.** Veterinary Microbiology, v. 181, n. 1-2, p. 48-58, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/0300985814522077>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PEDERSEN, N. C. **A review of feline infectious peritonitis virus infection: 1963-2008.** Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 11, n. 4, p. 225-258, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1016/j.jfms.2008.09.008>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BLASTOMICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

(*Feline blastomycosis: literature review*)

Maria Augusta Freitas Barbosa Paiva de Lira¹ Stephanie Caroline Gueiros Silva²

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, PE;

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: mariaaugustalira@gmail.com

RESUMO

A Blastomicose felina é uma infecção fúngica, causada pelo *Blastomyces dermatitidis* que afeta gatos em várias regiões do mundo. Apesar de ser uma condição relativamente rara nos felinos, a sua incidência tem despertado crescente interesse na comunidade veterinária devido aos desafios no diagnóstico e tratamento. O presente estudo tem o objetivo de revisar os aspectos clínicos e diagnósticos desta doença em felinos. A pesquisa foi realizada na base de dados PubMed, selecionando resultados em português e inglês. Blastomicose apesar de mais comum em cães e humanos, gatos também podem se infectar, principalmente animais restritos a ambientes fechados ou semi-domiciliados devido à maior facilidade de acesso aos organismos fúngicos no solo. A transmissão ocorre a partir da inalação de conídios suspensos, os quais se encontram no solo. Quando a inalação ocorre se estabelece um local primário de infecção nos pulmões e a partir disso, ocorre a disseminação da levedura para os sistemas linfático, esquelético e nervoso central (SNC), bem como para os olhos e a pele, esse último com o aparecimento de protuberâncias não ulceradas ou abscessos de grande porte, ocasionando uma inflamação piogranulomatosa. Também podem ser encontradas hipercalcemia e níveis aumentados de calcitriol. Assim, o sistema respiratório torna-se uma via de entrada para esses patógenos, podendo a infecção permanecer localizada nos pulmões ou disseminar-se para outros órgãos-alvo. Os felinos infectados geralmente apresentam sinais clínicos no trato respiratório, como pneumonia, tosse e dificuldade respiratória, juntamente com lesões cutâneas, aumento dos gânglios linfáticos e, em casos graves, comprometimento do sistema nervoso central. Também podem exibir sintomas inespecíficos, como falta de apetite, letargia e perda de peso. O diagnóstico desta infecção geralmente é feito por meio de exame citológico de esfregaços de impressão de lesões cutâneas ou aspirados com agulha fina de tecidos afetados, porém também podem ser identificados em amostras de lavado broncoalveolar peritoneal para diagnóstico. No exame citológico, nota-se que as células de levedura do fungo *Blastomyces dermatitidis* têm uma parede grossa e são um pouco grandes, geralmente com cerca de 8 a 12 micrômetros de tamanho e não apresentam uma cápsula ao redor. O tratamento consiste em terapia antifúngica sistêmica prolongada, sendo utilizado o Itraconazol de 10 mg/kg, via oral, a cada 12 horas durante 2 a 4 meses. Portanto, a blastomicose pode ser evitada através da conscientização e do cuidado preventivo, sendo de extrema importância a

restrição ao acesso livre do felino às ruas, reduzindo significativamente a chance de exposição ao fungo.

Palavras-chaves: Fungo; Gato; Pulmão, Piogranulomatosa.

Referência bibliográficas:

BRÖMEL, C.; SYKES, J. E. Epidemiology, diagnosis, and treatment of blastomycosis in dogs and cats. **Clinical techniques in small animal practice**. v. 20, n. 4, p. 233-239, 2005.

DUARTE, L.; GONÇALVES, A.; MARTINS, A. M.; ORNELES, F. BLASTOMICOSE FELINA: RELATO DE CASO . **Sinapse Múltipla**, v. 11, n. 1, p. 118 - 121, 19 set. 2022.

LLORET, A. HARTMANN, K.; PENNISI, M.G.; FERRER, L.; ADDIE, D.; BELÁK, S., BOUCRAUT-BARALON, C., EGBERINK, H.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.; HOSIE, M.J.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; MÖSTL, K.; RADFORD, A.D.; THIRY, E.; TRUYEN, U.; HORZINEK, M.C. Rare systemic mycoses in cats: blastomycosis, histoplasmosis and coccidioidomycosis: ABCD guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.15, n.7, p.624-627, 2013.

PAVELSKI, M. et al.. Fungal pneumonia in dogs and cats with pulmonary clinical signs in southern Brazil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 4, p. 696–702, abr. 2018.

UTILIZAÇÃO DA ULTRASSONOGRAFIA PARA O AUXÍLIO DIAGNÓSTICO DA PLATINOSOMOSE SPP EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA

(Use of ultrasound to aid diagnosis of platinosomosis spp in felines - literature review)

Maysa Siqueira de Souza Leão^{1*}, Alice Mendes da Silva¹, Ana Clara Mendes Ribeiro Bernardo¹, Iasmyn Gabriella Lima da Silva¹, Odeilza do Nascimento Trajano¹, José Anderson da Silva Rocha¹, Fabiano Sellos Costa¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: maysa.leao@ufrpe.br

RESUMO

Na rotina clínica dos felinos, as doenças hepáticas são uma constante. Dentre os diferentes patógenos que determinam problemas à saúde desses animais estão os helmintos do sistema digestório e, dentre estes, está o trematódeo *Platynosomum* spp. o qual tem como principais espécies *P. fastosum*, *P. illiciens* e *P. concinnum*. Este helminto apresenta um ciclo de vida ainda pouco compreendido, mas, sabe-se que há a necessidade de até três hospedeiros intermediários e um definitivo. Dentre os intermediários, as lagartixas são um dos principais e, devido ao hábito de caça dos felinos, eles são um dos animais domésticos mais predispostos a se infectar com tal patógeno. *Platynosomum* spp. aloja-se, principalmente, na vesícula biliar e ductos biliares. As suas manifestações clínicas são inespecíficas e variam de acordo com a carga parasitária, resposta imune e tempo de infecção do animal, sendo os exames complementares indispensáveis para um diagnóstico eficaz. Ademais, a infestação por *Platynosomum*, dependendo da carga parasitária, pode ser assintomática, ou pode predispor a infecção secundária por bactérias, fibroses, obstruções, colangites e colangiohepatites. Visto isso, dentre os exames complementares, têm-se os laboratoriais, como hemograma e bioquímico, os coproparasitológicos e os de imagem, como a radiografia, a ultrassonografia e a tomografia computadorizada. Dando ênfase à ultrassonografia, esta é uma importante ferramenta na detecção de alterações desencadeadas por essa parasitose. Segundo a literatura, os principais órgãos afetados por esse parasita são o fígado, a vesícula biliar e os ductos biliares. Em relação aos achados ultrassonográficos, tem-se uma série de anormalidades hepáticas como a hepatomegalia, alterações de ecotextura e ecogenicidade do parênquima hepático, contornos irregulares, dilatação das vias biliares com presença de sedimento, dilatação dos ductos biliares, fibrose periductal, dentre outras, e, muitas dessas alterações, decorrentes da platinosomose, começam a aparecer no exame ultrassonográfico nos estágios avançados da doença, sendo mais comuns em animais com infecções crônicas ou alta carga parasitária. Ademais, outro exame complementar que pode ser usado para auxílio do diagnóstico é a colecistocentese guiada por ultrassonografia, sendo este um exame minimamente invasivo, no qual permite a coleta da bile para avaliação citológica, sendo considerado seguro para gatos

estabilizados. Em vista disso, a ultrassonografia, como exame complementar, serve como forte aliado na avaliação dos órgãos afetados, sendo uma ferramenta indispensável que fornece informações relevantes acerca de alterações hepáticas. Dessa forma, os achados ultrassonográficos relacionados a doenças como a platinosomose felina, auxiliam na interpretação quando correlacionados aos achados encontrados na avaliação clínica e laboratorial do animal, estabelecendo um diagnóstico mais preciso e permitindo, desta forma, que o clínico intervenha com o tratamento de eleição.

Palavras-chave: helmintos, alterações, ultrassom, fígado.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, F. D. et al. Avaliação radiográfica e ultrassonográfica do fígado e da vesícula biliar em gatos domésticos (*Felis catus domesticus*) parasitados por *Platynosomum illiciens* (Braun, 1901) Kossak, 1910. Revista Brasileira de Medicina Veterinária, [s.l.], p. 283-288, 2013.

CAMPOS, N.C. et al. Infecção natural por *Platynosomum fastosum* em felino doméstico no município de Alegre, Espírito Santo e sucesso no tratamento com praziquantel. Medicina Veterinária (UFRPE), Recife, v. 12, p. 17-21, 2018.

MARQUES, D. C. et al. Achados ultrassonográficos de alterações hepatobiliares de um felino com *Platynosomum* spp. Pubvet, [s.l.], v. 14, p. 1-6, dez. 2020.

OLIVEIRA, B. S. et. al. Contribuição da ultrassonografia no diagnóstico da platinosomose felina. Veterinária e Zootecnia, [s.l.], v. 29, p. 001-007, 2022.

SALOMÃO, M. et al. Ultrasonography in Hepatobiliary Evaluation of Domestic Cats (*Felis catus*, L., 1758) Infected by *Platynosomum* Looss, 1907. International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine, [s.l.], v. 3, p. 271-279, 2005.

SARAVY-BATAILLE, K. C. M. et al. Percutaneous ultrasound-guided cholecystocentesis in healthy cats. Journal of Veterinary Internal Medicine, [s.l.], v. 17, p. 298-303, 2003.

SOLDAN, M. H. et al. Platinosomose: abordagem na clínica felina. Revista da FZVA, [s.l.], v. 18 p. 46-67, 2011.

ACOMPANHAMENTO RADIOGRÁFICO DE MEGACÓLON ASSOCIADO A FECALOMA EM FELINO - RELATO DE CASO

(Radiographic follow-up of megacolon associated with fecaloma in a feline - case report)

Odeilza do Nascimento Trajano^{1*}, Ananda Santiago de Oliveira¹, José Anderson da Silva Rocha¹, Rayssa Mayara Bispo-Pereira¹, Maysa Siqueira de Souza Leão¹, Valdecks Ferreira de Castro Filho¹, Fabiano Séllos Costa²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE,

²Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: odeilza.trajano@ufrpe.br.

RESUMO

O megacólon refere-se a uma condição persistente de cólon afuncional, caracterizando-se pela dilatação difusa e hipomotilidade, podendo ser de caráter idiopático ou secundário, principalmente, às constipações crônicas e obstipação resultantes de anormalidades anatômicas, alterações ortopédicas, desordens metabólicas ou neuromusculares e também alterações comportamentais. Constantemente, pacientes que apresentam megacólon também são diagnosticados com fecaloma, visto que essas duas anormalidades costumam estar associadas. Relata-se neste estudo o caso de um felino, fêmea, da raça pelo curto brasileiro, 7 anos de idade e com histórico de disquezia, apatia e inapetência. O exame radiográfico nas projeções ventrodorsal (VD) e laterolateral direita (LLD) do abdome e pelve revelou cólon com dimensões aumentadas apresentando gases e elevada quantidade de conteúdo fecal de densidade radiográfica alta, caracterizando fecaloma. Na relação diâmetro do cólon/comprimento da vértebra L5, o valor foi de 1,52, estando acima do valor limite de 1,48, confirmando o diagnóstico de megacólon. Em virtude das alterações clínicas e radiográficas, a paciente foi submetida ao tratamento clínico, sem sucesso, sendo posteriormente encaminhada para tratamento cirúrgico. No entanto, 2 semanas após intervenção cirúrgica, a paciente retornou apresentando queixa de constipação a 5 dias. Na palpação observou-se presença de bolo fecal em porção final de cólon com aspecto de textura macia. Em decorrência disso, um novo exame radiográfico nas projeções ventrodorsal (VD) e laterolateral direita (LLD) do abdome e pelve, foi realizado. Nas imagens revelou-se cólon ainda distendido com a presença de gases e conteúdo fecal de densidade radiográfica baixa, não sendo caracterizado fecaloma. Na relação diâmetro do cólon/comprimento da vértebra L5 o valor foi de 1,38, revelando cólon menos distendido em relação ao exame anterior, sendo incompatível com megacólon. A pelve se mostrou em formato anatômico normal sem sinais de estreitamento. O exame radiográfico simples, neste caso, permitiu o diagnóstico, bem como orientação para os próximos passos na terapêutica da paciente e, se mostrando uma importante ferramenta no acompanhamento clínico.

Palavras-chave: Constipação, hipomotilidade, gato.



PARTICULARIDADES DA ANESTESIOLOGIA EM FELINOS

(Felines anesthesia particularities)

Beatriz Barbosa Gonçalves^{1*}, Emmily Marcelly Passos¹, Thalyta Alves da Silva¹, Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Professor Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: beatriz.barbosag@ufrpe.br

RESUMO

A anestesiologia viabiliza a analgesia e a contenção necessárias para procedimentos médicos, priorizando o bem-estar do paciente, o que a torna indispensável na prática veterinária. Em felinos, a exemplo disso, a contenção química muitas vezes serve para realização do manejo adequado desses animais, com o objetivo de reduzir o estresse do paciente, tutor e equipe veterinária. Embora o índice de mortalidade durante procedimentos anestésicos nesta espécie tenha diminuído ao longo dos anos, esses animais ainda compõem um grupo em que há maior risco de complicações durante a anestesia e óbitos quando comparado aos cães. Este estudo visa explorar as características distintivas dos felinos que contribuem para essa realidade, visando aprofundar o entendimento sobre o tema na comunidade veterinária. Para alcançar esse objetivo, foi conduzida uma revisão de artigos científicos publicados entre 2019 e 2024, por meio de recursos de bancos de dados digitais, permitindo uma abordagem do tema proposto. Gatos com comportamento agressivo limitam sua avaliação clínica e podem apresentar resultados laboratoriais alterados devido ao estresse, o que dificulta a interpretação de parâmetros como glicose, frequência cardíaca e pressão arterial. Esses parâmetros são essenciais na avaliação pré-anestésica e na identificação de potenciais riscos para o paciente. Nesse sentido, ressalta-se a importância de um manejo amigável ou utilização prévia de Gabapentina, um fármaco ansiolítico, utilizado para controle do estresse, contenção e controle da dor. Outros fatores importantes ainda relacionados ao estresse diz respeito a baixa umidade da dieta, ao esvaziamento gástrico total que pode ser mais lento nesses pacientes, os longos períodos de jejum que aumentam a acidez gástrica, resultando em maior probabilidade de refluxo gastroesofágico, podendo em gatos, causar lesões na parede esofágica. Anatomicamente, os felinos possuem diferenças substanciais que devem ser consideradas ao longo do procedimento anestésico, comparado aos cães; a quantidade de néfrons, o tamanho pequeno e a maior relação superfície volume, aumentam a predisposição a hipotermia e dosagem excessiva de fármacos nesses animais. As vias aéreas são menores e mais sensíveis a edemas e lesões, isso somado a responsividade da laringe a estímulos mecânicos dificulta a intubação endotraqueal. A resposta aos fármacos usados para sedação ou anestesia pode variar em felinos, uma vez que muitos necessitam de

metabolização via hepática, sendo importante destacar as falhas nesta espécie, na expressão das enzimas glicuronil transferases, que participam dessa via. Devido a isso, fármacos como o propofol e benzodiazepínicos têm sua meia-vida maior nesses animais. Conseqüentemente, aumenta-se o tempo de recuperação anestésica. Além disso, a administração prolongada de Propofol leva a oxidação das hemácias, formação de corpúsculos de Heinz, edema facial, anorexia e diarreia em gatos. É válido ressaltar que opióides, de uma forma geral, necessitam de cautela quando administrado em felinos, pois podem causar alucinações e sedação excessiva. Diante do exposto, destaca-se a vital importância do entendimento detalhado das particularidades comportamentais e anatomofisiológicas dos felinos para garantir a segurança e o bem-estar durante procedimentos anestésicos. Tal compreensão é essencial para reduzir os riscos de complicações e óbitos nesses animais.

Palavras-chave: Analgesia, dor, gatos, fatores de risco, óbito.

Referências bibliográficas:

COELHO, Camila Souza; RODRIGUES, Renata Ramos. Efeitos adversos por uso de opióide na anestesia de felino pediátrico-Relato de caso. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 12, p. e53121243769-e53121243769, 2023;

DA SILVA, LETICIA GONÇALVES *et al.* Particularidades do uso clínico do propofol em felinos domésticos. **Revista Sinapse Múltipla**, v. 9, n. 2, p. 95-96, 2020;

FERREIRA, Nathália Villela Ventura Guimarães. A utilização de fármacos anestésicos em felinos diagnosticados com o Vírus da Leucemia Felina (FELV): revisão de literatura. **Centro Universitário de Brasília**, 2022.

REZENDE, Luara Rodrigues *et al.* Particularidades da anestesia em felinos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e37610514994-e37610514994, 2021.

DESVENDANDO O PÓS-OPERATÓRIO DO BYPASS URETERAL EM FELINOS

(Unraveling postoperative ureteral bypass in felines)

Marcus Polo Regis Soares Filho¹; Jéssica Vasconcelos Bastos²; Emanuela Posztbiegel Simões Barbosa²; Nathália dos Santos Cunha²; Maria Isabel Pessôa Vieira²

¹ Médico Veterinário pela UNIBRA, Recife, PE;

² Graduando do Curso de Medicina Veterinária pela UNIBRA, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: drmarcuspolo@gmail.com

RESUMO

A obstrução ureteral (OU) em felinos é uma condição grave e comum que pode ser fatal se não tratada prontamente. O bypass ureteral subcutâneo (SUB) surge como uma luz no fim do túnel, uma opção de tratamento eficaz que proporciona alívio imediato dos sintomas associados à doença renal. Este trabalho, baseado em artigos científicos retirados de plataformas como SciELO, PubMed e Google Acadêmico, concentra-se na importância do pós-operatório do SUB em felinos. Após a cirurgia existem considerações vitais a serem observadas. Por exemplo, a desidratação é uma ocorrência que pode surgir tanto antes quanto após um procedimento ureteral. Portanto, é essencial monitorar a quantidade de fluidos que são administrados ao paciente. Existem complicações pós-cirúrgicas que podem ocorrer, incluindo obstrução do dispositivo com coágulos sanguíneos, vazamento do dispositivo e torção do tubo do dispositivo. A complicação mais comum a longo prazo foi a mineralização do cateter. A limpeza do dispositivo deve ser realizada dentro de um mês após a sua colocação, com limpezas subsequentes a cada 3-6 meses. O sistema deve ser lavado com solução salina estéril para garantir a patência de ambos os tubos de nefrostomia e cistostomia, e a infusão de uma solução de ácido etilendiaminotetracético tetrassódico (EDTA). O EDTA tem a capacidade de se ligar “capturando” íons metálicos, o que é útil para prevenir a formação de depósitos minerais que podem obstruir o dispositivo. Para tratamento de mineralização no dispositivo, a solução de tetrassódio etilendiaminotetraacetato (tEDTA) tem sido usada com sucesso. O processo de lavagem envolve várias etapas, incluindo a avaliação do tamanho da bexiga e da pelve renal com ultrassonografia antes do acesso, a preparação asséptica da pele para o acesso, a conexão de seringas à torneira de 3 vias, a palpação do porto de desvio para localizar o centro, o avanço da agulha Huber perpendicularmente ao septo do porto. No entanto, existem riscos associados ao procedimento SUB além da obstrução, como por exemplo, infecção do trato urinário inferior, pielonefrite e cistite estéril. Essas complicações são geralmente gerenciáveis e podem ser resolvidas com cuidados pós-operatórios adequados. A longo prazo, pode ocorrer mineralização do dispositivo (25%), sendo que em apenas 13% dos pacientes é necessária uma segunda intervenção cirúrgica com objetivo de desobstruir o

bypass ureteral. A manutenção adequada do sistema SUB, incluindo a limpeza regular, é essencial para garantir sua eficácia e minimizar as complicações.

Palavras-chave: Gatos, Lavagem, Obstrução, Ureter.

Referências bibliográficas:

ADRIANO, A. O. **Bypass ureteral subcutâneo no manejo de obstrução ureteral em um gato: relato de caso.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2023.

BERENT, A. C.; WEISSE, C. **The SUB 2.0 - A Subcutaneous Ureteral Bypass System - A Surgical Guide.** Norfolk Vet Products, 2018. Disponível em: https://norfolkvetproducts.com/PDF/SUB/SUB2_Surgical_Guide_2018-03-email.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.

BERENT, A. C.; WEISSE, C. **SUB™ 3.0 - A Subcutaneous Ureteral Bypass System - A Surgical Guide.** Norfolk Vet Products, 2020. Disponível em: https://norfolkvetproducts.com/wpcontent/uploads/2020/10/SUB3_Surgical_Guide_2020-09-email.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.

BERENT, Allyson C. DVM et al. Use of a subcutaneous ureteral bypass device for treatment of benign ureteral obstruction in cats: 174 ureters in 134 cats (2009–2015). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, New York, v. 253, n. 10, p. 1-15, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2460/javma.253.10.1309>. Disponível em: <https://avmajournals.avma.org/view/journals/javma/253/10/javma.253.10.1309.xml>. Acesso em: 29 abr. 2024.

BERENT, A. Feline Ureteral Obstruction: Diagnosis and Management. In: DROBATZ, K. J.; HOPPER, K.; ROZANSKI, E. A.; SILVERSTEIN, D. C. **Textbook of Small Animal Emergency Medicine.** 1. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2018.

CHIK, C. et al. Therapeutic use of tetrasodium ethylenediaminetetraacetic acid solution for treatment of subcutaneous ureteral bypass device mineralization in cats. **Journal of Veterinary Internal Medicine**, Hoboken, NJ, v. 33, n. 5, p. 2124-2132, 2019. DOI: 10.1111/jvim.15582. Acesso em: 8 maio 2023. Acesso em: out. 2023.

COMMONS, J. Subcutaneous Ureteral Bypass (SUB) as a Treatment Option for Urolithiasis in Cats. **Today's Veterinary Nurse**, Yardley, PA, v. 2022, n. Winter, p. 1- 10, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://todaysveterinarynurse.com/urology-renal-32-medicine/subcutaneous-ureteral-bypass-as-a-treatment-option-for-urolithiasis-incats/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

PROTOCOLO ANESTÉSICO UTILIZADO EM NODULECTOMIA EM *FELIS CATUS*: RELATO DE CASO

(Anesthetics protocol used in Felis catus nodulectomy: case report)

Ana Beatriz Magalhães de Araújo Monteiro^{1*}, Pierre Antonio da Silva Diniz¹,
Lucas Henry Fernandes e Silva¹, Nathalia Augusta do Vale Bezerra¹, Ramyla Thalia
de Assis Lopes¹, Héliida Maria de Lima Maranhão Brasileiro², Daniela Maria
Bastos de Souza²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Professor Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: anabeatriz.monteiro@ufrpe.br

RESUMO

Um animal da espécie felina, fêmea, 7 anos, raça Pelo Curto Brasileiro, pesando 3,3 kg foi submetido a um procedimento anestésico-cirúrgico pelo Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural de Pernambuco. O presente trabalho teve como objetivo relatar um caso, focando nos anestésicos escolhidos para a realização de nodulectomia, em região lombar direita, sem anterior citopatologia. Dessa forma, houve a necessidade de maior cautela na escolha dos anestésicos para não interferir na condição clínica do paciente. Na anamnese pré-operatória, verificou-se que o paciente encontrava-se tranquilo, não apresentava comorbidades e não estava fazendo uso de medicamentos. Prosseguiu-se, então, com o exame físico, no qual observou-se que as frequências cardíaca e respiratória encontravam-se dentro da normalidade, o TPC<2”, mucosas sem alteração, com temperatura de 37,8°C e normohidratado. Para o protocolo de medicação pré-anestésica (MPA), a fim de minimizar as doses de anestésico usados para indução e diminuir as chances de excitação do animal, optou-se pela administração intramuscular de 0,08 mL (0,5 mg/kg) de xilazina (agonista alfa-2 adrenérgico) visando sonolência e miorrelaxamento, e 0,06 mL (2mg/kg) de cetamina (inibidor de NMDA), causando sedação, analgesia e minimizando a transmissão nociceptiva, por potencializar os neurotransmissores inibitórios do SNC (GABA) e bloquear a transmissão de serotonina. Na indução, foi aplicada, via intravenosa, 0,66 mL de propofol (2mg/kg) por se tratar de um procedimento cirúrgico com necessidade de uma sedação rápida e profunda. O propofol é um anestésico geral que causa depressão do sistema nervoso central pela abertura dos canais iônicos de GABA-A, consequentemente potencializando os neurotransmissores de GABA e gerando efeito anestésico e analgésico equilibrados. Na anestesia local, realizou-se bloqueio em “L” invertido com 1,1 mL de lidocaína (7mg/kg). A manutenção anestésica foi realizada através do agente inalatório isoflurano com a utilização de um endotubo de tamanho 3,5, e sistema Baraka com fluxo de 100% de O₂, além de um bolus com fentanil de 0,132 mL (2µg/kg) para ocasionar analgesia e alívio de dor no pós-operatório, pois a incisão ultrapassou a margem do bloqueio

realizado, com isso, o animal apresentou momentaneamente sinais de dor (aumento da frequência respiratória). Ademais, realizou-se irrigação do local operado (*splash block*) com 0,88 mL de ropivacaína (2mg/Kg). Para a observação dos parâmetros vitais do paciente no transcirúrgico, foi utilizado um monitor multiparamétrico onde foram avaliados: frequências cardíaca e respiratória, temperatura, pressão e saturação de oxigênio. Durante todo o procedimento, o paciente permaneceu estável, apresentando apenas variação em sua frequência respiratória momentânea devido à incisão cirúrgica mais profunda, porém, logo foi restabelecida. Também foi administrado 0,61 mL de cefalotina (30mg/kg) no transoperatório. No pós-cirúrgico administrou-se 0,1 mL (0,33mg/kg) de meloxicam (anti-inflamatório não-esteróide preferencial para COX-2) para efeito antipirético e analgésico e 0,08 mL (12,5mg/kg) de dipirona (AINE inibidor de COX-3) para efeito anti-inflamatório e analgésico. A recuperação do paciente foi tranquila, comprovando a efetividade do protocolo anestésico utilizado. É importante destacar o papel do médico veterinário anestesista no procedimento cirúrgico e sua responsabilidade sobre o paciente, visando a promoção do bem-estar e cuidado do animal.

Palavras-chave: Fármacos, Indução, Manutenção.

USO DA DEXMEDETOMIDINA EM MEDICAÇÕES PRÉ-ANESTÉSICAS (MPA) DE FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Use of dexmedetomidine in pre-anesthetic medications [PAM] for felines: a literature review)

Jéssica Vasconcelos Bastos¹; Marcus Polo Regis Soares Filho²; Emanuela Posztbiegel Simões Barbosa¹; Nathália dos Santos Cunha¹; Maria Isabel Pessoa Vieira¹.

¹ Graduando do Curso de Medicina Veterinária pela UNIBRA, Recife, PE.

² Médico Veterinário pela UNIBRA, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: drmarcuspolo@gmail.com

RESUMO

Em 1999, o uso da dexmedetomidina foi liberado para a anestesiologia humana, nos Estados Unidos da América do Norte. Em 2008, finalmente começou a ser utilizada na anestesiologia veterinária. Objetivou-se nesta revisão de literatura, analisar o uso sedativo da dexmedetomidina nas medicações pré-anestésicas (MPA) em gatos. Para isso, foram pesquisadas literaturas científicas relevantes sobre a temática em plataformas como SciELO e Google Acadêmico, nos idiomas português e inglês, com este fármaco como descritor. A dexmedetomidina, enantiômetro dextrogiro da medetomidina, é um fármaco α_2 adrenérgico muito seletivo por apresentar seletividade entre o receptor α_1 e α_2 de cerca de 1600. Tanto em animais quanto em humanos, a dexmedetomidina pode ser indicada nas medicações pré-anestésicas (MPA) e/ou nas medicações transanestésicas, diminuindo a quantidade das doses de anestésicos gerais. Os efeitos sedativo e analgésico deste fármaco são dose-dependentes, tendo ótimo custo-benefício por ser necessário apenas uma pequena dose de microgramas e ainda assim ser dez vezes mais potente do que o fármaco α_2 adrenérgico xilazina, que ainda é bastante utilizado associado ao anestésico dissociativo cetamina em “campanhas de castração”. Os principais efeitos da dexmedetomidina no organismo dos felinos são a potencialização da depressão do reflexo laringotraqueal, o aumento do relaxamento muscular, a diminuição da excitação dos neurônios do locus coeruleus, da frequência respiratória e do volume minuto, a elevação do volume corrente com diminuição da produção de CO_2 , a ativação do centro do vômito, a diminuição da motilidade gastrointestinal, o aumento da diurese, a diminuição da reabsorção de água, o efeito hiperglicêmico e a neuroproteção - efeito continuamente estudado. Atualmente, em felinos, na MPA, a dose de dexmedetomidina veterinária comumente usada varia de 3 a 7 $\mu\text{g}/\text{kg}$, uma vez que pode ser associada a opioides, diminuindo a dose desta sugerida na bula, que é de 40 $\mu\text{g}/\text{kg}$. Além disso, a dexmedetomidina, quando associada a nalbufina, metadona ou burtofanol, pode resultar em uma sedação profunda. Esta sedação ocorre em um curto período de tempo após a administração do medicamento,

conhecido como tempo de latência. A dexmedetomidina também tem a vantagem de causar uma baixa incidência de êmese, um efeito colateral comum em anestésicos. Outro benefício importante é que a dexmedetomidina pode reduzir a quantidade de propofol necessária para induzir a anestesia, tornando o procedimento mais seguro e eficiente. A dexmedetomidina humana também pode ser utilizada em gatos, sendo a concentração a maior diferença entre as duas versões; A concentração da versão humana é 100 µg/mL, já a versão veterinária é 500 µg/mL. Um dos seus pontos importantes é possuir reversores, os seguintes agonistas: atipamizole > idazoxano > ioimbina > tolazolina, seguindo esta ordem da maior seletividade aos receptores α_2 a dexmedetomidina. Mesmo a dexmedetomidina tendo se mostrado uma opção eficaz e segura na medicina felina, mais estudos são necessários para explorar ainda mais os efeitos e as aplicações potenciais deste fármaco, bem como para estabelecer diretrizes de dosagem mais precisas e eficazes. Esse fármaco representa um avanço significativo na anestesiologia veterinária, oferecendo novas possibilidades para o manejo anestésico de felinos.

Palavras-chave: α_2 -adrenérgico, Anestesia, Gato.

Referências bibliográficas:

FANTONI, D. T; CORTOPASSI, S.R.G. Anestesia em cães e gatos. São Paulo: Ed.

MASSONE, F. Anestesiologia Veterinária Farmacologia e Técnicas: Massone. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

LUMB & JONES. Anestesiologia e Analgesia Veterinária. Editores Tranquilli, W Thurmon, J. C.; Grimm, K. A. São Paulo: Rocca. 4.ed., p. 238-257, 1192p, 2014.

OLIVEIRA, Renato Leão Sá de. **Dexmedetomidina associada a nalbufina, butorfanol ou metadona: comparação da sedação, influência sobre a dose de indução anestésica do propofol e na reação a cateterização venosa com ou sem o uso do creme EMLA em gatos.** 2019. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - UFRRJ, Rio de Janeiro, 2019.

SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à medicina veterinária. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

EFEITOS ADVERSOS E PARTICULARIDADES DA GABAPENTINA EM GATOS: UMA ANÁLISE ABRANGENTE

(Adverse effects and peculiarities of gabapentin use in cats: a comprehensive review)

Emmily Marcelly Passos^{1*}, Beatriz Barbosa Gonçalves¹, Thalyta Victória Alves Silva¹,
Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Docente Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: emmily.passos@ufrpe.br

RESUMO

A gabapentina, um medicamento inicialmente desenvolvido para tratar epilepsia em humanos, está ganhando destaque na medicina veterinária como analgésico e ansiolítico para gatos. Apesar de sua crescente popularidade, é essencial examinar seus efeitos adversos e peculiaridades nessa espécie para assegurar o bem-estar animal. Este resumo visa oferecer uma visão abrangente dos efeitos adversos e peculiaridades da gabapentina em gatos, com base em artigos científicos e relatos de casos publicados nos últimos cinco anos. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e Google Scholar, utilizando os termos "gabapentina", "gatos", "efeitos adversos" e "peculiaridades". Foram selecionados artigos científicos publicados entre 2019 e 2024, priorizando os de metodologia robusta e resultados relevantes para a prática clínica, além de relatos de casos que fornecessem informações adicionais sobre os efeitos da gabapentina em gatos. Os efeitos adversos mais comuns da gabapentina em gatos incluem sedação, ataxia, hiper salivação, vômito e diarreia, geralmente leves e transitórios. Em casos raros, podem ocorrer efeitos mais graves, como tremores, convulsões e reações alérgicas. A gabapentina apresenta algumas peculiaridades em gatos, como rápida absorção, pico de concentração plasmática em cerca de duas horas, metabolização renal e eliminação principalmente pela urina. A dosagem recomendada é de 10 a 30 mg/kg por via oral, a cada 6 a 8 horas. Alguns fatores de risco, como idade avançada, insuficiência renal, doenças hepáticas e uso concomitante de outros medicamentos, podem aumentar a probabilidade de efeitos adversos. É fundamental consultar um veterinário antes de iniciar o tratamento com gabapentina em gatos, especialmente se houver comorbidades. A gabapentina não deve ser administrada em gatas prenhes ou lactantes, e a interrupção abrupta do tratamento pode resultar em sintomas de abstinência, como ansiedade, agitação e convulsões. Em conclusão, a gabapentina pode ser uma ferramenta útil no tratamento da dor e ansiedade em gatos, desde que utilizada corretamente e com acompanhamento veterinário adequado. Conhecer seus efeitos adversos e peculiaridades é essencial para garantir a segurança e o bem-estar dos animais.

Palavras-chave: Felinos, analgésico, ansiolítico, dor.

Referências bibliográficas:

FIGUEIREDO, R. C. C., & FLOR, P. B. **Uso de gabapentina no controle da dor em pequenos animais: revisão de literatura.** 2012. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo;

LIMA, F. R. S., *et al.* Efeito da gabapentina em dose única sobre parâmetros de estresse no paciente felino submetido à castração. **Ciência Rural**, v. 50, n. 10, p. e20190957, 2020;

MELO, A. C. S., *et al.* Avaliação do efeito da gabapentina sobre a frequência cardíaca, frequência respiratória, pressão arterial e parâmetros ecocardiográficos em felinos saudáveis. **Lume**, v. 23, n. 4, p. 1-10, 2021;

SILVA, B. P., *et al.* Efeitos da administração de Gabapentina para manejo de felinos domésticos. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 48, n. 3, p. 364-370, 2019;

SOUSA, A. C. F., *et al.* Gabapentina em gatos: relato de caso de sedação excessiva e ataxia. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, v. 40, n. 2, p. 226-229, 2022.

PRINCÍPIOS DA FARMACOLOGIA NO PROCESSO ANESTÉSICO EM GATOS

(Care of the anesthetic process in cats)

Matheus Augusto Sidon de Lima^{1*}, Renata Chaves Machado¹, Manuela Poroca Pinheiro¹, Júlia Cabral Pinheiro¹, Maria Luciana Menezes Wanderley Neves², Daniel da Silva Praia²

¹Discente do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário Maurício de Nassau Boa Viagem, Recife, PE;

²Orientador(a), docente do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário Maurício de Nassau Boa Viagem, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: mataugustosidon@gmail.com

RESUMO

A anestesiologia felina é uma área crucial da medicina veterinária, exigindo entendimento aprofundado das particularidades fisiológicas desses animais. Portanto, objetivou-se realizar revisão de literatura sobre o uso do anestésico na rotina clínica e cirúrgica de felinos. Utilizaram-se artigos recentes publicados nesta área. Em comparação aos cães, felinos domésticos precisam de uma série de cuidados especiais, como a necessidade do uso de sedativos para facilitar sua manipulação, sendo a anestesia importante para diminuição do estresse, contenção, prevenção contra agressividade e possibilitar processos cirúrgicos. Uma particularidade dos felinos é a falta de certas enzimas hepáticas, como glucuroniltransferases, enzimas atuantes da etapa de glucuronidação do processo metabólico. Isso faz com que fármacos que necessitem da via hepática tenham uma duração de efeito maior, devido à metabolização de primeira passagem deficiente, aumentando o risco de toxicidade. Neste sentido, a melhor opção de fármacos para felinos domésticos será sempre aqueles pouco dependentes de uma metabolização hepática, como o propofol. Ademais, a intubação é extremamente necessária durante a anestesia, pois visa possibilitar uma via aérea substituta para o paciente em processo anestésico. Apesar de ser comum nesses processos, os gatos estão mais sujeitos a traumas de via aérea superior associados à intubação endotraqueal em comparação aos cães, devido à inflação excessiva do tubo endotraqueal e mudança da posição do indivíduo intubado. Por apresentarem laringoespasmos, tornam-se relativamente mais difíceis de se intubar que outras espécies domésticas. Lidocaína pode ser usada para diminuir a incidência do espasmo e facilitar o processo. Outro fator importante para esse processo são as medicações pré-anestésicas (MPA's), usadas como coadjuvantes da anestesia. Elas possuem capacidade amnésica e de relaxamento, diminuindo a necessidade por cargas anestésicas maiores e um possível estresse pré-operatório, muito comum em gatos por serem uma espécie normalmente mais agressiva e suscetível a uma maior carga de estresse. Essas medicações são divididas nas seguintes classes: fenotiazínicos, cuja ação gera um antagonismo competitivo com o neurotransmissor dopamina nos receptores dopaminérgicos, sendo comumente aplicado em animais mais dóceis; benzodiazepínicos, normalmente usados associados a opióides,

devido aos resultados não-confiáveis, não parecem ser fármacos adequados na sedação de gatos jovens ou adultos saudáveis; agonistas alfa-2 adrenérgicos, amplamente utilizados em gatos, proporcionando sedação confiável e redução da necessidade de anestésicos da forma dose-dependente; e opioides, que devem ser administrados em doses baixas, visto que em alta doses podem causar excitação. Enfim, todos esses fatores indicam a importância dos cuidados durante o processo anestésico. No entanto, ainda é necessário a monitoração de diversos processos fisiológicos do paciente, como frequência cardíaca, taxa de saturação de oxigênio no sangue, índices de dióxido de carbono (CO₂) a partir da capnografia (ferramenta de medição dos índices de CO₂), temperatura corporal e frequência respiratória. Portanto, o monitoramento deve ser constante e devem ser observadas possíveis alterações nos parâmetros para a realização de intervenções quando necessário, como prevenção e manejo de bradicardia, taquicardia, parada cardiorrespiratória e até mesmo reanimação assistida. Por isso, é necessário a realização dos cuidados pré-anestésicos com a maior cautela possível nos felinos, baseando-se em suas necessidades específicas.

Palavras-chave: Anestesiologia felina, cuidados pré-operatórios, medicação pré-anestésica.

Referências bibliográficas:

REZENDE, L.R. *et al.* Particularidades da anestesia em felinos. **Research, Society and Development**, [s. l.], v.10, n. 5, p.e37610514994, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.14994. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14994>. Acesso em: 27 abr. 2024.

HOFMEISTER, E. H. *et al.* Traumatic endotracheal intubation in the cat. **Veterinary Anaesthesia and Analgesia**, [s. l.], v. 34, n. 3, p. 213-216, 2007. DOI: 10.1111/j.1467-2995.2006.00314.x. Disponível em: [https://www.vaajournal.org/article/S1467-2987\(16\)30812-1/abstract](https://www.vaajournal.org/article/S1467-2987(16)30812-1/abstract). Acesso em: 1 maio 2024.

LEITZKE, A. V. S. *et al.* Anestesia de gatas submetidas à ovariohisterectomia em clínicas veterinárias sociais. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v.6, n.4, p.2217–2231, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n4p2217-2231. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1961>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SILVA, L. G. da. *et al.* Particularidades do uso clínico do propofol em felinos domésticos. **Revista Sinapse Múltipla**, v.9, n.2, p.95-96, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193724/001092427.pdf>. Acesso em: 1 maio 2024.



BLOQUEIO AURICULOTEMPORAL E AURICULAR CAUDAL PARA CONCHECTOMIA E ELETROQUIMIOTERAPIA EM REGIÃO AURICULAR EM GATA: RELATO DE CASO

(Auriculotemporal and caudal auricular block for conchectomy and electrochemotherapy in the auricular region in a cat: case report)

Maria Isabel Pessôa Vieira^{1*}; Ana Beatriz Magalhães de Araújo Monteiro²; Emanuela Posztbiegel Simões Barbosa¹; Jéssica Vasconcelos Bastos¹; Nathália dos Santos Cunha¹; Rhanna Rayssa de Araújo Arruda²; Marcus Polo Regis Soares Filho³

¹Discente do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, Recife, PE;

² Discente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

³Médico veterinário

*E-mail para correspondência: isabelvieiramv@gmail.com

RESUMO

Os bloqueios locorregionais proporcionam analgesia trans e pós-operatória, reduzindo assim a necessidade de opióides, além do efeito antiinflamatório proporcionado pelo anestésico local, que por sua vez possui um baixo custo e inibe o transporte do impulso doloroso até o sistema nervoso central. Diante dessa afirmação, objetivou-se através desse trabalho o relato do caso de uma gata, fêmea, 15 anos, sem raça definida, 3,1 Kg, submetida a uma conchectomia e eletroquimioterapia em região auricular para tratamento oncológico. O protocolo de medicação pré-anestésica (MPA) utilizado foi composto por xilazina (0,6 mg/kg) e cetamina (5 mg/Kg) por via intramuscular. Após 20 minutos foi realizada a indução anestésica utilizando propofol (3 mg/Kg). Para realização da intubação foi utilizada o volume de 0,1 mL de lidocaína para aspersão periglótica para a perda de reflexo laringotraqueal, a sonda utilizada para intubação foi nº 2,5 e a manutenção em anestesia inalatória com isoflurano em circuito aberto. Devido a região da abordagem cirúrgica foi realizado o bloqueio dos nervos auriculotemporal e auricular caudal utilizando ropivacaína (2 mg/Kg). A escolha do anestésico local levou em conta o tipo de cirurgia, duração e o conforto da paciente no pós-cirúrgico. O paciente foi monitorado a partir da avaliação do eletrocardiograma, frequência cardíaca, frequência respiratória, pressão arterial média, oximetria, temperatura e o plano anestésico, aos quais não houve alterações de parâmetros de acordo com a espécie. Após o término do procedimento, o animal apresentou recuperação anestésica satisfatória. Assim, é possível concluir que o bloqueio dos nervos auriculotemporal e auricular caudal é uma opção anestésica local viável para procedimentos de conchectomia terapêutica e eletroquimioterapia em região auricular, visto que não houve complicações trans e pós operatórias.

Palavras-chave: Bloqueio Locorregional, Anestésico Local, Ropivacaína, Tratamento Oncológico.



UROLITÍASE EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Urolithiasis in cats: literature review)

Júlia Cabral Pinheiro^{1*}, Matheus Augusto Sidon de Lima¹, Renata Chaves Machado¹,
Manuela Poroca Pinheiro¹, Daniel da Silva Praia², Maria Luciana Menezes Wanderley
Neves²

¹Discente do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário Maurício de Nassau Boa Viagem, Recife, PE;

²Docente do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário Maurício de Nassau Boa Viagem, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: juliacp321@gmail.com.

RESUMO

A urolitíase felina refere-se à formação de urólitos ou cálculos no sistema urinário de felinos. Por se tratar de uma doença de causas multifatoriais recorrente na rotina da clínica médica de felinos e como um diferencial para diagnóstico da DTUIF, objetiva-se com esta revisão literária consolidar informações sobre tal patologia, por meio da análise de livros e artigos científicos pesquisados nas plataformas do Google Acadêmico, datados entre 2015 a 2024. A urolitíase não é uma doença específica, mas a supersaturação e precipitação de sais na urina. As causas são multifatoriais, dentre elas se tem alimentação desbalanceada, o consumo reduzido de água, variações de pH e predisposição anatômica. Os urólitos de estruvita são os mais recorrentes em gatos jovens e os de oxalato de cálcio em gatos mais velhos. Os sinais clínicos variam conforme o tamanho, formato e localização dos cálculos, e podem ser: hematúria, micção demasiada, incontinência urinária e lambadura excessiva da área genital. Em casos mais graves, pode haver um rompimento da uretra ou bexiga urinária, resultando em uma efusão abdominal ou acúmulo de líquido subcutâneo perineal. Os machos, são mais susceptíveis devido à anatomia estreita e longa de sua uretra. Pode ocorrer obstrução parcial ou total, pelo realojamento dos cálculos vesicais para a uretra, interrompendo o fluxo urinário. Como sinais secundários pode haver perda de peso, desidratação, êmese e depressão. O diagnóstico é dado por meio de um conjunto de informações obtidas pela anamnese, e dos seguintes exames: exame físico, perfil químico, radiografia abdominal ou cistografia de duplo contraste (dependendo da localização), e exames de urinálise. Além disso, o teste de sensibilidade aos antibióticos pode ser indicado. Em relação ao tratamento, a cirurgia uretral em gatos é considerada de risco, devido ao risco de lesão nos ureteres e rins. Os métodos não invasivos iniciais objetivam restaurar o volume de fluidos e corrigir os desequilíbrios bioquímicos, podendo promover a migração dos cálculos. A cirurgia só é necessária em pacientes que apresentem sinais clínicos cujos cálculos não se dissolvem espontaneamente. Ademais, existem tratamentos não cirúrgicos como a urohidropulsão e a litotripsia. Na urohidropulsão miccional, enche-se a bexiga com solução cristalóide estéril por uma sonda uretral, após isso haverá

uma agitação da bexiga para a movimentação dos cálculos, será retirada a sonda e o profissional irá pressionar a bexiga para haver a expulsão do conteúdo. Ressaltando que essa abordagem só é utilizada no caso de urólitos pequenos, uma vez que grandes tamanhos não permitem a passagem pela uretra. Na litotripsia, ocorre a fragmentação dos urólitos para eliminação pela urina, após este método, pode ser utilizada a urohidropulsão para facilitar a passagem dos cálculos. Logo, diante da ocorrência de urolitíase em gatos, o conhecimento acerca dos sinais clínicos da doença, bem como o seu diagnóstico precoce e a aplicação da abordagem terapêutica adequada são fatores importantes para a manutenção da saúde desses animais.

Palavras-chave: Urólitos, felinos, cálculos, uretra, sais.

Referências bibliográficas:

WAKI, M. F.; KOGIKA, M. M. Urolitíase em Cães e Gatos. *In*: JERICO, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015. cap. 165.

CALLENS, A.; BARTGES, J. W. Atualização sobre Urolitíase Felina. *In*: LITTLE, S. E. **August Medicina Interna de Felinos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Ltda, 2017. cap. 51.

DIBARTOLA, S. P.; WESTROPP, J. L. Urolitíase Canina e Felina. *In*: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional Participacoes S/A, 2023. cap. 43.

SERAFINI, G. *et al.* Urolitíase em cães e gatos. **Pubvet**, [S. l.], v. 11, n. 7, p.705 - 714, 2017. DOI: 10.22256/PUBVET.V11N7.707-714. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/1299>. Acesso em: 23 abr. 2024.

HIPOPLASIA CEREBELAR EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA

(Cerebellar hypoplasia in cats - a literature review)

Iasmyn Gabriella Lima da Silva^{1*}; Maysa Siqueira de Souza Leão¹; Ana Clara Mendes Ribeiro Bernardo¹; Diana Guiomar Ferreira de Sena¹; Maria Eduarda da Silva¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE;

*E-mail para correspondência: iasmyn.gabriella@ufrpe.br

RESUMO

A hipoplasia cerebelar é uma condição neurológica congênita que afeta felinos jovens, caracterizada por um desenvolvimento anormal do cerebelo, resultando em comprometimento da coordenação motora e do equilíbrio. Esta condição é bem documentada na literatura veterinária, com estudos abordando aspectos diversos, desde os mecanismos subjacentes até as abordagens terapêuticas. A presente revisão tem por objetivo elucidar a doença, assim como facilitar o diagnóstico e fornecer formas de terapias, pois apesar da doença ser inevitável, é possível elaborar estratégias para ofertar uma melhor qualidade de vida ao animal. Há relatos de estudos que investigaram a associação entre a exposição ao parvovírus felino durante a gestação e o desenvolvimento de hipoplasia cerebelar em felinos neonatos. Tais resultados indicaram uma correlação significativa entre a infecção pelo vírus e a incidência da doença, sugerindo um papel crucial deste na patogênese da condição. No que diz respeito aos aspectos genéticos, identificou-se uma mutação no gene SPTBN2 como uma causa potencial em certas raças de felinos. Esta descoberta abre caminho para estudos adicionais sobre a base genética da doença e sua hereditariedade em diferentes linhagens destes animais. Além disso, intervenções terapêuticas têm sido exploradas como forma de melhorar a qualidade de vida dos felinos afetados. Os sinais clínicos podem variar de leve a grave e geralmente se manifestam logo após o nascimento ou nas primeiras semanas de vida, sendo os mais comuns a falta de coordenação motora, tremores involuntários da cabeça e dos membros, andar cambaleante, incapacidade de pular e dificuldade em se alimentar. Investigou-se ainda os efeitos da fisioterapia vestibular na coordenação motora e no equilíbrio de felinos com a doença, na qual os resultados demonstraram melhorias significativas na locomoção e na estabilidade postural dos pacientes submetidos ao tratamento, destacando o potencial da fisioterapia como uma abordagem terapêutica complementar. A compreensão dos fatores de risco associados à doença, bem como dos mecanismos subjacentes à sua patogênese, é fundamental para o desenvolvimento de estratégias preventivas e terapêuticas eficazes. Avanços na genética molecular e na neurociência veterinária têm contribuído para uma melhor compreensão desta condição e para o desenvolvimento de abordagens inovadoras de manejo. Nesse cenário, conclui-se que embora não haja cura para tal afecção, o manejo da condição clínica pode proporcionar um ambiente seguro e

adaptado às necessidades do felino afetado, através da minimização de estímulos estressantes, adaptações na dieta para facilitar a alimentação e intervenções fisioterapêuticas, os quais podem promover mobilidade e consequentemente, qualidade de vida. É ainda válido ressaltar que pacientes com a afecção podem ter bem-estar e viverem confortáveis com os cuidados adequados, apesar dos desafios associados à condição, sendo a orientação do médico veterinário fundamental.

Palavras-chave: Condição congênita; Incoordenação; Felinos; Má-formação.

Referências bibliográficas:

GANDINI, G. et al. Cerebellar hypoplasia in a neonatal kitten associated with feline panleukopenia virus infection. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, [s.l.], v. 20, p. 460-464, 2018.

BRADSHAW, J. et al. A missense mutation in SPTBN2 leads to cerebellar hypoplasia and ataxia in the domestic cat. *PLoS Genetics*, [s.l.], v. 16, p. 1008859, 2020.

SMITH, S. et al. Vestibular physiotherapy as a treatment modality for feline cerebellar hypoplasia: A retrospective study. *Journal of Feline Medicine and Surgery Open Reports*, [s.l.], v. 5, p. 2055116919848308, 2019.

ZACHARY, J. F.; MC GAVIN, M. D. **Bases da Patologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MARTINI-SANTOS, B. J. et al. Anomalias congênitas múltiplas em felinos domésticos neonatos. *Acta Scientiae Veterinariae*, Porto Alegre, v. 40, p. 1087, 2012.

SANTOS, M. S. **Hipoplasia cerebelar em um felino**. 2019. 27 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Instituto Federal da Paraíba, Souza, 2019.

SILVA, A.C.P et al. Principais afecções congênitas de conceptos felinos - Revisão. *Revista investigação*. v. 15, p. 8-13, 2016.

TRÍADE FELINA

(*Feline triad*)

Vitória Marques Ferreira Delgado¹, Luiza Vasconcelos da Luz¹, Vanessa Marques Ferreira Delgado²

¹Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

² Médica veterinária CRMV PE 4253, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: vitoria.delgado@ufrpe.br

RESUMO

A tríade felina é como é denominada a síndrome inflamatória que acomete três complexos: o fígado (colangio-hepatite), pâncreas (pancreatite) e intestino (doença inflamatória intestinal) de gatos domésticos. O objetivo deste resumo é revisar a literatura disponível acerca da doença, que é pouco diagnosticada na clínica médica felina, e, para isso, buscou-se livros e artigos, disponíveis no Google Acadêmico. Uma das explicações mais aceitas para a causa da enfermidade se relaciona com a anatomia desta espécie, uma vez que o ducto colédoco se conecta ao ducto pancreático antes de desembocar no duodeno, fato de ocorrência rara em outras espécies. Outro fator considerado determinante para a síndrome é a êmese crônica, provocada por doença intestinal inflamatória, que ocasiona refluxos, os quais contêm bactérias e enzimas que podem instaurar o quadro inflamatório nos demais ductos. Sabe-se que a espécie felina é mais propensão a adquirir, e, não costuma apresentar predileções por raça ou sexo. Entretanto, gatos de meia idade são acometidos em maior quantidade. Os sinais clínicos costumam ocorrer de forma inespecífica e podem evoluir de acordo com a progressão da síndrome. Dentre os sintomas, podem apresentar desidratação, icterícia, febre, diarreia, prostração, dor e sensibilidade à palpação abdominal. O diagnóstico se apresenta como um desafio, uma vez que é baseada principalmente na avaliação de sintomas e de exames complementares bioquímicos, ambos com resultados inespecíficos e que podem ocorrer tanto de forma isolada, quanto concomitante. O diagnóstico definitivo pode ser obtido através de exames de imagem e histopatológico, coletados através de biópsia dos órgãos afetados. O tratamento consiste, principalmente, em técnicas terapêuticas que incluem fluidoterapia, reposição de eletrólitos, anti-inflamatórios e correções de distúrbios específicos para cada quadro entre os pacientes. Além disso, o manejo nutricional adequado e uso de analgésicos mostram-se eficazes na melhoria do conforto durante o tratamento. Portanto, pode-se afirmar que a tríade é uma associação de enfermidades inflamatórias que atingem principalmente felinos, em que sintomas inespecíficos costumam manifestar-se de acordo com o órgão mais afetado, dentro o fígado, pâncreas e intestino delgado. Por causa disso, tem caráter de subnotificação e requer maiores estudos.

Palavras-chave: Felino, Pâncreas, Intestino, Fígado



Referências bibliográficas:

MURAKAMI, V. Y; REIS, G. F M; SCARAMUCCI, C. P. Tríade felina. **Revista Científica De Medicina Veterinária**. jan 2016. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/BGrzX0YQv15LwxZ_2016-12-9-11-36-2.pdf. Acesso em: 29 abr.2024

WASHABAU, R. J; DAY, M. J; WILLARD M. D; HALL, E. J; JERGENS, A. E; MANSELL, J; MINAMI, T; BILZER, T. W. Endoscopic, biopsy, and histopathologic guidelines for the evaluation of gastrointestinal inflammation in companion animals. **J Vet Intern Med**. Jan 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20391635/>. Acesso em: 29 abr 2024.

COSTA, P.R.S. Tríade Felina. **Revista Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV)**. Ano XX, n. 62, p. 39 – 40, 2014. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/BGrzX0YQv15LwxZ_2016-12-9-11-36-2.pdf. Acesso em: 29 abr 2024.

JERICÓ, M.M.; ANDRADE-NETO, J.P.; KOGIKA, M.M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. São Paulo: Roca, 2015. 1.ed. p. 3059-3138.

ÓBITO DECORRENTE DE COMPLICAÇÕES NA OBSTRUÇÃO URINÁRIA

(Death resulting from complications of urinary obstruction)

Ana Beatriz Tavares Tenório¹, Ana Karina Mota², Marcelo Domingos De Araújo Lemos¹,
Rebeca Monte De Souza Simões¹

¹Discente do Centro Universitário Brasileiro, Recife, PE;

²Docente do Centro Universitário Brasileiro, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: beatriztenoriovet@gmail.com

RELATO

A cistite é uma enfermidade que afeta o trato urinário inferior, sendo caracterizada por uma inflamação no interstício da bexiga que pode ser desencadeada por diversos fatores, como infecções bacterianas, urolitíase, câncer, estresse e até mesmo idiopático. Ademais, sabe-se que a cistite pode causar disúria, periúria, polaciúria, hematúria e obstrução, além de acometer felinos entre 1 e 10 anos, com ocorrência maior entre 2 a 7 anos, sem predisposição racial. Baseado nesses informes, relata-se aqui, o atendimento de um felino de 6 anos, SRD e castrado, apresentando vocalização intensa e prostração. O tutor relatou que o animal estava recebendo tratamento para cistite. No exame físico, pôde-se observar, dor à palpação abdominal e bexiga distendida, além de um quadro de anúria de aproximadamente 36 horas, com suspeita de obstrução uretral total. Posteriormente, o paciente foi encaminhado para a realização da cistocentese de alívio, guiada por ultrassom, bem como da ultrassonografia abdominal e coleta de material para urinálise. Após a colocação do felino em venóclise, administrou-se propofol (4mg/kg/IV) em bolus e tramadol (2mg/kg/SC). Durante o exame de imagem, notou-se o espessamento da parede da vesícula urinária, característico de cistite. No resultado da urinálise, observou-se a presença de proteínas, hemoglobina e bactérias gram-positivas. O paciente apresentou ainda, um quadro de hipotensão, devido a hemoglobinúria, além de midríase bilateral e tremores de cabeça. Com isso, foi solicitado a transfusão sanguínea, baseado no hemograma realizado anteriormente. Para controle da dor e da infecção, administrou-se fentanil (2mg/kg/h/IV) em infusão contínua e ceftriaxona (30mg/kg/IV), respectivamente, além de oxigenioterapia. O paciente ainda se mostrou hipoglicêmico e hipotérmico, o que resultou na aplicação de glicose a 50% diluída (1ml/kg/IV), e infusão contínua de adrenalina (0,1mg/kg/h/IV), em seguida o paciente foi aquecido em colchão térmico. O animal apresentou piora no quadro taquipneico, com pressão sistólica de 50mmHg e estado semicomatoso, resultando em uma parada respiratória, na qual foi possível a reanimação, seguida de uma parada cardiorrespiratória, o que levou o paciente ao óbito. Diante do exposto, torna-se notório a necessidade de um atendimento diferenciado para os felinos obstruídos. Pois, sabe-se que, a obstrução urinária, é uma emergência clínica e é

necessário, um raciocínio rápido e estratégico bem definido, para o sucesso do atendimento durante a rotina da emergência de pequenos animais.

Palavras-chave: Cistite felina, anúria, transfusão sanguínea.

PARTICULARIDADES TERAPÊUTICAS DOS FELINOS: UMA ANÁLISE FISIOPARMACOLÓGICA SOBRE OS PRINCIPAIS MEDICAMENTOS POTENCIALMENTE TÓXICOS

(Therapeutic particularities of felines: a physio-pharmacological analysis of the main potentially toxic medicines)

Maria Fernanda Maia de Santana^{1*}, Lucas Henry Fernandes e Silva¹, Raiane Souza da Silva¹, Beatriz Barbosa Gonçalves¹, Nathalia Augusta do Vale Bezerra¹, Héliida Maria de Lima Maranhão Brasileiro², Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Professor Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: fernanda.maia@ufrpe.br

RESUMO

Os felinos são a segunda espécie de *pet* mais criada mundialmente e possuem peculiaridades anatômicas, comportamentais e metabólicas. No tocante à fisiofarmacologia, implicações metabólicas interferem nos aspectos farmacocinéticos e farmacodinâmicos de determinados fármacos que podem tornarem-se tóxicos nesses animais. Dentro desse contexto, pode-se citar principalmente os anti-inflamatórios não-esteroides (AINEs) e alguns antibióticos. Por isso, foi realizada uma revisão bibliográfica, do tipo narrativa, acerca dos medicamentos de uso humano com maior potencial de toxicidade na espécie *Felis catus*. Para tal, foram analisados artigos científicos e livros relacionados à farmacologia felina, publicados nos últimos 5 anos. Tendo em vista que os gatos têm deficiência na fase II da biotransformação, caracterizada pela conjugação enzimática do fármaco às moléculas de ácido glicurônico, glutathione, sulfatos, acetatos e aminoácidos, alguns fármacos que dependem dessa etapa vão ter as velocidades de metabolismo e excreção diminuídas, podendo causar acúmulo de metabólitos e, conseqüentemente, toxicidade. Desse modo, o ácido acetilsalicílico (AAS), comercializado como aspirina, é um AINE com ações analgésica, anti-inflamatória, antipirética e antiagregante plaquetária, cuja dose terapêutica para gatos varia entre 10-20 mg/Kg a cada 48-72 horas por ter seu tempo de meia-vida em torno de 37h. Por possuir baixas concentrações das enzimas glicuroniltransferases, metabólitos produzidos a partir do AAS se acumularão, acentuando o risco de intoxicação. Outro AINE, o acetaminofeno (paracetamol) que apresenta ações analgésicas e antipiréticas, já em pequenas doses (10 mg/kg) pode gerar sinais clínicos de toxicidade nos gatos como cianose, anorexia, fraqueza, vômitos e até quadros mais graves como a Síndrome de Metemoglobina Felina (SMF) com morte em 48 horas. A saturação das vias da fase II (conjugação com o ácido glicurônico), aumenta o metabolismo de fase I, gerando metabólitos oxidantes altamente reativos como a

N-acetil-p-benzoquinona imina (NAPQI), os quais por serem conjugados à glutatona para serem eliminados, causam a sua depleção, injúria oxidativa dos eritrócitos, hemólise e SMF. Os animais não vão a óbito pela hepatotoxicidade desse medicamento, e sim, pela falta de oxigênio devido à formação de corpúsculo de *Heinz*. O ibuprofeno, outro AINE que também depende da conjugação com o ácido glicurônico para ser excretado, já é tóxico para os gatos na dose de 50mg/Kg e os sinais de intoxicação podem variar desde os sintomas gastrointestinais e renais até os cardiorrespiratórios e neurológicos. Na classe dos antibióticos, destacam-se os aminoglicosídeos, como gentamicina e estreptomicina, que embora não sejam contraindicados para felinos, devem ser administrados com cautela em pacientes idosos, filhotes e nefropatas, pois são reconhecidamente nefrotóxicos e ototóxicos. A ototoxicidade é originada a partir de lesões no nervo vestibulococlear, enquanto que a nefrotoxicidade é decorrente da degeneração e necrose tubular aguda que pode levar ao óbito caso não tratadas de forma rápida e adequada. Vale ressaltar que os sinais clínicos dessa intoxicação podem variar em função da dose administrada. Portanto, é de extrema importância o conhecimento das singularidades farmacocinéticas nos felinos não apenas para o veterinário, mas também para os tutores, uma vez que a cultura da automedicação é uma realidade no nosso país.

Palavras-chave: Intoxicação, Farmacocinética, Biotransformação, Glicuronil-transferase.

Referências bibliográficas:

COSTA, F. V. A.; MARTINS, C. S. **Manual de clínica médica felina**. São Paulo: Manole, 2023.

ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C.; CÔTÉ, Etienne. **Tratado de Medicina Veterinária: Doenças do Cão e do Gato**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

SANTANA, Gilcinéa de C.; ALMEIDA, Adriana Jardim de. **Manual de terapêutica em animais domésticos**. São Paulo: Manole, 2022.

SANTOS, K. C., et al. Medicamentos de uso humano e sua prescrição para animais domésticos. *Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG*, [s.l.], v. 4, 2021.

SPINOSA, Helenice de S.; GÓRNIAC, Silvana L.; BERNARDI, Maria M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2023.

PRINCIPAIS AGENTES TÓXICOS RESPONSÁVEIS POR INTOXICAÇÃO E SEUS SINAIS EM GATOS

(Main toxic agents responsible for intoxication and its signs in cats)

Thalyta Victória Alves Silva^{1*}, Beatriz Barbosa Gonçalves¹, Emmily Marcelly Passos¹,
Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Docente Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: thalyta.alves@ufrpe.br

RESUMO

A intoxicação em gatos representa uma importante casuística na clínica felina, devido à ampla variedade de agentes tóxicos disponíveis. Essas intoxicações são resultado do uso indiscriminado e contraindicados de medicamentos humanos ou veterinários, a exposição a produtos sanitários e pesticidas em ambientes frequentados pelo animal, além da oferta de diversos alimentos e plantas. Identificar o agente tóxico pode representar um desafio na prática veterinária, especialmente quando o animal ingere ou tem contato acidental com o produto. Outro aspecto relevante é a confiabilidade das informações fornecidas pelo tutor, o que pode representar um obstáculo, pois este tende a omitir detalhes sobre o produto ingerido pelo animal, dificultando os procedimentos médicos. Com o objetivo de fornecer dados sobre os principais agentes tóxicos e seus sinais clínicos em casos de intoxicação, realizou-se uma análise por meio da revisão da literatura especializada, utilizando artigos selecionados nas plataformas Pubmed, Google Acadêmico e Scielo, com dados dos últimos 5 anos. Entre os agentes tóxicos mais citados, o paracetamol (acetaminofeno) destacou-se como um dos mais significativos. A intoxicação ocorre em decorrência da condição genética dos felinos na produção da enzima glicuronil transferase, que compromete sua biotransformação. O prognóstico é influenciado pela dose ingerida e pelo tempo decorrido entre a ingestão e os cuidados médicos. Os principais sinais clínicos incluem mucosas cianóticas, dor abdominal, úlcera gástrica, edema de membros e face, letargia, depressão, hematúria, hipotermia, fraqueza, taquipneia ou dispneia. A maioria dos sinais é resultado da hipóxia causada pela anemia hemolítica e meta-hemoglobina. São citados também a dipirona (metamizol), ibuprofeno, carprofeno, meloxicam, ivermectina, levamisol e fipronil. A intoxicação ocorre devido à sobre-dose e condições fisiopatológicas do paciente ou pelo uso de produtos não indicados para a espécie. Os principais sinais, de maneira geral, são vômito, gastrite, prostração e anorexia. Além disso, os domissanitários são notórios devido ao seu uso no cotidiano. Dentre eles os casos descritos apontam desinfetantes e cresol como agentes, causando respectivamente, sialorréia e irritação na mucosa e narina, enquanto o outro possui neurotoxicidade e causa oxidação da hemoglobina. O cloreto de benzalcônio é uma substância encontrada em diversos produtos

de limpeza que pode levar a uma intoxicação que apresenta sinais como úlceras orais, estomatite, faringite, lesões nas mucosas e cutâneas, desconforto respiratório e no SNC de maneira transitória. As plantas também se incluem no grupo de agentes que podem estar no ambiente acessado pelo animal. As principais citadas são *Polyscias spp.*, *Dieffenbachia seguine* e *Aloe vera*. As árvores da felicidade tendem a causar êmese, anorexia, hipotermia, taquipneia ou dispneia, desidratação e mucosa ictérica, enquanto a comigo-ninguém-pode causa êmese, hematêmese, estomatite, edema de face e orelha. A babosa pode levar à hematúria, prostração, hiporexia e desidratação. Por fim, os principais alimentos responsáveis pela intoxicação de gatos são alho, cebolinha, chocolate, uvas, passas e cebola. Dentre eles, a cebola tem seu quadro desencadeado devido ao n-propil dissulfido. O animal apresenta um quadro de convulsão, hipotermia, mucosa congesta e meta-hemoglobina. Dessa forma, concluímos que os agentes tóxicos são diversos e muitas vezes não podem ser identificados. O prognóstico está diretamente relacionado à dosagem e ao tempo de intervenção, de modo que a identificação do agente tóxico assegura um tratamento mais preciso.

Palavras-chave: Felinos, Paracetamol, Plantas tóxicas, Domissanitários.

Referências bibliográficas:

ALVES, W. F. S. *et al.* Intoxicação por ivermectina em felino para tratamento de *Lynxacarus radovskyi*. Revista Multidisciplinar em Saúde, [s.l.], vol. 2, p. 19, 2021.

CATOZO, Raquel Gomes et al. Intoxicação em gatos atendidos em um hospital veterinário universitário da cidade de São Paulo: análise retrospectiva de 2010 a 2021. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, [s.l.], v. 20, 2022.

CORDEIRO, Giullia Grill. **Aspectos epidemiológicos e clínicos da intoxicação por paracetamol em cães e gatos registrados pelo Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul entre 2015 e 2021.** 2021. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

JARDIM, M. P. B. *et al.* Intoxicação em gatos domésticos no Brasil: toxicantes, sinais clínicos e abordagens terapêuticas. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, [s.l.], vol. 73, p. 99-107, 2021.

NASCIMENTO, A. *et al.* Intoxicação por fipronil em felino-Relato de caso. Revista Multidisciplinar em Saúde, [s.l.], vol. 2, p. 18, 2021.

SANCHES, P. A. G.; PUGAS, B. A. R. Intoxicação em felinos por paracetamol: Úlcera gástrica em felinos. Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG, [s.l.], vol. 3, p.1-11, 2020.

SILVA, R. *et al.* A case of severe benzalkonium chloride intoxication in a cat. Acta Veterinaria Scandinavica, [s.l.], vol. 66, p.1-5, 2024.

CISTITE PSEUDOMEMBRANOSA EM *FELIS CATUS* - REVISÃO DE LITERATURA

(*Pseudomembranous cystitis in Felis catus - literature review*)

Daniela de Barros Ferreira^{1*}, Sophia Araújo Davies¹, Samuel Pereira da Silva¹, Roberta Chagas de Albuquerque¹, Stephanie Caroline Gueiros Silva²

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, PE;

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: daniela_barros_@outlook.com

RESUMO

A cistite pseudomembranosa, alteração rara localizada no trato inferior dos felinos, pode ser definida como a formação anormal de uma membrana de tecido necrótico e hemorrágico na vesícula urinária. Acomete gatos machos, acima de um ano de idade e alguns apresentam histórico de doença do trato urinário inferior em felinos (DITUIF). É acompanhada de sinais inespecíficos, e caracterizada por cistites recorrentes e processos infecciosos nesta região. O presente estudo busca analisar a literatura científica acerca da cistite pseudomembranosa em gatos domésticos (*Felis catus*), de modo a melhor descrever a doença, seu diagnóstico e opções de tratamento. A pesquisa foi realizada na base de dados PubMed e na revista acadêmica Journal of Veterinary Internal Medicine, selecionando todos os resultados correspondentes em português e inglês. Macroscopicamente a doença apresenta falsas membranas intravesicais hemorrágicas e ulceradas, cobertas por tecido necrótico, seguidas de inflamação e infecção bacteriana recorrentes que causam a obstrução uretral. A obstrução pode ou não estar presente, e sinais como hematúria, polaciúria, periúria, estrangúria, disúria também são comumente observados. Dentre os exames complementares são solicitados a urinálise, perfis bioquímicos, radiografia, ultrassonografia e cistografia. No exame ultrassonográfico nota-se espessamento das paredes da bexiga, e septos ecóicos podem dividir o lúmen em compartimentos, revelando a gravidade da doença. Além disso, cistólitos, alterações nos ureteres e uretra e renomegalia também podem ser observados. Na radiografia apenas a distensão vesical é nítida. O tratamento se dá através de analgésicos, antibióticos e terapia de fluidos. Para os casos em que a terapia medicamentosa não foi suficiente, o principal curso de tratamento utilizado é a cistotomia. A cistite pseudomembranosa em gatos domésticos é um tema que necessita de realização e publicação, além de mais pesquisas a respeito. A mesma apresenta sinais inespecíficos e particularidades em relação ao gênero do animal e sua idade. Dessa forma, é necessário exames mais aprofundados para traçar um diagnóstico efetivo, elegendo assim o melhor tratamento para cada caso.

Palavras-chave: Bexiga, Gatos, Inflamação, Pseudomembrana.



Referências bibliográficas:

FILBER, A. P.; KOMATSU, E. Y. Cistite pseudomembranosa em felino: Relato de caso. Pubvet, [s. l.], v. 16, 2022.

LABELLE, O. et al.. Pseudomembranous cystitis in cats with presumed or confirmed mineralization: A retrospective study of 26 cases (2016-2021). J Vet Intern Med, [s.l.] v. 37, p. 1806-1814, 2023.

BOEDEC, K. L., et al. Pseudomembranous cystitis, an unusual condition associated with feline urine outflow obstruction: Four cases. Journal of Feline Medicine and Surgery, [s.l.], v. 13, p.1-6, 2011.

PUCCINELLI, C. et al.. Pseudomembranous Cystitis: An Uncommon Ultrasound Appearance of Cystitis in Cats and Dogs. VetSci, [s.l.], v. 8, p.1-9, jul. 2021.

OBESIDADE FELINA: O PAPEL DA NUTRIÇÃO NA MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE ANIMAIS IDOSOS

(Feline obesity: the role of nutrition in maintaining the quality of life of elderly cats)

Maria Clara Moura Oliveira de Souza^{1*}, Pedro Henrique Luiz dos Santos¹, Priscila Antão dos Santos¹, Júlio Cezar dos Santos Nascimento¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: mariaclara.souza@ufrpe.br

RESUMO

A obesidade felina é uma condição séria que afeta gatos de todas as idades e raças, ocorrendo quando um gato consome mais calorias do que queima, levando ao acúmulo de gordura corporal excessiva. Assim como em humanos, a obesidade em gatos pode levar a uma série de problemas de saúde, incluindo diabetes, doenças cardíacas, artrite e diminuição da expectativa de vida, fazendo-se necessária a presença de uma dieta equilibrada. O objetivo foi realizar uma revisão bibliográfica para demonstrar como a dieta do animal pode impactar no estilo de vida do gato doméstico idoso e como pode melhorar sua qualidade de vida e proporcionar um envelhecimento saudável. Foram pesquisados estudos publicados entre 2013 a 2023, nas plataformas de dados online: Periódico Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico. Para busca das referências foram utilizados os descritores em cruzamento com o operador booleano and, da seguinte forma: obesidade felina, alimentação, felinos, idosos respectivas palavras em inglês feline obesity, food, felinos e elderly. Diferente do hábito alimentar de outros animais de companhia, os gatos domésticos (*Felis Catus*) são carnívoros obrigatórios, o que confere a eles necessidades nutritivas, as quais são metabolicamente essenciais para o equilíbrio dietético felino. Por um ponto de vista anatômico-fisiológico, os carnívoros, em geral, apresentam trato gastrointestinal curto, o que confere a eles melhor absorção proteica e dificuldade na digestão de carboidratos, uma vez que é limitado pela ausência de amilase salivar e baixa concentração de amilase pancreática, logo, deve haver o fornecimento de uma dieta equilibrada em proteína e energia, para que não apresentem casos de obesidade, o qual se faz presente como um dos quadros propícios ao desbalanço nutricional. A obesidade em animais de companhia é uma situação que compromete o bem-estar, ocasionando danos à saúde, uma vez que há o comprometimento no desempenho do metabolismo fisiológico animal, principalmente em gatos que, segundo a informação disponível, a despeito da aparente popularidade das dietas direcionadas para cães e gatos idosos, existe uma falta de consenso entre especialistas, no que diz respeito às reais necessidades nutricionais do

animal, uma vez que, de uma maneira geral, a dieta indicada para gatos idosos têm uma necessidade de maior digestibilidade, níveis ajustados de proteínas, antioxidantes, ácidos graxos essenciais e seja suplementada com aminoácidos essenciais, macro e micro minerais e prebióticos, já que os gatos geriátricos têm sua capacidade de digerir proteínas e gorduras diminuída. O trabalho desenvolvido custa apresentar as exigências nutricionais do gato doméstico idoso, as possíveis causas de uma obesidade, em animais com idade avançada, os quais podem enfrentar desafios, como perda de massa muscular, diminuição da função renal e alterações no metabolismo e as medidas profiláticas para promover um envelhecimento saudável, garantindo o bem-estar do felino.

Palavras chaves: Dieta, Exigências, Felinos, Geriátricos.

Referências bibliográficas:

Lemos, T. D. S. “Particularidades nutricionais do paciente felino geriátrico: revisão de literatura.” (2018). Universidade de Brasília, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária.

Bizz, D. S. "A importância da nutrição no processo de envelhecimento dos gatos." (2016). <http://hdl.handle.net/10183/148260>

Lima, C.M.D. “Obesidade felina: fatores de risco, achados clínicos, metabólicos e comportamentais.” (2021). Master’s thesis, Universidade Federal de Pelotas.

CUIDADOS PREVENTIVOS NA OBESIDADE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

(Preventive care in feline obesity: literature review)

Manuela Poroca Pinheiro^{1*}, Júlia Cabral Pinheiro¹, Matheus Augusto Sidon de Lima¹,
Renata Chaves Machado¹, Maria Luciana Menezes Wanderley Neves², Daniel da Silva
Praia²

¹Discente do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário Maurício de Nassau Boa Viagem, Recife, PE;

²Docente do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário Maurício de Nassau Boa Viagem, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: manustudies05@gmail.com

RESUMO

Com o estilo de vida modificado dos felinos, causado pelo processo da domesticação, diversas alterações foram desencadeadas para a espécie, desde o espaço onde estão reclusos até a sua dieta. Estas mudanças têm tornado o organismo desses animais susceptíveis ao sobrepeso e possível desenvolvimento da obesidade, sendo uma das maiores preocupações clínicas atuais, por terem impacto direto na expectativa de vida do animal. Diante desta problemática, objetivou-se realizar uma revisão de literatura em livros e artigos que abordam sobre os fatores que contribuem para a obesidade felina e as alternativas para prevenção de tal enfermidade. A obesidade está relacionada ao balanço energético positivo crônico, provocado pelo fornecimento de energia acima das exigências do animal. A restrição do espaço físico do felino, além de influenciar no seu comportamento de caráter predatório, diminui a sua atividade física. Devido ao fato dos gatos serem essencialmente carnívoros, a sua alimentação básica depende de proteínas, gorduras e ingestão de água, não exigindo altos níveis de carboidratos, pois como não produzem a enzima da amilase salivar, os processos de absorção e metabolização desse complexo é dificultado. Por meio disso, é possível constatar que esses animais desenvolveram um estilo de metabolismo energético, com um sistema digestivo curto o seu principal apoio são os alimentos de caráter proteico pois possibilitam a manutenção e regulação da glicose sanguínea. A manutenção depende da captação glicosídica pelas células, sendo todo o processo permitido pela insulina, visando alcançar um índice glicêmico estável condizente com a energia necessária para as atividades físicas desempenhadas pela espécie. Vale ressaltar a importância de dietas ricas em aminoácidos, como a taurina, arginina, metionina e lisina que podem elevar taxas de valor nutricional na dieta do animal, aumentando a eficácia do seu sistema imune e contribuindo na restauração de tecidos musculares. Assim, a atividade enzimática dos felinos é simplificada pelo constante catabolismo de proteínas, o organismo também conta com um ciclo elevado de ureia, justificando a propensão dos felinos a utilizarem aminoácidos como fonte de energia.

Porém, diferente de outros mamíferos, os gatos não conseguem reduzir a atividade enzimática em dietas com baixos níveis de proteína, o que os torna vulneráveis às deficiências alimentares. Desse modo, é notável a necessidade de se lidar com a alimentação dos felinos de forma cuidadosa, a fim de evitar problemas além da obesidade, como na locomoção que pode ou não ser relacionado ao excesso da massa corpórea, infecções na região do trato uterino e questões ligados à desidratação. É fundamental uma alta ingestão de líquidos para o sistema fisiológico dos felinos, sendo recomendado que esse fornecimento ocorra através dos alimentos pastosos, a fim de que recebam os nutrientes necessários. Portando, por meio dos estudos realizados é possível constatar que a qualificação de médicos veterinários é de extrema importância, sendo eles capacitados e aptos à identificar quaisquer irregularidades desde cedo, pois aplicando os princípios preventivos é possível evitar a obesidade felina e alcançar qualidade de vida através do controle da dieta do animal.

Palavras-chave: Prevenção, proteínas, aminoácidos, metabolismo.

Referências bibliográficas:

JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGICA, M. M. Tratado de medicina interna de cães e gatos. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

LIMA, C. M. DE et al. OBESIDADE EM FELINOS DOMÉSTICOS: FATORES DE RISCO, IMPACTOS CLÍNICOS, METABÓLICOS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO. Veterinária e Zootecnia, v. 28, p. 1–15, 8 nov. 2021.

LITTLE, S. A. Medicina Interna de Felinos. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

MACHADO, B. F. *et al.* Manejo alimentar como um dos fatores que predispõe a doença do trato urinário inferior dos felinos. In: 29º CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOTECNIA, 2019, Uberaba. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/zootec-2019/trabalhos/manejo-alimentar-como-um-dos-fatores-que-predispoe-a-doenca-do-trato-urinario-in?lang=pt-br>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PORENCEFALIA EM FELINOS – REVISÃO DE LITERATURA

(Porencephaly in felines – literature review)

Charles Demetrius Gonçalo da Silva Júnior^{1*}, Juliette Gonçalves da Silva¹, Thayná Camila Morais Amaral Gonçalves da Silva¹, Juliany Nunes dos Santos¹

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

*E-mail para correspondência: charlesdemetriusjr@hotmail.com

RESUMO

A porencefalia é uma condição neurológica rara na qual se desenvolvem cavidades císticas no cérebro. Essas cavidades diferem em tamanho e localização e podem se comunicar com o sistema ventricular ou com as meninges. As alterações visualizadas nos hemisférios cerebrais geralmente são causadas por eventos que afetam o cérebro durante o desenvolvimento fetal ou logo após o nascimento, como infecções, traumas ou hipóxia, porém em todas as causas ocorre a destruição do tecido nervoso. Além disso, embora seja uma condição rara, nos felinos pode ocorrer secundariamente à infecção pelo vírus da Panleucopenia Felina. Os gatos apresentam sinais clínicos anormais durante o exame neurológico, como tônus muscular baixo ou aumentado, atraso no desenvolvimento, hemiparesia ou comprometimento da atenção visual. Todavia, os sintomas podem variar dependendo da localização e do tamanho das cavidades no cérebro, sendo eles desorientação, dificuldade de coordenação, alterações de comportamento, convulsões ou outros problemas de ordem neurológica. O diagnóstico em gatos é realizado por meio de exames de imagem, como ressonância magnética ou tomografia computadorizada. O tratamento da porencefalia é de suporte, focado no manejo dos sintomas e pode incluir medicamentos para controlar convulsões ou terapias para ajudar com problemas de coordenação ou de comportamento. O prognóstico é variável, dependendo da intensidade e da localização cística. A prevenção da porencefalia pode ser desafiadora, já que as causas específicas nem sempre são totalmente compreendidas ou evitáveis e a condição pode ocorrer independentemente desses esforços, pois pode ter origem congênita. Dessa forma, a orientação baseia-se na imunização dos animais para controlar as principais doenças infectocontagiosas e na monitoração do desenvolvimento dos pacientes. Contudo, o tratamento paliativo é importante na porencefalia porque ajuda a melhorar a qualidade de vida. Como a porencefalia é uma condição neurológica crônica e rara que pode causar uma variedade de sintomas, o tratamento paliativo pode ser especialmente benéfico para lidar com os sintomas que podem impactar negativamente a evolução do animal. A terapia paliativa adota uma abordagem holística, levando em consideração todas as necessidades e proporcionando conforto, qualidade de vida e assistência personalizada de acordo com as necessidades individuais de cada paciente.

Palavras-chave: Neuropatia; Gatos; Tratamento paliativo.

Referências bibliográficas:

ALVES E.; CALVO B.; GUERRA J.; OLIVEIRA P.; ABREU F. Porencefalia em cão-relato de caso. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 11, n. 2, p. 87-87, 11.

CASTRO, N. B. Achados patológicos e imuno-histoquímicos de felinos mestiços com panleucopenia felina. Julho/2013. Trabalho de conclusão de curso – Curso de graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHILD, A. L.; RIET-CORREA, F.; FERNANDES, C. G.; DAMÉ, M. C.; GRAÇA, D. L. Hipoplasia cerebelar e porencefalia em bovinos charolês no sul do Rio Grande do Sul. Ciência Rural, Santa Maria, v. 31, n. 1, p. 149 – 153, 2001.

ZACHARY, J. F.; McGAVIN, M. D. Bases da Patologia Veterinária. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

NEUROPATIA DIABÉTICA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

(Diabetic neuropathy in cats: literature review)

Luana de Pádua França^{1*}, Maria Eduarda da Silva¹, Sophia Oliveira Dantas¹, Ana Cláudia da Silva Jardelino Jordão¹, Nathaly Larissa Oliveira do Nascimento¹, Juliette Gonçalves da Silva¹, Diana Guiomar Ferreira de Sena¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: luana.franca@ufrpe.br

RESUMO

A Diabetes Mellitus (DM) é uma das endocrinopatias mais comuns em felinos, sendo originada pela depleção total ou parcial na secreção de insulina pelas células beta pancreáticas, ou através da resistência insulínica dos tecidos periféricos. Os felinos senis e obesos são os mais acometidos, tendo como principais manifestações clínicas a poliúria, polidipsia, perda de peso e polifagia. Além disso, alguns animais com hiperglicemia crônica podem desenvolver complicações sistêmicas secundárias à doença, onde dentre essas tem-se a neuropatia diabética. Esse é um distúrbio comum em felinos doentes descompensados, onde o principal sinal visualizado é o andar plantígrado, apoiando-se através dos tarsos. Sendo assim, o presente trabalho objetiva realizar uma revisão na literatura, buscando maiores informações acerca desse distúrbio, facilitando o entendimento e a sua identificação na clínica médica. A etiologia definitiva do processo ainda não é bem esclarecida, podendo ter origens vasculares, metabólicas e tóxicas. No entanto, como uma das causas citadas tem-se a via dos polióis, onde a glicose é convertida em sorbitol pela enzima aldose redutase, e esse é transformado em frutose pela frutose desidrogenase. Essas reações são resultantes da hiperglicemia crônica, havendo queda do composto mioinositol, participante das células nervosas, culminando então com alterações nos nervos, sendo relacionada à alterações na condução do impulso nervoso motor, não sendo tão ligada ao componente sensorial. Além disso, ocorrem também lesões nas células de Schwann com desmielinização, e em casos mais graves a degeneração dos axônios. Em relação aos sinais clínicos, pode ser observado fraqueza muscular, principalmente nos membros pélvicos, dificuldades em escalar ou pular nos locais, atrofia muscular, andar plantígrado, em que os gatos apoiam-se sobre os tarsos, podendo apresentar desconfortos à palpação dos membros afetados. Alguns felinos conseguem remissionar a diabetes e consequentemente obtém o controle desta afecção. No entanto, o principal objetivo do tratamento é manter a glicemia dentro de uma faixa de valores em que haja redução dos sinais clínicos e consequentemente, melhora da qualidade de vida do animal. Além da administração de insulina, também é importante associar analgésicos visando o controle da dor nos pacientes com a neuropatia. Para além, é importante preconizar o controle de peso por meio de dieta e estímulos a exercícios físicos, proporcionando melhor qualidade de

vida aos animais acometidos. Portanto, a neuropatia diabética é um distúrbio causado pela descompensação da Diabetes Mellitus, podendo ser evitada através do controle da endocrinopatia, sendo importante a sua identificação precoce, através do acompanhamento veterinário regular.

Palavras-chave: Diabetes, Endocrinopatia, Felinos, Neurose.

Referências bibliográficas:

BEHREND, Ellen et al. Diretrizes AAHA 2018 para o Manejo do Diabetes em Cães e Gatos. 2018.

JERICÓ, Márcia Marques; ANDRADE NETO, João Pedro de; KOGIKA, Márcia Mery. Tratado de medicina interna de cães e gatos. 2015.

LITTLE, Susan E. et al. O gato: medicina interna. **Rio de Janeiro: Roca.**2016.

PITA, Marta Guerreiro et al. **Clínica e cirurgia de animais de companhia: revisão comparada da Diabetes Mellitus no cão e no gato.** 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

SÍNDROME DA HIPERESTESIA FELINA

(Feline hyperaesthesia syndrome)

Malu Sampaio Sá^{1*}, Maria Luiza Didier Marques¹, Nathaly Larissa Oliveira do Nascimento¹, Alberto Amaral Gonçalves da Fonte Neto¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: malu.sampaio@ufrpe.br

RESUMO

A síndrome da hiperestesia felina (SHF) é uma desordem rara e ainda mal compreendida, caracterizada por um conjunto de sinais clínicos. A SHF, também conhecida como “doença do gato nervoso”, “neurite aparente”, “neurodermatite atípica” e “síndrome da pele ondulada”, tem como sinais clínicos espasmos musculares na região lombar, excesso de lambedura, automutilação, vocalização, alucinações, midríase e correr atrás da cauda, sugerindo dor ou irritação nos felinos portadores da síndrome. A SHF pode ocorrer em gatos de qualquer idade, porém é mais relatado em felinos de um a cinco anos. Apesar de não haver predileção por raça, tem maior casuística em gatos abissínios, siameses, persas e birmaneses. Os gatos acometidos têm os seus sinais clínicos resumidos aos momentos de crise, não havendo nenhuma outra alteração clínica associada. A etiologia da SHF ainda é desconhecida e seus sinais clínicos podem ser confundidos com enfermidades dermatológicas (dermatite alérgica à picada de ectoparasitos), neurológicas (epilepsia e tumores cerebrais), ortopédicas (cauda equina, trauma em cauda), comportamentais (transtorno obsessivo compulsivo), bem como abscesso e inflamação das glândulas adanais. O diagnóstico da síndrome da hiperestesia felina é desafiador, visto que suas causas base são multifatoriais, sendo feito por meio da exclusão dos seus diagnósticos diferenciais, bem como uma anamnese detalhada e exame físico completo minucioso, objetivando diminuir as possibilidades diagnósticas. O tratamento da síndrome é baseado na apresentação clínica individual do paciente e é realizado por tentativa e erro, visto que não há estudos comparando a eficácia dos diferentes tratamentos, sendo assim imprescindível que os tutores estejam cientes de que a terapia pode ser alterada caso não haja resposta. Os tratamentos mais comumente utilizados são ectoparasiticidas e corticosteróides - realizados em primeira instância, a fim de eliminar a suspeita de prurido intenso causado por ectoparasitos -, anticonvulsivantes (fenobarbital 2 mg/kg VO, BID, aumentando a dose de acordo com a resposta clínica; gabapentina 10 mg/kg, VO, BID ou TID) - sendo o fenobarbital a primeira escolha de terapia utilizada - e inibidores seletivos de recaptção de serotonina (fluoxetina, 0,5 a 2 mg/kg VO, SID). O tratamento deve ser seguir por no mínimo 6 meses após o efeito desejado, podendo ser realizada diminuição gradativa e desmame, porém em alguns casos a medicação pode se tornar vitalícia. Além disso, deve-se associar também os pilares essenciais para o bem estar dos gatos, visto que

existem hipóteses que relacionam a síndrome com fatores ambientais estressores. O prognóstico da SHF é reservado, dependendo da evolução da doença, entretanto a sua progressão incomum e, quando diagnosticada e controlada, o prognóstico torna-se favorável.

Palavras-chave: distúrbio comportamental, automutilação, felinos.

Referências bibliográficas:

LITTLE, S. E. **O Gato - Medicina Interna**. Grupo GEN, [s.l.]: Roca, 2016.

BRUM, A. S. S. Síndrome da hiperestesia felina. Porto Alegre, 2021.

VIANA, D. B. *et. al.* Síndrome da hiperestesia felina: relato de caso. Revista de ciências agroveterinárias, [s.l.], v. 19, p. 1-5, 2020.

COSTA, L. G. *et al.* Relato de caso: Síndrome da hiperestesia em felino. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, p. 19037-19039, 2021.

BATLE, P. A. *et. al.* Feline hyperaesthesia syndrome with self-trauma to the tail: retrospective study of seven cases and proposal for an integrated multidisciplinary diagnostic approach. Journal of Feline Medicine and Surgery, [s.l.], v. 21, p. 65-196, 2019.

INTUSSUSCEPÇÃO EM FELINO – RELATO DE CASO

(Intussusception in feline - case report)

Emanuela Posztbiegel Simões Barbosa^{1*}, Jéssica Vasconcelos Bastos², Maria Isabel Pessôa Vieira², Nathália dos Santos Cunha², Marcus Polo Regis Soares Filho³

¹Discente do Centro Universitário Brasileiro- UNIBRA;

²Discente do Centro Universitário Brasileiro- UNIBRA;

³Médico Veterinário pelo Centro Universitário Brasileiro- UNIBRA.

*E-mail para correspondência: manuposztbiegel@hotmail.com

RELATO

Intussuscepção, ou invaginação intestinal, é o pregueamento do intestino, em que uma porção fica por dentro, denominada intussuscepto, de outra porção adjacente, denominada intussuscipiente, causando obstrução intestinal completa ou parcial e congestão da mucosa intestinal do intussuscepto. Trata-se de uma condição rara em felinos. Objetivou-se, portanto, relatar o caso de intussuscepção em um felino, SRD, de 2 anos, atendido em um hospital particular localizado em Jaboatão dos Guararapes-PE. Inicialmente, na anamnese, a tutora relatou que o paciente possuía histórico de rinotraqueíte recorrente e múltiplos episódios de êmese. No exame físico, o paciente apresentava um escore corporal baixo, febre, mucosas hipocoradas, letargia e desidratação. Realizou-se ultrassonografia, na qual a impressão diagnóstica foi de enterite com peristaltismo acelerado e presença de intussuscepção jejunal. Devido ao estado crítico do animal, ele foi submetido a celiotomia exploratória. Após abertura da cavidade abdominal, localiza-se a porção intestinal onde havia a intussuscepção. Entretanto, não foi possível desfazê-la devido aos múltiplos pontos de necrose. Como resultado, precisou-se realizar a enterectomia da porção do jejuno. A rafia do segmento intestinal foi realizada com poliglactina-910 4-0, utilizando sutura isolada simples. A cavidade abdominal foi lavada com solução de Ringer com lactato aquecido e concluiu-se a celiorrafia. Outras porções intestinais e outros órgãos abdominais não apresentavam alterações ou comprometimentos. O paciente permaneceu internado em observação, recebendo cefalexina, metronidazol, meloxicam, dipirona e tramadol. Ofereceu-se alimentação líquida e pastosa nas primeiras 72 horas, e a ração seca foi introduzida gradativamente. Após 7 dias, o animal estava se alimentando normalmente e as fezes estavam sem alterações. O paciente foi liberado com alta acompanhada, demonstrando uma recuperação satisfatória. A intervenção cirúrgica para sanar a intussuscepção intestinal foi crucial para o restabelecimento do animal. Este relato contribui para o entendimento dos tratamentos cirúrgicos em casos de intussuscepção em felinos, enfatizando a necessidade de uma abordagem multidisciplinar visando uma melhor recuperação. Embora o prognóstico inicial fosse preocupante, a resposta positiva às intervenções sugere um bom prognóstico a longo prazo, embora seja necessário estar

atento a possíveis complicações tardias. A comparação com casos semelhantes poderia oferecer insights adicionais sobre a eficácia do tratamento aplicado.

Palavras-chave: Cirurgia, Gato, Invaginação intestinal.

IMPORTÂNCIA DO CUIDADO PALIATIVO EM FELINO COM FIV E FELV- RELATO DE CASO

(Importance of palliative care in felines with ivf and felv - case report)

Juliette Gonçalves da Silva^{1*}, Charles Demetrius Gonçalo da Silva Júnior¹, Thaynná Camila Moraes Amaral Gonçalves da Silva¹, Luana de Pádua França¹, Milene Iara Fagundes da Silva¹, Juliany Nunes dos Santos¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: juliettegoualvesdasilva@gmail.com

RESUMO

A Imunodeficiência Viral Felina (FIV) e a Leucemia Viral Felina (FeLV) são duas doenças importantes que afetam gatos e são causadas por retrovírus. Ambas podem causar imunossupressão grave, tornando os animais mais suscetíveis a agentes oportunistas e doenças sistêmicas. A FIV é transmitida, principalmente, através de mordidas durante lutas, e a transmissão da FeLV ocorre por contato próximo entre gatos, compartilhando tigelas de comida, lambeduras, e também ocorre transmissão vertical. Como sintomas, na FIV os animais apresentam perda de peso, febre e diarreia. Na FeLV, os pacientes apresentam alterações hemáticas e tumores, em ambas o sistema imune é comprometido tornando os gatos mais suscetíveis a outras infecções. O diagnóstico é realizado através de testes sorológicos e o tratamento é paliativo, visto que não possuem cura, porém influenciam significativamente na saúde e na longevidade dos animais. Existem vacinas disponíveis para prevenir a FeLV, já a prevenção da FIV envolve manejo dos animais, limitando acesso a rua para que não sejam expostos a fontes de infecção. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em janeiro de 2023, um gato macho com 6 anos de idade, SRD, pesando 3,5 kg, não castrado, não vacinado, com acesso a rua. Como queixa, a tutora informou que o animal apresentava perda de peso progressiva, apatia, apetite seletivo e distensão abdominal com uma semana de evolução. Ao exame clínico observou-se desidratação, hipocoloração de mucosas, linfadenomegalia generalizada e sensibilidade dolorosa à palpação abdominal, com distensão de bexiga urinária. Solicitou-se hemograma, urinálise, ultrassonografia e teste rápido para FIV e FeLV, o qual foi positivo para ambos. O exame de imagem apresentou urólitos na uretra peniana, urinálise com aumento de densidade e presença de cristais, pacientes positivos para estas doenças são propensos a anormalidades urinárias, podendo ser observado retenção urinária e diminuição da ingestão hídrica. Após massagem da uretra o animal urinou espontaneamente, demonstrando alívio imediato. A tutora foi informada da gravidade do quadro e optou por seguir o tratamento paliativo. A conduta terapêutica estabelecida visou aliviar os sintomas e fortalecer o sistema imunológico, assim como estimular o apetite. Administrou-se antipirético, analgésico, antiemético,

imunomoduladores, estimulante de apetite, suplementação nutricional e indicou-se isolamento do animal para que não tivesse mais acesso a rua. Os cuidados paliativos são cruciais para gatos com FIV e FeLV, pois essas doenças são crônicas, progressivas e podem causar uma variedade de sintomas que afetam a qualidade de vida dos felinos. Tais cuidados têm como objetivo aliviar o sofrimento, promover conforto e oferecer suporte, não somente ao paciente, mas também aos seus tutores. Aliviar a dor, controlar infecções secundárias, suporte nutricional e acompanhamento regular, além da comunicação aberta e compreensiva com o tutor, são essenciais para garantir que gatos vivam com o máximo de conforto e dignidade possível enquanto lidam com os desafios dessas doenças, além de auxiliar os donos a cuidar adequadamente de seus animais durante esse período difícil. Apesar do quadro grave, o paciente teve uma sobrevida digna com atenção e acompanhamento de 45 dias, pós consulta.

Palavras-chave: Imunodeficiência, terapêutica, gatos, retrovírus.

Referências bibliográficas:

CRAWFORD, M. Progressos no diagnóstico de infecções retrovirais. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FÉLIX, L. S.; BRITO, R. A.; TORRES, A. P. C. O vírus da imunodeficiência felina e a da leucemia viral felina. *Conexão Eletrônica, Três Lagoas*, v.14, n.1, p.620-628, 2017.

REIS, M. S. Avaliação da infecção pelos vírus da leucemia felina e da imunodeficiência felina numa colônia de gatos errantes da Ilha de Faro, península do Ancão. Dissertação (mestrado integrado em Medicina Veterinária) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2017.

HIPERTIREOIDISMO EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

(Hyperthyroidism in felines: a review)

Débora de Lima Araújo^{1*}, Gabriela Veloso Machado¹, Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Graduanda da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: debora.lima.araujo5@gmail.com

RESUMO

O hipertireoidismo é uma endocrinopatia caracterizada pelo aumento na concentração de tiroxina e triiodotironina, hormônios produzidos pela glândula tireóide. Os sinais clínicos podem ser bem variados, sendo a perda de peso, hiperatividade, polifagia, polidipsia, poliúria, êmese, diarreia e taquicardia os principais, e algumas das possíveis causas da doença incluem a ocorrência de tumores de tireoide, bem como hiperplasia glandular. Fatores nutricionais, como o excesso de iodo na dieta, ambientais, genéticos e imunológicos podem influenciar na patogenia do hipertireoidismo, sendo assim considerada uma doença multifatorial. Quando se trata de felinos domésticos, o hipertireoidismo é observado como a endocrinopatia mais comum. O primeiro diagnóstico da doença nesses animais foi feito ainda nos anos 70 nos Estados Unidos e, desde então, tem sido cada vez mais encontrada, acometendo principalmente os gatos de meia idade e idosos, a partir dos 6 anos de idade. O maior acometimento da doença em animais idosos pode ser justificado pela exposição a agentes tóxicos por um longo período de tempo, visto que possuem a capacidade de aumentar o risco de mutações genéticas nas células da tireoide. Outro grande fator que também pode justificar a ocorrência da doença é a alta ingestão de alimentos enlatados, pois geralmente possuem elevados níveis de iodo. O diagnóstico definitivo do hipertireoidismo é feito por meio da dosagem do T4 sérico aumentado, associado aos sinais clínicos citados anteriormente. Além disso, é possível também fazer a palpação dos nódulos tireoidianos e exames de imagem que auxiliarão a fechar o diagnóstico da doença. Quanto ao tratamento, este pode ser feito por meio de fármacos que diminuam a ação da glândula tireóide, dietas com baixa concentração de iodo, procedimentos cirúrgicos ou ainda o uso do iodo radioativo, que é considerado o tratamento de escolha, pois tem o objetivo de restabelecer o equilíbrio e autonomia da tireoide, sendo evitados quadros de hipotireoidismo iatrogênico. É notável, então, que a radioterapia é a opção mais segura, simples e eficaz no tratamento do hipertireoidismo em felinos domésticos. O procedimento é feito a partir da destruição das células malignas ou hiperplasiadas da tireoide, por meio da utilização de um radioisótopo, sendo o mais comum. A eficácia se dá principalmente pelo fato de que os tecidos saudáveis ao redor da glândula permanecem inalterados, além de que uma única dose é suficiente para a melhora

do paciente, que já pode ser vista com aproximadamente seis meses após a administração. O prognóstico para os animais tratados com radioiodoterapia é favorável, porém é um tratamento ainda caro e de pouco acesso pela população no Brasil. Sendo assim, o ideal é que os veterinários, junto aos tutores, encontrem a melhor solução possível de ser realizada para a melhora do quadro desses animais.

Palavras-chave: Tireóide, Radioiodoterapia, Endocrinopatia.

Referências bibliográficas:

SANTOS, F. B. O.; COBUCCI, G. C.; COSTA, J. S. Radioiodoterapia com protocolo de dose individualizada em paciente felino com hipertireoidismo: Relato de caso. Pubvet, [s.l.], v. 18, p. e1534-e1534, 2024.

RAMOS, A. J. R. T. et al. Uso da radioiodoterapia como tratamento do hipertireoidismo felino: relato de caso. XXX CIC - Congresso de Iniciação Científica, UFPel, Pelotas, p. 1-4, 2021.

JÚNIOR, A. R. et al. Hipertireoidismo em felinos: Revisão de literatura e estudo retrospectivo. Medvep, v. 5, p. 16-21, 2007.

VALENTE, Ana Clode Moreira De Ornelas. **Hipertiroidismo Felino: Estudo Retrospectivo de 5 Casos Clínicos**. 2021. 81f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Lisboa, Portugal, 2021.

CUIDADOS NEONATAIS EM FELINOS DOMÉSTICOS

(Neonatal care in domestic felines)

Aline Gabrielly Thorpe Bispo^{1*}, Bianca dos Santos Cunha de Santana¹, Leticia Grazielle da Conceição Amorim¹, Maria Clara Breda Dias¹, Sophia Omena Ribeiro¹, Daniela Maria Bastos de Souza²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: aline.thorpe@ufrpe.br

RESUMO

A neonatologia é o ramo da medicina veterinária que se concentra no estudo e cuidado dos animais recém-nascidos, abrangendo, no caso dos felinos, o período que se estende desde o momento do nascimento até aproximadamente a segunda semana de vida, ou, conforme a perspectiva adotada por diferentes autores, até a abertura dos olhos ou o desmame. Este campo de estudo reveste-se de significativa importância na prática veterinária, uma vez que estatísticas indicam que uma proporção considerável, chegando a até 30%, dos neonatos felinos podem vir a óbito. Tal ocorrência está ligada à sua fisiologia e sistema imunológico imaturos, tornando-os mais suscetíveis a influências ambientais, à ação de patógenos e ao desenvolvimento de uma variedade de condições patológicas. Este resumo tem como objetivo abordar os principais cuidados necessários para evitar a alta mortalidade nesse período crítico da vida dos felinos neonatos. Os neonatos podem ter como resultado de sua imaturidade fisiológica a tríade neonatal que corresponde à hipoglicemia, hipotermia e desidratação, sendo mais comum em filhotes órfãos e de nascimento em partos cesarianos. Nesse sentido, torna-se imprescindível implementar uma série de medidas para garantir o bem-estar e a sobrevivência do recém-nascido. Um dos aspectos fundamentais consiste na manutenção adequada da temperatura corporal do filhote, considerando sua limitada capacidade de regular essa variável fisiológica, é essencial providenciar um ambiente termicamente estável e acolhedor, utilizando uma fonte de calor suave. No caso específico de felinos prematuros, a utilização de uma incubadora se destaca como uma abordagem relevante. Esse equipamento cria um ambiente que simula as condições do útero materno, caracterizado por temperatura controlada e umidade adequada, proporcionando um ambiente propício ao desenvolvimento saudável do neonato. Além disso, a nutrição adequada também emerge como um aspecto de suma importância. Quando a mãe está presente e apta a amamentar seus filhotes, a preocupação com a alimentação é mitigada. Contudo, na ausência dessa possibilidade, torna-se imperativo fornecer uma alternativa nutricional adequada. Recomenda-se o uso de uma fórmula específica para gatinhos, a qual deve ser administrada em intervalos regulares e frequentes, pois os filhotes possuem reduzida capacidade

gástrica, demandando uma alimentação regular para atender suas necessidades nutricionais e promover um crescimento saudável. Cuidados com a micção e defecação também são importantes, uma vez que essas funções fisiológicas são geralmente estimuladas pela mãe. Em sua ausência, recomenda-se massagear suavemente a região genital do filhote com uma toalha úmida e morna, replicando assim a ação da lambertura materna. Tal procedimento é crucial para garantir a eliminação adequada de resíduos corporais e prevenir a ocorrência de problemas relacionados à retenção urinária ou fecal. Além dos cuidados já mencionados, é crucial atentar para parâmetros adicionais, como o ganho de peso dos filhotes. A rotina de pesagem diária ou semanal possibilita um controle meticuloso do desenvolvimento do animal. Portanto, é notória a necessidade desses cuidados, pois sua importância é evidenciada pela fragilidade e vulnerabilidade dos neonatos felinos, os quais dependem inteiramente dos cuidados maternos (ou humanos quando estes estão ausentes).

Palavras-chave: Neonatologia, gatos, filhotes, tríade neonatal, nutrição neonatal felina.

Referências bibliográficas:

GRUNDY, S.A. Clinically relevant physiology of the neonate. **Vet. Clin. Small Anim.**, v. 36, n. 3, p. 443-459, 2006.

PEREIRA, Keylla Helena Nobre Pacífico et al. Neonatology: Topics on puppies and kittens neonatal management to improve neonatal outcome. **Animals**, v. 12, n. 23, p. 3426, 2022.

PRATS, A.. **O Exame clínico do paciente pediátrico**. In: Neonatologia e pediatria: canina e felina. Interbook: São Caetano do Sul – SP, 2005, p. 96-113.

SORRIBAS, C. E. **Atlas de neonatologia y pediatria em caninos**. 1. ed. Buenos Aires: Inter-Médica, 2007.

COMPLEXO DE GENGIVO-ESTOMATITE FELINA: RELATO DE CASO

(Feline gingivostomatitis complex: case report)

Gabriela Veloso Machado^{1*}, Débora de Lima Araújo¹, Daniela Maria Bastos de Souza²,
Cristiano Cavalcanti Lira³

¹Graduanda da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

²Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

³Médico Veterinário, Clínica ACVET+, São Lourenço/Pernambuco.

*E-mail para correspondência: gabriela.velosom@ufrpe.br

RELATO

A medicina felina vem sendo cada vez mais estudada e explorada dentro da medicina veterinária, impulsionada pela crescente conscientização dos tutores e pelas demandas cada vez mais complexas encontradas na prática clínica diária. Dentre estes aspectos, podemos destacar o complexo de gengivo-estomatite felina (CGEF) como a segunda maior causa de patologias orais em felinos, sendo definida como uma lesão inflamatória que pode favorecer cálculos dentários e úlceras peridentárias com sua etiologia ainda desconhecida. Os felinos acometidos apresentam sinais clínicos típicos de dor oral intensa com capacidade reduzida de preensão alimentar, ptialismo, desidratação, comportamento de higiene reduzido e halitose. Devido à dor, o animal pode apresentar letargia, hiporexia ou anorexia, perda de peso e alterações comportamentais, com grande prejuízo para seu bem-estar. O propósito deste estudo foi descrever um caso de CGEF em um felino, SRD, fêmea, de 7 meses de idade, atendida na clínica ACVET+, sendo observado no animal; inanição, manutenção da ingestão hídrica, sialorreia intensa, desidratação, mucosa hipercorada, perda de peso, gengivite, hipertermia e lesão nos lábios na região direita, submetido a cuidados intensivos com internamento por 4 dias. Foi determinado protocolo terapêutico com antibacterianos, como Clindamicina® de BID por 3 dias e Metronidazol® de BID por 4 dias. Com objetivo de promover analgesia multimodal, efeito anti-inflamatório e antipirético, utilizou-se o Flamavet 0,2%® de SID por 4 dias, Dipirona®, de BID por 4 dias; Cloridrato de Tramadol® BID por 3 dias e suplementação com o Bionew®, diluído e administrado lentamente SID por 4 dias, em virtude da condição de inanição. Por via tópica, foi aplicada na lesão a pomada Omcilin®, de BID, durante 4 dias. Após a alta do paciente, foi prescrito por via oral um antibacteriano, Oralguard® 50 mg, BID durante 7 dias; um anti-inflamatório, Meloxicam® 0,5 mg, de SID por 4 dias, um vermífugo e uma pomada corticoide, Omcilin®, para uso tópico de BID durante 7 dias para ser aplicado nas lesões orais. As medicações foram administradas com um intervalo de uma hora, associadas à dieta pastosa. Após 10 dias de tratamento, o animal respondeu bem à terapia instituída e não houve necessidade de mais intervenções. Dentre os exames laboratoriais, foi solicitado hemograma com pesquisa, o qual apresentou

amostra negativa para hemoparasitos, eritrograma e plaquetas dentro dos valores padrões, hiperproteinemia e eosinofilia relativa. Houve também a realização do teste de FIV-FeLV, o qual foi de não reagente. Ademais, o tratamento também pode ser realizado por meio de administração de antibiótico; interferon-ômega recombinante felino, em casos de quadros virais, como positivos para FIV-FeLV e lactoferrina em processos inflamatórios crônicos. Contudo, imunossupressores são contraindicados em infecções virais, sendo necessário diagnóstico antes de iniciar o tratamento. A intervenção cirúrgica em casos graves e o laser também são indicados para evitar a extração dentária, devido à capacidade de diminuir a carga bacteriana, a proliferação celular e inflamação do tecido oral, segundo Sousa Filho et al. (2017). Como alternativa intervencionista, o estudo de PEREGO (2020), traz a implantação de ouro, em doenças autoimunes, para inibição de enzimas lisossomais.

Palavras-chave: Sialorreia, Lesão, Oral.

CARDIOMIOPATIA DILATADA FELINA

(Feline dilated cardiomyopathy)

Luana Angelo Candido Aranha^{1*}, Moacir Bezerra de Andrade¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

*E-mail para correspondência: luanaangelo99@hotmail.com

RESUMO

A cardiomiopatia dilatada é caracterizada por uma degeneração progressiva com adelgaçamento do miocárdio, diminuindo assim a contratilidade desse músculo e por conseguinte a sua fração de ejeção. Com a diminuição do débito cardíaco, mecanismos compensatórios são acionados para o aumento do volume circulante, esse acréscimo sobrecarrega o ventrículo esquerdo, o qual é responsável pela ejeção do sangue para o corpo e tem a sua musculatura normalmente mais desenvolvida, ocasionando uma disfunção ventricular sistólica esquerda e posteriormente atrofia dos músculos papilares e das valvas atrioventriculares. Dessa forma ocorre o remodelamento ventricular esquerdo e, com a progressão da doença, a dilatação de todas as câmaras cardíacas, dando a esse órgão um aspecto globoso. Nos felinos essa doença está comumente associada a deficiência de taurina, um aminoácido presente na musculatura esquelética, cardíaca e na retina, sua função está diretamente relacionada ao controle da osmolalidade e ao fluxo de íons cálcio e sódio transmembrânicos. Esse aminoácido também atua regulando os mecanismos de sístole e diástole, acredita-se que por meio do controle dos canais de cálcio dessa musculatura, sendo assim, na sua ausência, o miocárdio perde força de contração, já que o cálcio é fundamental nesse processo. Além disso, apesar da menor frequência, a cardiomiopatia dilatada em felinos também pode estar associada a doenças virais, como a imunodeficiência felina (FIV) e a leucemia felina (FELV); metabólicas, toxemias ou ainda ser de caráter idiopático. Ademais, potenciais sinais clínicos observados são: letargia, fraqueza, dificuldade respiratória, intolerância ao exercício, tosse, anorexia, ascite, desidratação, hipotermia, pulso femoral fraco, ausculta cardíaca em ritmo de galope e sopro. Além disso, uma complicação especialmente frequente em felinos acometidos por essa condição é o tromboembolismo arterial, que é a formação de um coágulo sanguíneo que bloqueia ou prejudica o fluxo de sangue de uma artéria. Isso ocorre devido ao fluxo sanguíneo intracardíaco deficiente, o que provoca uma estase sanguínea e formação de coágulos. Já a maior predisposição dos gatos se dá pela maior sensibilidade das suas plaquetas a serotonina, presente devido a exposição no endocárdio na dilatação. Para o diagnóstico diferencial dessa condição é indicado o ecodopplercardiográfico, exame que vai medir a fração de encurtamento e a dilatação sistólica final, podendo caracterizar a doença com menos de 35% e mais de 12mm respectivamente. Entretanto, outros exames podem ser sugestivos, como a radiografia torácica que pode evidenciar o aumento das

câmaras cardíacas e o eletrocardiograma para observar possíveis arritmias, sendo a mais característica dessa condição a fibrilação atrial. Tratamentos para cardiomiopatia envolvem inotrópicos positivos, inibidores de enzima conversora de angiotensina, diuréticos e suplementação com taurina. Objetivou-se com o trabalho realizar uma síntese bibliográfica, buscando elucidar o tema de forma elementar. Este é um estudo de revisão bibliográfica, onde foram utilizados instrumentos científicos digitais de busca através de palavras chave e leitura de referenciais bibliográficos. Como resultado de tal pesquisa foi possível absorver e compartilhar conhecimentos sobre a temática. Diante o exposto, observamos que a cardiomiopatia dilatada felina é um importante tema a ser explorado e estudado por acadêmicos e profissionais na medicina veterinária.

Palavras-chave: Miocárdio, medicina felina, insuficiência cardíaca.

Referências bibliográficas:

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. p. 98-100.

COSTA, G. R. da. **Cardiomiopatia dilatada por deficiência de taurina em gatos – revisão de literatura**. DSpace Uniceplac, 3 set. 2021. Disponível em: <<http://dspace.uniceplac.edu.br>>. Acesso em: 02 maio 2024.

CORREA, J.; TAVARES, J. H. **Cardiomiopatia dilatada em gato: relato de caso**. Anais da Mostra de Iniciação Científica do Cesuca, ISSN 2317-5915, n. 16, p. 520-521, 2022.

THAIS et al. **Cardiomiopatia dilatada felina - relato de caso**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <<https://www.conhecer.org.br/enciclop/2014b/AGRARIAS/cardiomiopatia.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2024.

MANEJO NUTRICIONAL DE GATOS DIABÉTICOS

(Nutritional management of diabetic cats)

Pedro Henrique Luiz dos Santos^{1*}, Maria Clara Moura Oliveira de Souza¹, Priscila Antão dos Santos¹, Júlio Cezar dos Santos Nascimento¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE;

*E-mail para correspondência: pedro.henriqueuiz@ufrpe.br

RESUMO

Diabetes mellitus é um dos distúrbios endócrinos bastante comum em gatos, é representada por altos níveis de glicose no sangue e na urina devido ao mal funcionamento do pâncreas, produtor de insulina. Estima-se que 1 em cada 200 gatos domésticos tenham diabetes. A diabetes quando não é tratada, pode trazer sérios problemas para a saúde dos felinos, como a cetoacidose diabética, desidratação, perda de peso, cegueira, problemas urinários e morte. Pensando nisso, o objetivo da pesquisa foi realizar uma revisão bibliográfica da literatura acerca de como o manejo nutricional pode melhorar a saúde e qualidade de vida em gatos diabéticos. Foram pesquisados estudos publicados entre 2015 a 2023, nas plataformas de dados online: Periódico Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico. Para busca das referências foram utilizados os descritores em cruzamento com o operador booleano and, da seguinte forma: diabetes mellitus, alimentação, felinos, Felinos as respectivas palavras em inglês diabetes mellitus, food, cats. Existem vários fatores predisponentes que devem ser levados em conta, entre os que destacam idade (avançado), sexo (macho), estilo de vida (sedentário) e peso corporal (sobrepeso/obesidade). Gatos com obesidade apresentam 3,9 vezes mais chance de desenvolver diabete Mellitus do que um gato em escore de condição corporal ideal. Na maioria dos felinos a doença se assemelha a diabetes tipo 2. A gerência de uma boa nutrição dos gatos tem um papel importante no controle da diabetes, contribuindo na regulação dos níveis de glicose e ajudando na qualidade de vida dos animais afetados com essa enfermidade. Os felinos diabéticos geralmente se beneficiam de uma dieta com teor reduzido de carboidratos (< 15%) e alto teor de proteínas (> 50%). Assim, ajuda a reduzir altos níveis de glicose no sangue após as refeições. As fibras alimentares também desempenham uma função significativa na regulação dos níveis de glicose, sendo aconselhável o uso de aproximadamente 12% de fibras insolúveis na alimentação, promovendo uma digestão mais lenta e estável beneficiando com o controle glicêmico de gatos diabéticos. É indispensável organizar uma rotina alimentar eficiente para gatos diabéticos. Oferecer a comida de forma que seja regular e controlado, diminuindo picos de glicose no sangue. A quantidade do alimento deve ser vista e analisada para ser corrigida conforme necessário, garantindo um peso saudável e estável ao animal. Portanto, é notável que o manejo nutricional se encarrega de

um papel bastante importante no controle da diabetes mellitus em gatos. Uma dieta regrada, planejada e adequada de uma forma constante e controlada, supervisionada diariamente pelo tutor e periodicamente pelo zootecnista/veterinária são essenciais para garantia de uma vida de qualidade, com uma expectativa de vida bastante longa com conforto para os felinos diabéticos.

Palavras-chave: Alimentação, Diabete Mellitus, Distúrbio, Felinos.

Referências bibliográficas:

JANUÁRIO, E. Endocrinologia de cães e gatos. **Editora Payá** 2020.

MERCHÁN, PEP. Manejo nutricional práctico del gato diabético. **Argos: Informativo Veterinario**, n. 234, p. 60-61, 2021.

MOLINA, J; VILLAVERDE, C; ABAD, M. H. Manejo nutricional de un gato obeso con diabetes mellitus felina. **Argos: Informativo Veterinario**, n. 169, p. 76-80, 2015.

ZAUZA, B. I.; MATTEI, A. S. Remissão diabética de um felino sem raça definida: Relato de caso. **Pubvet**, v. 17, n. 11, p. e1480-e1480, 2023.